

**FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS -
POSLIN**

Francis Arthuso Paiva

**A LEITURA DE INFOGRÁFICOS DA REVISTA
SUPERINTERESSANTE: procedimentos de leitura e
compreensão**

**Belo Horizonte
2009**

Francis Arthuso Paiva

**A LEITURA DE INFOGRÁFICOS DA REVISTA
SUPERINTERESSANTE: procedimentos de leitura e
compreensão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística
Linha de pesquisa: 3C – Linguagem e Tecnologia
Orientadora: Dra. Carla Viana Coscarelli

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009**

Para **Mary**, que sempre me apoia e me
espera. Agora vamos, meu bem, deixe o quarto
como está.

AGRADECIMENTOS A:

Professora. Dra. Carla Viana Coscarelli, por acreditar no meu trabalho e orientá-lo de forma sempre atenciosa e pelo bom humor.

Professora Juldete Belém por outras orientações.

Professores do POSLIN, com quem cursei disciplinas, que contribuíram muito com este trabalho.

Ana Elisa Ribeiro por possibilitar minha coleta de dados no CEFET-MG.

Minhas colegas de Teleduc.

Meus colegas de disciplinas.

Pai, Mãe e Irmãos, sempre pelo apoio.

Allisson Paiva, meu tradutor.

RESUMO

O infográfico é um gênero jornalístico muito utilizado pela imprensa nas mídias convencionais e digitais. A falta de pesquisa a respeito desses textos na linguística de gêneros e do texto e, conseqüentemente, sua inexpressiva presença nos livros didáticos de Língua Portuguesa nos motivou a estudá-lo. Nosso objetivo foi verificar as regularidades e tipificações do infográfico da revista Superinteressante para conceituá-lo como gênero do discurso e não apenas um recurso do design gráfico que acompanha outros gêneros. A partir disso, verificar também quais procedimentos de leitura são utilizados pelo leitor de infográficos e como esses procedimentos influenciam na compreensão das informações veiculadas pelo infográfico da revista Superinteressante. Utilizamos uma metodologia de análise de gêneros filiada à perspectiva sociorretórica. Seleccionamos um conjunto de 10 infográficos de sete edições da revista mensal Superinteressante para analisá-los no tocante a regularidades e tipificações da sua produção e leitura. Constatamos haver uma categoria de infográficos na revista a que demos o nome de infográficos de orientação ao conhecimento, que se divide em dois tipos: infográficos de informação ordenada temporalmente, subtipo linha do tempo e infográficos de informação simultânea, este, por sua vez se subdivide em universais e singulares. A partir dessa conceituação, realizamos uma coleta de dados através de dois instrumentos. Na primeira, realizamos um protocolo verbal com cinco infográficos do conjunto analisado, cada qual lido por um participante, no intuito de analisar os procedimentos do leitor: a produção da leitura. Na segunda coleta, aplicamos um questionário com questões sobre um 11º infográfico, também da revista Superinteressante, que reúne características dos tipos e subtipos supracitados, a fim de verificar o produto da leitura, isto é, a compreensão das informações. Os dados foram confrontados e analisados. Concluímos que o infográfico é um gênero, em decorrência das regularidades e tipificações encontradas, sobretudo, sua recorrência, tanto na produção quanto na leitura, em integrar informações dispostas nos modos verbais e visuais de forma simultânea; sua organização multimodal. Além disso, apontamos mais seis constatações relativas aos procedimentos de leitura e suas conseqüências na compreensão das informações do infográfico de orientação ao conhecimento que reforçam essa conclusão. Esperamos ter contribuído para futuras pesquisas sobre infográficos, inclusive sobre os digitais, não apenas para o campo da linguística, mas também para o jornalismo, bem como ter fornecido dados úteis para o ensino e produção do gênero infográfico ou até mesmo para outros textos visuais informativos.

PALAVRAS-CHAVE:

Gêneros; Multimodalidade; Leitura; Infográficos.

ABSTRACT

The Infographic is a journalistic genre highly used by the press not only in conventional but also in digital media. The lack of research concerning this text in genre and textual linguistics and consequently its inexpressive presence in Portuguese language didactic books has motivated us to analyze it. Our aim has been not only to verify Superinteressante Magazine infographic regularity and typification in order to conceptualize it as a discourse genre instead of a merely Graphic design device which follows other genres but also to confirm which reading procedures are used by the infographic reader and how these procedures affect the comprehension of the information present in Superinteressante Magazine infographics. A genre analysis methodology based on the sociorhetorical perspective has been applied. A collection of ten infographics from seven editions of the monthly Superinteressante Magazine has been selected so as to be analyzed regarding the infographics production and reading regularity and typification. We were able to ascertain the existence of a category of infographics in the magazine which has been named by us knowledge orientation infographic, which, by the way, is subcategorized in two types: time ordered information infographic, timeline subtype, and simultaneous information infographic. This one might be subcategorized as universal and single. Given this conceptualization, data gathering through two methodologies has been developed. The first methodology consisted of a verbal protocol with five infographics from the analyzed group, each one read by a participant, aiming to analyze the reader's procedures towards the reading production. As regards the second data gathering methodology, a questionnaire on the subject of a 11th infographic also from Superinteressante Magazine which assembles characteristics from the types and subtypes of infographics mentioned above has been applied aiming the reading product, which may be understood as the comprehension of the information. The data has been collated and analyzed. It has been concluded that the infographic is a genre, due to its regularity and typification especially its recurrence not only in production but also in reading, integrating information presented in verbal and non-verbal ways simultaneously in its multimodal organization. Moreover, we present other six observations related to the reading procedure and their consequence to the comprehension of the knowledge orientation infographic which reinforces our conclusion. We expect having contributed to future researches related to digital and non-digital infographics, not only to the linguistic field but also to the journalistic field, as well as providing useful data to infographic teaching and production or even to other visual informative texts.

KEYWORDS:

Genres; Multimodality; Reading; Infographics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Tipos de infográfico, 26
- Figura 2 – Relação de ângulo horizontal, 42
- Figura 3 – Relação de ângulo vertical, 43
- Figura 4 – Nível de modalidade, 44
- Figura 5 – Zonas de informação, 47
- Figura 6 – Modelo de leitura reestruturado, 52
- Figura 7 – Infográfico 1: Supermaratona, 63
- Figura 8 – Infográfico 2: Casa do presidente, 65
- Figura 9 – Infográfico 3: Perdidos no espaço, 67
- Figura 10 – Infográfico 4: A missão que vai bombardear a Lua, 69
- Figura 11 – Infográfico 5: A nova malhação, 71
- Figura 12 – Infográfico 6: Tchau, sujeira, 73
- Figura 13 – Infográfico 7: Narcotráfico dá pouco dinheiro, 74
- Figura 14 – Infográfico 8: Guia rodoviário dos oceanos, 76
- Figura 15 – Infográfico 9: Che Guevara, 79
- Figura 16 – Infográfico 10: Já era!, 81
- Figura 17 – Infográfico 11: Insurgência Máxima, 115
-
- Gráfico 1 – Respostas questão 01, 121
- Gráfico 2 – Respostas questão 02, 122
- Gráfico 3 – Respostas questão 06, 128
-
- Quadro 1 – Critérios de análise das regularidades na produção do infográfico, 30
- Quadro 2 – Quadro com os tipos de processos, 34
- Quadro 3 – Quadro com os tipos de processos no visual, 37
- Quadro 4 – Relações de distância, 41
- Quadro 5 – Critérios de análise das regularidades na textualidade do infográfico, 50
- Quadro 6 – Critérios de análise das regularidades na leitura do infográfico, 57
- Quadro 7 – Regularidade do infográfico universal, 68
- Quadro 8 – Regularidade do infográfico singular, 75
- Quadro 9 – Regularidade do infográfico linha do tempo, 82

- Quadro 10 – Infográficos analisados no protocolo verbal, 92
- Quadro 11 – Procedimentos do protocolo verbal, 92
- Quadro 12 – Questionário do protocolo verbal, 93
- Quadro 13 – Itens de observação no protocolo verbal, 94
- Quadro 14 – Perguntas relativas ao item de observação – relação leitor e produtor, 95
- Quadro 15 – Perguntas relativas ao item de observação – relação leitor e texto, 99
- Quadro 16 – Descritores do SAEB, 116
- Quadro 17 – Questionário de interpretação, 117
- Quadro 18 – Itens de observação no questionário de interpretação, 120

- Tabela 1 – Categorias/Tipos/Subtipos, 59
- Tabela 2 – Tipos jornalísticos de infográficos na Superinteressante, 60
- Tabela 3 – Confronto entre tipo-seção e estruturas, 61
- Tabela 4 – Configuração da estrutura: infográfico 1, 62
- Tabela 5 – Configuração da estrutura: infográfico 2, 64
- Tabela 6 - Configuração da estrutura: infográfico 3, 66
- Tabela 7 - Configuração da estrutura: infográfico 4, 70
- Tabela 8 - Configuração da estrutura: infográfico 5, 70
- Tabela 9 - Configuração da estrutura: infográfico 6, 72
- Tabela 10 - Configuração da estrutura: infográfico 7, 72
- Tabela 11 - Configuração da estrutura: infográfico 8, 75
- Tabela 12 - Configuração da estrutura: infográfico 9, 80
- Tabela 13 - Configuração da estrutura: infográfico 10, 82
- Tabela 14 – Configuração dos elementos de interação nos infográficos, 84
- Tabela 15 – Integração verbo-visual: Infográfico 11 Insurgência Máxima, 114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – carta ao leitor	11
CAPÍTULO 1- um lead	13
1.1 Justificativa – temos uma história	13
1.2 Objetivos gerais	17
1.3 Objetivos específicos	17
CAPÍTULO 2 – referencial teórico: à pesquisa	18
2.1 Perspectiva sociorretórica de gênero	18
2.2 Metodologia para o estudo de gênero na concepção sociorretórica – o manual de redação	22
2.3 O infográfico para o jornalismo: notícias da redação	23
2.3.1 Tipologia de infográficos para o jornalismo	25
2.3.2 Relações de autoria	28
2.4 Multimodalidade - texto e imagem: design	31
2.4.1 Semiótica social	32
2.4.2 Gramática sistêmico-funcional	33
2.4.2.1 Metafunção ideacional	34
2.4.2.2 Metafunção interpessoal	35
2.4.2.3 Metafunção textual	35
2.4.3 A gramática do design visual	36
2.4.3.1 O ideacional no visual	36
2.4.3.2 O interpessoal no visual	40
2.4.3.3 O textual no visual	46
2.4.4 A análise multimodal	48
2.5 Leitura do infográfico: pensando no leitor	50
2.5.1 Leitura e hipertextualidade mostrada e constitutiva	54
CAPÍTULO 3 – a produção do infográfico: a redação	58
3.1 O conjunto de infográficos de orientação ao conhecimento	58

3.1.1 Infográficos do tipo informação simultânea – subtipos universal e singular	62
3.1.1.1 Por que infográficos de informação simultânea?	77
3.1.2 Infográficos do tipo informação ordenada temporalmente – Linha do tempo	78
3.1.2.1 Por que infográficos de informação ordenada temporalmente – linha do tempo?	78
3.1.3 Por que infográficos da categoria orientação ao conhecimento?	83
3.2 Resumo do capítulo	86
CAPÍTULO 4 – A leitura: Já nas bancas!	88
4.1 Coleta de dados	88
4.1.1 Natureza dos instrumentos de coleta de dados	90
4.1.2 Sujeitos da pesquisa	90
4.2 O protocolo verbal	91
4.2.1 Material	91
4.2.2 Descrição do Protocolo verbal	92
4.2.3 Análises dos dados do protocolo verbal	94
4.2.3.1 Relação entre leitor e produtor	94
4.2.3.2 Relação entre leitor e texto	98
4.2.3.3 Modelo de leitura do infográfico	109
4.3 O Questionário de interpretação	111
4.3.1 Material	111
4.3.2 Descrição do questionário de interpretação	116
4.3.3 Análise dos dados do questionário de interpretação	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICE I – Itens de avaliação e respostas dos protocolos verbais	142

APÊNDICE II – Transcrição na íntegra dos protocolos verbais	157
APÊNDICE III – Análise da integração entre os modos verbais e visuais do infográfico 11 – Insurgência Máxima	185
APÊNDICE IV – Questionário de interpretação para o participante sobre o infográfico 11	200
APÊNDICE V – Respostas às questões 04 e 05 do questionário de interpretação	202

INTRODUÇÃO – carta ao leitor

Este trabalho surgiu graças a motivações pessoais e profissionais. Pessoais porque sou leitor de infográficos desde quando me tornei leitor frequente da revista Superinteressante há seis anos e há certo tempo observo que esses textos passaram a ser utilizados em outros meios de comunicação como em jornais e na internet. Também por motivações profissionais porque é um texto que não está presente em sala de aula, seja nos manuais do professor, seja nos cursos de formação desse professor.

Embora seja um trabalho de motivação pessoal, a pessoa utilizada neste trabalho é a primeira do plural, para incluir aqueles que aceitaram meu trabalho e contribuíram para que ele se realizasse.

É um trabalho da linguística aplicada e linguística de gênero, por isso é multidisciplinar. Nossa concepção de leitura é de filiação cognitiva. Utilizamos uma metodologia de pesquisa de gêneros que mais se relaciona com nossos objetivos e uma teoria semiótica para análise dos modos verbais e visuais do infográfico. Utilizamos dois instrumentos de coleta de dados muito utilizados em pesquisas sobre leitura, além de pesquisas do campo da comunicação para entender o infográfico a partir de seus produtores.

Por influência do meio jornalístico, criamos uma analogia entre as etapas deste trabalho e as etapas de criação de uma matéria jornalística, a começar por esta introdução que é uma carta ao leitor. Cada capítulo e algumas seções possuem subtítulos que fazem alusão às etapas de produção e recepção do texto jornalístico. Esperamos com isso tornar a leitura mais agradável e dar a dimensão de como foram nossas etapas no trabalho de pesquisa. Foi pensando no nosso leitor que criamos os capítulos do modo como eles foram concebidos. Em uma seção do capítulo 2, reunimos uma descrição dos itens de análise da Gramática do design visual, importante para que seja possível entender as análises nos capítulos posteriores. No entanto, ao ler os capítulos de análises, o leitor é convidado a conferir a página em que se encontra o respectivo item da gramática utilizado nas análises, caso não considere ler todos os itens antes, do modo como foram organizados no capítulo 2 ou deseje revê-los.

No capítulo 3, em que analisamos a textualidade do infográfico, há dez infográficos e suas respectivas análises. Optamos por colocá-los na sequência de análise para que a leitura delas não ficasse fragmentada. Existe também a análise de um décimo primeiro infográfico,

encontrada nos apêndices, em função da extensão da análise, embora apresentemos uma tabela reunindo as principais conclusões dessa análise no capítulo 4. No decorrer do trabalho, há outras referências a suas partes, a cuja página nos referimos, ficando a cargo do leitor voltar ou não à parte indicada, a depender da sua necessidade. Cada capítulo é introduzido por um parágrafo que explica suas seções, objetivos e divisão.

Esperamos promover boas discussões a respeito de leitura, leitura de textos visuais informativos e infográficos.

O texto chega ao fim para ser exposto aos nossos pares, mas o trabalho continua:

“As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão”.

Drummond

“O senhor tolere minhas más devassas no
contar (...) ele quer saber tudo diverso: quer
não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa,
a outra-coisa. Agora, neste dia nosso, com o
senhor mesmo – me escutando com devoção
assim – é que aos poucos vou indo aprendendo
a contar corrigido. E para o dito volto”.

Do Riobaldo, do Rosa...

CAPÍTULO 1- um lead

Neste capítulo introdutório, apresentamos a justificativa e os motivos que nos levaram à escolha do infográfico como objeto de estudo. Uma revisão bibliográfica de pesquisas e estudos nos campos da linguística e da comunicação a respeito do infográfico que fundamentará nossa investigação, além de elegermos nossa concepção de linguagem e de estudo dos gêneros. Feito isso, apontamos nossa metodologia e os instrumentos de análise, além de apresentar nossa coleta de dados, enquadrando-a num modelo de pesquisa qualitativo. Para finalizar, apresentamos nossos objetivos.

No Capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos desta dissertação, a começar pela apresentação das ideias da perspectiva sociorretórica de análise de gêneros, seção 2.1 e sua metodologia, seção 2.2. Na seção 2.3, apresentamos as concepções de infográfico para o jornalismo. Na seção 2.4, apresentamos a teoria semiótica a ser utilizada para análise da composição; da textualidade do infográfico. E na seção 2.5, a concepção de leitura que embasa esta pesquisa. Será no final desse capítulo que vamos propor os critérios de análise do infográfico seja do ponto de vista da sua produção, seja do ponto de vista da recepção.

O Capítulo 3 é reservado à análise da composição do infográfico com base no referencial teórico apresentado no capítulo 2, a partir da qual surgiram a categoria e os tipos de infográficos defendidos por nós.

O Capítulo 4 apresenta as análises dos dados coletados nos dois instrumentos a respeito da leitura do infográfico, bem como o confronto dessas análises e suas conclusões.

Nas Considerações finais, fazemos um apanhado de todas as análises e conclusões da pesquisa e suas possíveis contribuições.

1.1 Justificativa – temos uma história

A evolução na tecnologia de informação reforçou no homem sua necessidade por comunicação, pois, desde as pinturas nas cavernas à Web, cercamo-nos de invenções capazes de garantir informação sobre os mais diversos campos do conhecimento. Iniciar essa linha do tempo com as pinturas rupestres não é preciosismo de nossa parte, mas sim uma maneira de apontar a estreita relação que temos com o modo visual da informação. Para reforçar essa tendência, naturalmente, terminamos nossa linha com a Web, em cujo layout predomina a

imagem; entremeio, obviamente, ao verbal e sonoro, graças à integrabilidade de modos semióticos presente na rede mundial de computadores.

Atentos a essa especificidade estão os profissionais da informação, que buscam utilizar as ferramentas capazes de informar de modo mais visual seja nos suportes digitais como na Web, seja nos convencionais jornais escritos. Uma dessas ferramentas é o infográfico – informação mais gráfico –. Muito utilizado por revistas e jornais nas suas versões no papel ou on-line, goza de sucesso entre os leitores. Para o jornalismo, é um sub-gênero ou gênero complementar e para a linguística, um design gráfico complementar a outro gênero, ou gênero do discurso, conceitos sobre os quais discutiremos mais adiante. Seja qual for sua conceituação é fato que se trata de um texto de uso relevante na sociedade atual e merecedor de estudos, ainda muito incipientes, no campo da comunicação e da linguística. Por isso nos propomos a verificar os procedimentos de leitura do infográfico na sua versão convencional e como esses procedimentos interferem na compreensão das suas informações.

Essa pesquisa refere-se mais especificamente, portanto, à investigação acerca da leitura de infográficos da revista mensal Superinteressante da Editora Abril, publicação internacionalmente reconhecida pelo uso de infografia há mais de quinze anos no Brasil. A escolha pela leitura como foco dos estudos se deve a duas razões. A primeira de ordem pessoal, uma vez que acreditamos ser a leitura a habilidade primeira a ser desenvolvida em um indivíduo a fim de torná-lo produtor de textos também. A segunda de caráter pragmático, o fato de o infográfico ser um texto mais lido do que produzido pelas pessoas. Trata-se de um texto produzido numa esfera específica, sendo incomum sua produção em outras esferas de produtividade em massa como na esfera escolar por exemplo.

Elegemos o infográfico convencional, no papel, excluindo os digitais conhecidos como interativos, devido a circunstâncias como **complexidade** – infográficos interativos apresentam mais modos semióticos e recursos como links de hipertexto digital – aliada à **abrangência** da pesquisa – a dissertação de mestrado visa à descrição do objeto, que por ser complexo, exigiria uma pesquisa mais longa – e por fim razões de **credibilidade** – ao escolhermos uma revista consolidada no mercado como uma publicação infográfica, tornamos a investigação mais naturalística, caso contrário trabalharíamos com infográficos interativos isolados, o que mudaria o foco de nossa pesquisa, já que verificaríamos a leitura de um único texto e não de um exemplar de uma publicação cujos infográficos são frutos de um trabalho sistemático. Entretanto, não estamos negando a importância do estudo dos infográficos

interativos digitais, deixaremos isso para uma futura pesquisa, que aproveite, naturalmente, as conclusões desta, ou seja, sua consequência.

Nossa fundamentação teórica no tocante à análise de gêneros partirá da concepção de linguagem bakhtiniana (BAKHTIN, 2003), que, de modo geral, influencia todas as abordagens teórico-metodológicas de pesquisa de gêneros do discurso como afirma Marcuschi (2008, p. 152):

Como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa. Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem.

O que há, portanto, são perspectivas teóricas de pesquisa de gêneros sob a influência dos estudos do filósofo russo. Uma delas é a perspectiva sociorretórica de Miller (2009) e Bazerman (2006), influenciada, sim, por Bakhtin, mas também com laços em teorias antropológicas, sociológicas e etnográficas, por isso também é conhecida como sócio-histórica e cultural. Essa transdisciplinaridade gerou uma abordagem de pesquisa que atenta para o funcionamento histórico do gênero, bem como sua relação com o meio e as instituições que o produzem. É o gênero como ação social.

Essa será a perspectiva adotada por nós para análise do infográfico, porque desejamos justamente verificar o funcionamento do infográfico no suporte em que ele circula e sua relação histórica com seus leitores, ajudando-nos a cumprir nosso objetivo geral que é entender a produção de leitura do infográfico.

Vamos nos basear na metodologia de pesquisa de gênero utilizada por Carvalho (2005) cuja análise se filia à perspectiva sociorretórica ao se dividir na análise das quatro dimensões constitutivas do gênero.

Na primeira dimensão, para examinar *no conjunto de textos* as regularidades da produção do infográfico recorreremos aos trabalhos do Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico – daqui por diante NUPEJOC – da Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que se dedica a estudar o infográfico como em Teixeira (2006, 2007 e 2009) e Rinaldi (2007). Para analisar a recepção do infográfico, vamos utilizar instrumentos de coletas de dados, justificado mais adiante.

Para a segunda dimensão, no tocante ao *processo de composição implicados na criação destes textos*,¹ vamos utilizar a abordagem da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (2001, 2006), sobretudo as teorias da Gramática do design visual para a análise do modo visual, amparados na visão de discurso multimodal dos autores. Essa teoria se baseia nas metafunções da linguística sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen (2004), que também utilizaremos em algumas análises do modo verbal dos infográficos, na medida em que precisamos integrar os dois modos semióticos para compreender esse texto.

Na terceira dimensão, para análise das *práticas de leitura*, vamos adaptar o modelo de leitura de Coscarelli (1999), a fim de propor um modelo de leitura para o infográfico. Esse modelo de leitura é compatível com a análise da integração entre os modos semióticos presente nos infográficos e nos ajudará também a criar a coleta de dados desta pesquisa.

A partir desse modelo de leitura e da análise dos dois primeiros elementos, realizaremos uma coleta de dados com leitores com vistas a analisar os procedimentos do leitor na sua tarefa de ler o infográfico, ou seja, a produção da leitura. Para tanto, vamos lançar mão do instrumento protocolo verbal apresentado por Tomitch (2007). E utilizaremos um questionário de interpretação de um infográfico, com base nos descritores do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB – encontrados em Brasil (2008) para analisar o produto da leitura de um infográfico. Os dados serão confrontados para verificar como os procedimentos de leitura do infográfico influenciam na compreensão das suas informações.

Nas análises desses dados, vamos perceber também a quarta dimensão do gênero, *os papéis sociais desempenhados por escritores e leitores*.

Pelos procedimentos apresentados, esta pesquisa se encaixa no modelo qualitativo de pesquisa sobre os processos cognitivos, capacidades e estratégias (GASS e MACKEY, 2007), pois busca compreender o processamento cognitivo do leitor do infográfico.

¹ Carvalho (2005, p. 136) sugere o uso dos movimentos retóricos de Swales (1990) para análise do conjunto de textos, porém optamos por utilizar as categorias de abordagem da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (2001, 2006) para isso. Acreditamos que, dada as características de composição dos infográficos, sobretudo, o uso de imagens e textos verbais na sua construção, seria mais proficiente esta abordagem multimodal, em vez daquela, voltada para análise de textos acadêmicos, predominantemente monomodais. Reforça nossa escolha o fato de ambas as abordagens serem de base funcionalista, a partir da gramática sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen (2004), a quem também recorreremos nesta pesquisa.

1.2 Objetivos gerais

- a) Verificar as regularidades e tipificações do infográfico da revista Superinteressante.
- b) Verificar quais procedimentos de leitura são utilizados pelo leitor de infográficos e como esses procedimentos influenciam na compreensão das informações veiculadas pelo infográfico da revista Superinteressante.

1.3 Objetivos específicos

- a) Propor uma categoria e tipos de infográficos presentes na revista Superinteressante a partir da análise das suas regularidades e tipificações.
- b) Verificar como a organização dos modos semióticos no infográfico interfere nos procedimentos de sua leitura.
- c) Verificar como o design do infográfico influencia a compreensão das informações.

CAPÍTULO 2 – referencial teórico: à pesquisa

Este capítulo trata do referencial teórico utilizado nesta pesquisa. Ele possui cinco seções. A primeira enfatiza as concepções de língua, linguagem e gênero adotadas por nós. A segunda apresenta a metodologia de pesquisa para estudos de gêneros na perspectiva sociorretórica. A terceira apresenta a produção do infográfico na perspectiva do jornalismo. Já a quarta seção, traz o referencial teórico para analisar a textualidade do infográfico e a última seção apresenta nossas considerações sobre leitura. Essas teorias serão utilizadas para realizarmos as análises dos infográficos no capítulo 3, relativo à textualidade do infográfico e no capítulo 4, relativo à leitura do infográfico.

2.1 Perspectiva sociorretórica de gênero

Embora sejam vários os conceitos e metodologias de trabalho com os gêneros, todos possuem a natureza bakhtiniana de estudo do discurso. Eles derivam das seguintes ideias de Bakhtin (2003, p. 261-262):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Os gêneros do discurso são para ele formas de organização de enunciados até certo ponto regulares, porque cada esfera de uso da língua as organiza de modo particular. Isso dentro de uma visão de língua como atividade social, inerente à vida como o autor defende:

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2003, p.264-265)

Para ele, os gêneros são gerados pelos campos do conhecimento humano, como lemos abaixo:

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2003, p.266)

O que a corrente sociorretórica de estudo dos gêneros faz, filiando-se à perspectiva bakhtiniana, é afirmar que ao mesmo tempo, os gêneros agem sobre os campos de atividade humana, isto é, o gênero como ação social. São atos retóricos, porque quem escolhe determinado gênero para organizar seu discurso o faz não apenas por determinações do contexto da esfera de atividade a que ele pertence, mas também o faz por determinada motivação em busca de um efeito pretendido. Para Miller (2009a, p.30), a recorrência dessas ações retóricas é que importa ao analisar o gênero, pois podemos tipificá-las. Ela ressalta, contudo, que não se trata de recorrência no sentido cientificista:

Na explicação materialista, o recorrente levaria antes a generalizações científicas. A recorrência é inferida pela nossa compreensão de situações como sendo, de alguma forma, ‘comparáveis’, ‘similares’, ou análogas’ a outras situações.

Concomitantemente, essas ações geram respostas retóricas, que por sua vez também são recorrentes e passíveis de tipificação. Por esses motivos os gêneros são reconhecidos e usados pelas comunidades, que são chamadas de retóricas por Miller (2009b, p. 55):

As comunidades retóricas existem nas memórias humanas e nas suas instanciações específicas em palavras: não são inventadas do zero, mas persistem como aspectos estruturadores de todas as formas de ação sociorretóricas. Como os gêneros, as comunidades retóricas ‘existem’ em

uma hierarquia discursiva, não no espaço-tempo; elas existem, contudo, em um nível cumulativo muito mais elevado do que os gêneros. (...) ela trabalha em parte através do gênero, como o lugar operacional da ação social articulada, reproduzível, o nexa entre o privado e o público, o singular e o recorrente, o micro e o macro.

Para a autora, compreender as normas que regem uma comunidade retórica é essencial para compreender o gênero que elas produzem, porque os gêneros como ação e reposta retóricas não são entidades engessadas e imutáveis, já que as situações se diferem, embora advirem de um mesmo grupo. Como ressalta Carvalho (2005, p. 135) “o gênero tem um potencial estruturador da ação social porque é o elo e o mediador entre o particular e o público, entre o indivíduo e a comunidade”.

Outro autor que estabelece parâmetros para um estudo de gênero como ação social é Bazerman (2006) para quem é preciso observar as regularidades que geram recorrências, não apenas as regularidades da organização linguística, como também das situações retóricas. Os usuários envolvidos no uso do gênero é que dão pistas para chegar a essas regularidades, assim como denunciam os papéis sociais realizados por eles.

Bazerman (2006, p.22) apresenta uma abordagem capaz de demonstrar como os textos organizam as atividades de um grupo social:

Cada texto bem sucedido cria para seus leitores um *fato social*. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou *gêneros*, que estão relacionados a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de textos se acomodam em *conjuntos de gêneros* dentro de *sistemas de gêneros*, os quais fazem parte dos *sistemas de atividades humanas*. (Grifo do autor).

Para ele, um fato social é aquilo que uma pessoa considera como verdadeiro. Como são realizados pela linguagem, apenas considerar o que literalmente é dito não basta para analisar o que de verdadeiramente foi dito. Por isso, o linguista recorre à teoria dos atos de fala e amplia essa teoria para a noção de gênero, ou seja, os textos organizados em gêneros podem ser analisados em três níveis: o que foi literalmente dito, os enunciados – ato locucionário – o que pretendemos que o leitor entenda com o texto – ato ilocucionário – e o modo como os interlocutores entendem os atos – ato perlocucionário –. Isso nos permite compreender as proposições afirmadas pelos textos. Um texto de divulgação científica, por

exemplo, além de informar uma nova descoberta, pode possuir como ato ilocucionário a intenção de dizer que aquela descoberta pode melhorar a vida dos seres humanos.

Bazerman (2006, p. 29) vê nessa análise dos atos de fala uma justificativa para legitimar a criação e uso dos gêneros pelos usuários. Como nossos atos locucionários podem ter outras intenções e gerar compreensões diversas dos nossos interlocutores, fica evidente que não somos sempre imediatamente compreendidos, sobretudo em textos escritos, cujos interlocutores geralmente não estão face a face para corrigir equívocos. Por isso organizamos nossos enunciados em formas de comunicação de textos que já sabemos que funciona naquela determinada situação, pois as utilizamos em outra situação efetivamente com sucesso. Essas formas são os gêneros.

Por outro lado, essas formas tipificadas ou gêneros organizam a ação das pessoas também. Portanto, “este processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações, é chamado de tipificação” (BAZERMAN, 2006, p. 30). Essa tipificação é que permite o entendimento entre os interlocutores, porque os gêneros são formas mais ou menos estáveis moldáveis à situação específica na tentativa de aceitação mais fácil do ato ilocucionário do seu autor.

Essa visão reforça o viés histórico da abordagem sociorretórica, também com bases em Bakhtin:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Essa relação entre sociedade e linguagem se manifesta nas ações configuradas pelos gêneros através dos conjuntos de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades propostos por Bazerman (2006, p. 32-33). O primeiro diz respeito a todos os gêneros produzidos por uma pessoa em determinado campo de atividade humana, o que já denuncia as atividades realizadas por essa pessoa. O sistema de gêneros reúne os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que se relacionam. E o sistema de atividades são as ações que os sistemas de gêneros organizam. Reconhecer esse sistema é reconhecer o que as pessoas

fazem com o texto e não apenas reconhecer o texto na instância do enunciado apenas, encerrando em si mesmo.

2.2 Metodologia para o estudo de gênero na concepção sociorretórica – o manual de redação

Seguiremos a proposta metodológica de Carvalho (2005, p. 136-137) para estudo de gênero sob a perspectiva sociorretórica. A proposta segue as noções de regularidade e tipificação de Miller (2009a) e Bazerman (2006) e é elaborada seguindo quatro dimensões constitutivas do gênero, quais sejam:

1- O conjunto de textos.

Carvalho (2005, p. 136-137) propõe examinar que regularidades são aparentes em um conjunto de textos representativos de certo gênero, que regularidades são observáveis nos processos de produção e recepção, além das regularidades nos papéis sociais desempenhados por seus produtores e consumidores.

2- O processo de composição implicados na criação desses textos.

Nesta parte, investigar o evento causador da produção do texto, as fases de coleta e análise de informações para produção, a escrita propriamente dita, enfim, diz respeito à produção do texto.

3- As práticas de leitura usadas para interpretar os textos.

Investigar se o texto necessita de outros textos de apoio, onde? Por quê? Com que finalidades? O trânsito do leitor pelo texto: O que lê detalhadamente? O que lê por alto? Que partes ele pula? O conhecimento construído a partir do texto: que perguntas o leitor faz? Que informação privilegia? A utilização resultante da leitura: o que ele retextualiza e entende do texto?

4- Os papéis sociais desempenhados por escritores e leitores.

Observação das atribuições dos envolvidos, como, por exemplo, o grau de relações e de poder entre eles.

A seguir, vamos tratar das teorias e abordagens que serão nossos instrumentos de análise dessas quatro dimensões.

2.3 O infográfico para o jornalismo: notícias da redação

Nesta seção, vamos apresentar nossa fundamentação no que diz respeito à produção do infográfico. Propomos fazê-lo do ponto de vista da esfera de atividade em que ele é produzido e conseqüentemente a partir do profissional responsável por ele.

O infográfico existia em textos científicos, porém, ele passa a servir às publicações jornalísticas como uma resposta ao apelo visual da televisão principalmente na segunda metade do século XX como explica Teixeira, (2009, p. 08):

foi a partir da década de 80 que o uso da infografia se tornou mais freqüente, graças às *revoluções gráficas* protagonizadas pelo *USA Today* - em um tempo no qual se temia o avanço da televisão sobre a capacidade de informar do jornalismo impresso -, acentuando-se na década de 90, sobretudo durante a Guerra do Golfo. Não estamos falando, portanto, de um subgênero exatamente novo, mas também há quem defenda que não estamos falando de um subgênero com tempo de existência suficiente para ser compreendido de forma plena nas redações e mesmo na Academia.

Uma das preocupações da autora e do núcleo que ela coordena, o NUPEJOC, é apontar critérios e argumentos para a classificação do infográfico em gênero jornalístico. Para eles, o infográfico seria um sub-gênero do gênero jornalístico informativo. No jornalismo, há uma divisão entre dois gêneros que seriam o informativo e o opinativo e seus subgêneros, como a notícia, a reportagem, editoriais, crônicas entre outros. Porém, esta definição como subgênero está longe de chegar a um consenso:

à infografia jornalística cabe uma série de problemas de conceituação e compreensão que já começam pela indefinição sobre qual profissional deve ser responsável pela sua elaboração e concepção dentro de um veículo jornalístico, independentemente do suporte (impresso, eletrônico, digital). Não é para menos. No Brasil, o recurso raramente é discutido – apesar de profissionais brasileiros serem reconhecidos internacionalmente em função da qualidade dos infográficos que produzem - e na Espanha – onde já existe uma bibliografia mínima sobre o tema – não se chegou a um consenso sequer sobre a condição de gênero jornalístico a ser atribuído à infografia. Seria um gênero autônomo? (TEIXEIRA, 2007, P. 112)

Como vemos, a produção do infográfico é uma atividade recente, que carece de pesquisas, embora seu uso esteja em franca ascensão. Com relação à definição do infográfico como gênero, a autora se mostra em dúvida ao indagar se o infográfico seria um gênero autônomo. Isso porque para outros teóricos como Hidalgo (citado por Teixeira, 2007, p. 118)

o infográfico é um gênero jornalístico complementar, porque se apresenta acompanhado de outro texto informativo.

Posicionamento próximo a esse é encontrado em Dionísio (2006). Nas palavras da própria linguista para definir infográfico, não há intenção de tratá-lo como gênero: “uma das criações gráficas em alto crescimento no jornalismo impresso, telejornalismo e webjornalismo, que está alterando a forma de apresentação da escrita na nossa sociedade” (DIONÍSIO, 2006, p. 138). Logo após: “a leitura de um *gênero textual que contém infográfico* pode ser realizada de várias formas.” (DIONÍSIO, 2006, p.139, grifo nosso). Essa última citação deixa evidente sua posição em não considerar o infográfico um gênero textual, mas sim um recurso gráfico-visual que paralelamente acompanha um gênero jornalístico. Assim como na concepção de gênero jornalístico complementar, a linguista parece argumentar que o infográfico ocorre apenas acompanhado por outro gênero, sem o qual não produziria sentido. Na continuação do seu artigo, ao dar exemplos de como o infográfico pode ser lido, porém, ela dá pistas de que a leitura independente do infográfico é possível (DIONÍSIO, 2006, p. 139):

- (a) “Pode-se ler texto como um todo, isto é, o texto verbal principal + o infográfico.
- (b) Pode se ler apenas o texto verbal principal e olhar as imagens.
- (c) Pode-se ler apenas o infográfico, que possui seu próprio título e subtítulo”.

Na opção C, a autora afirma que a leitura de apenas o infográfico é possível e que ainda ele possui características de independência do texto verbal, como título e subtítulo. Os próprios autores espanhóis pesquisados por Teixeira (2006) fazem essa concessão:

(o infográfico é) realizado com elementos icônicos e tipográficos, que permite ou facilita a compreensão dos acontecimentos, ações ou coisas da atualidade, ou alguns dos seus aspectos mais significativos e acompanha ou substitui o texto informativo. (VALERO SANCHO citado por TEIXEIRA, 2006, p.3)

O autor considera, em alguns casos, ser possível o infográfico substituir o texto informativo, o que dá ao infográfico um caráter de independência. O que parece haver, portanto, é a falta de análise dos infográficos produzidos atualmente com o objetivo de verificar se, em todos os casos, eles são complementos de outros textos ou não; e se existe

variação: ora vem como acompanhamento, ora de modo independente, além de verificar se há critérios recorrentes para que seja feito de um modo ou de outro pelos seus produtores.

Como nosso objetivo é verificar as regularidades e tipificações de infográficos da revista Superinteressante para propor uma tipologia para eles, com o intuito de verificar como os procedimentos de leitura interferem na compreensão das suas informações, vamos nos basear numa tipologia apresentada por Teixeira (2007, p. 115).

Elegemos os estudos da autora como fundamentação da nossa análise, porque acreditamos na compatibilidade entre seus objetivos e os nossos, que são abordar o infográfico como gênero autônomo, e na compatibilidade de princípios teóricos, haja vista que a visão de gênero dela é próxima da perspectiva de gênero como ação social utilizada nesta pesquisa:

A classificação do jornalismo em gêneros cumpre, entre outras, uma função pedagógica de mão dupla. Primeiro, fazendo com que os jornalistas tenham modelos de referência e possam compreender melhor o próprio trabalho que fazem, aperfeiçoando-o; depois, fornecendo um esquema mínimo para o leitor que, até pelo hábito de leitura, consegue reconhecer formas diferentes de produção jornalística e seu significado enquanto resultado de uma complexa relação forma-conteúdo. (TEXEIRA, 2007, P. 117)

Vemos que a preocupação em definir o infográfico como gênero não é gratuita, voltada para a forma do texto, pois a autora reconhece ser complexa a relação com o conteúdo. Ao afirmar que o leitor cria esquemas, também reconhece existir uma tipificação do uso de um gênero, a partir das regularidades reconhecidas pelo leitor ao manter uma relação de uso constante com um texto. Lembramos que a tipificação é um pilar da perspectiva sociorretórica de estudo dos gêneros.

2.3.1 Tipologia de infográficos para o jornalismo

Não obstante, seja compatível e útil a tipologia de infográficos apresentada a seguir, trata-se de outro campo de estudo, com preocupações epistemológicas diferentes. Exemplo disso que deve ser ressaltado é a concepção do que é ou não é jornalismo para o pesquisador dessa área.

Ela (a infografia) deve ser, portanto, complementar à notícia ou à reportagem, de modo a enriquecer os conteúdos informativos, auxiliando na compreensão de fenômenos complexos ou na sistematização de dados diversos, sobretudo daqueles de ordem numérica. Durante anos, mais

precisamente entre 1994 e 2000, esta foi a principal característica da infografia na revista *Superinteressante* que conseguia superar o teor meramente didático, em nome do jornalismo de qualidade. Este tipo de recurso sempre acompanhava as matérias principais, não como apêndice, mas como instrumento complementar ao texto, com estrutura autônoma, mas relacionada à matéria de referência, como recurso obrigatório. Neste período, mais de 80% das reportagens da revista traziam alguma infografia, não raro em páginas duplas e com bastante destaque. Com a reforma editorial de 2000, no entanto, tais recursos continuaram presentes na revista, mas praticamente circunscritos a seções fixas destinadas a explicar as dúvidas do leitor sobre fenômenos cotidianos. Os infográficos são comuns também como recurso complementar às notas e notícias da seção “Supernova”, que traz, em textos curtos, informações sobre recentes descobertas científicas. (TEIXEIRA, 2006, p. 168)

Para ela, portanto, há dois propósitos para o uso do infográfico, um de caráter jornalístico e outro de caráter didático (de divulgação científica e tecnológica). O infográfico jornalístico é utilizado para complementar a informação veiculada em uma notícia ou reportagem e geralmente explica um fato trazido nesses textos com propósito de explicar como ele funciona, como aconteceu ou age. Por outro lado, há circunstâncias em que o infográfico possui caráter didático, ao apresentar-se sem o acompanhamento de uma reportagem ou notícia. Isso explica o fato de Dionísio (2006) considerar infográficos como recursos que acompanham gêneros textuais e não como gêneros textuais independentes.

Em um trabalho posterior, entretanto, Teixeira (2007, p. 114-115) propõe uma tipologia mais abrangente para os tipos de infográficos.

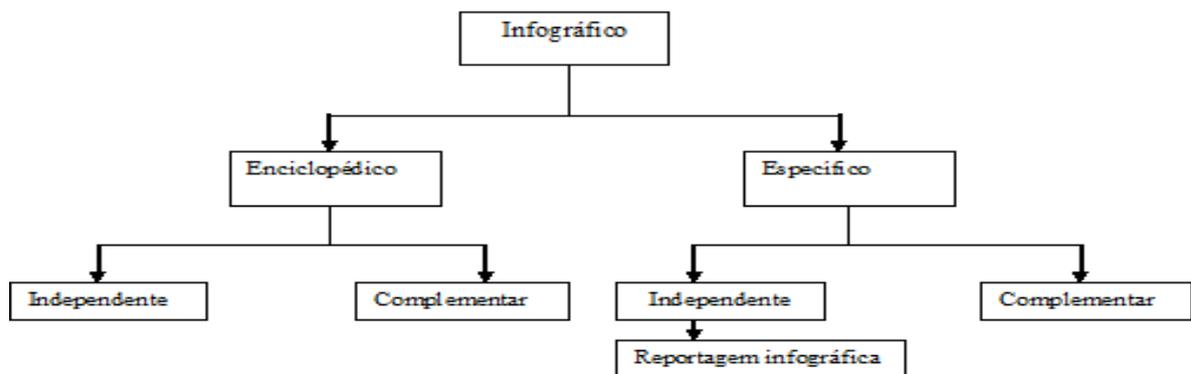


Figura 1 – Tipos de infográfico – Fonte Teixeira (2007, p. 114-115)

Como **Enciclopédico** estão aqueles infográficos centrados em explicações de caráter mais universal como, por exemplo, detalhes do funcionamento do corpo humano; como se formam as nuvens; o que são bactérias; o que é ciranda financeira; o que são partidos

políticos; quais são os controles e comandos da cabine de um avião, entre outros. Costumam ser, portanto, bastante generalistas.

Os infográficos são **Enciclopédicos Independentes** quando tratam de assuntos amplos sem acompanharem uma notícia ou reportagem. E são **Enciclopédicos Complementares** quando acompanhados de uma notícia ou reportagem tratando de assuntos amplos.

Já os infográficos **Específicos** são aqueles que se atêm a aspectos mais próximos da singularidade. São bastante comuns em casos como acidentes – reproduzem o que aconteceu a partir de depoimentos; quando se pretende explicar como ocorre um procedimento cirúrgico novo; após uma eleição, quando mostram a composição das assembleias a partir de panoramas estaduais e partidários e assim sucessivamente.

São **Específicos Independentes** quando o infográfico apresenta apenas um texto introdutório sem que haja uma reportagem que o acompanha ou quando se trata da reportagem infográfica, texto composto por um texto introdutório seguido de infográficos, que formam um infográfico complexo. E são **Específicos Complementares** quando acompanham notícias ou reportagens cujo tema é mais bem explicado pelo infográfico.

Há ainda a diferença entre infográficos individuais e complexos. Este é a composição de vários infográficos, formando um único, como nas reportagens infográficas; aquele, é a utilização de um único infográfico que acompanha uma reportagem ou notícia.

Percebemos que é uma classificação feita a partir da polarização de dois critérios. O primeiro, em relação ao assunto ser universal ou singular. Teixeira (2006, p. 171-172) explica-nos essa diferença:

Em outras palavras, um mapa é apenas uma informação, embora seja um recurso capaz de aliar imagem e texto. Mas este mesmo mapa quando destaca o lugar exato em que ocorreu um determinado massacre, acidente ou confronto, fornecendo informações relativas a alcance, modo e/ou dimensão, por exemplo, consegue sair do campo da geografia e do didatismo para se colocar ao lado da notícia como forma complementar e nem por isso menos importante. O mesmo acontece com os desenhos que pretendem explicar o funcionamento de um órgão humano ou de uma outra máquina qualquer. Quando apenas se atêm a algo conhecido pela Medicina ou Mecânica não se constituem em algo único e, portanto, inerente ao campo de abrangência do jornalismo, mas quando funcionam para ilustrar e esclarecer novas descobertas ou procedimentos, passam a ter função que supera a explicação pura e simples de um fenômeno.

Nesse caso, a autora segue a noção de que o jornalismo busca a singularidade, ou seja, fatos datados e não o que ela chama de assuntos enciclopédicos universais, com fins didáticos, atemporais. O segundo critério baseia-se na oposição entre gênero complementar ou independente; acompanhar outro gênero ou ser o gênero único.

2.3.2 Relações de autoria

Uma das observações das pesquisas do NUPEJOC é com relação à política editorial das publicações:

uma das conclusões que mais nos chamaram a atenção foi o fato da opção pelo uso sistemático da infografia nas publicações analisadas estar muito mais ligado a uma decisão de caráter pessoal do editor ou do diretor de redação do que, propriamente, a uma compreensão mais ampla do que esta decisão significa. (TEIXEIRA, 2007, P. 118)

No início desta seção, apontamos como razão para existência do infográfico a necessidade contemporânea por informação visual, em decorrência da ascensão da televisão. No entanto, assim como qualquer outro texto jornalístico, há também a necessidade de conteúdo informacional e não apenas a preocupação em fazê-lo de modo mais atrativo.

A seguir, vamos recorrer a ²declarações do reconhecido infografista e jornalista espanhol Alberto Cairo a respeito da produção do infográfico para entendermos quem é o profissional infografista, quando é necessário criar um infográfico e quem toma e como toma essa decisão.

Primeiramente, não há formação específica para ser infografista como o próprio jornalista relata:

Conheci (infografia) por uma coincidência. Quase todo mundo que trabalha com infografia hoje a conheceu por uma coincidência. Uma professora que trabalha com Xosé Lopez [jornalista e pesquisador espanhol] me disse que havia uma vaga no jornal La Voz de Galicia, para fazer um estágio como infografista. Ela sabia que eu fazia alguns desenhos, me convidou, eu comecei a fazer estágio e fiquei. (...) Você chega à redação, senta com os profissionais e começa a mexer. Eu tive a sorte de trabalhar com uma equipe ótima lá em La Voz de Galicia. Eu fiquei empolgada e eles são muito abertos, ensinam muitas coisas, mas o treinamento foi bem informal. Simplesmente eles davam uma matéria pra você mexer com ela, aí você começava a fazer uma coisa bem ruim aí alguém te orientava, eles iam corrigindo e você ia aprendendo. (CAIRO, 2008)

² Entrevista ao Nupejoc disponível em http://www.nupejoc.cce.ufsc.br/paginas/produ/entrevista_cairo.pdf. Acesso 21 de abril. 2009, às 18h10.

Trata-se de um profissional com formação multidisciplinar, mas o autor defende que a formação em jornalismo é essencial:

É importante que você saiba pensar como jornalista, que saiba um pouco de estatística, um pouco de cartografia, um pouco de design gráfico, um pouco de animação para a infografia online, mas o mais importante é saber ser jornalista e pensar visualmente. (CAIROa, 2008)

O que ele defende, portanto, é uma formação para capacitar o jornalista para tomar a decisão de quando é necessário utilizar um infográfico numa informação. Desse modo, pensa-se a infografia como mais um recurso e não um princípio. A decisão deve ser tomada a partir de critérios definidos e não a mercê de decisões individuais e aleatórias.

Na tentativa de definir esses critérios, ele aponta em quais oportunidades se deve lançar mão de um infográfico:

Depende da história. Em geral, as infografias são boas para contar histórias que tem um grande conteúdo quantitativo, um grande conteúdo espaço-temporal, geográfico, histórias que precisem de uma linha do tempo, que precisem de um passo a passo. Na verdade quando a gente está treinado, já a ver isso automaticamente. Como a história do avião em Madrid, você já sabe que se tem os dados adequados vai poder fazer uma infografia. Há algumas histórias que os editores já pensam em infografia. No primeiro dia do acidente de Madrid, você via as infografias publicadas e pensava poderiam ter poupado este espaço e publicado alguma coisa mais interessante, porque elas simplesmente mostravam o avião caindo no chão, isto não explica nada. O importante é ver se há informação o bastante para fazer uma infografia. (CAIRO, 2008a)

Para ele, um infográfico não necessariamente precisa ter texto verbal, “em alguns casos, o texto de acompanhamento ou explicação não é necessário e inclusive pode criar obstáculos para a compreensão do conteúdo (CAIRO, 2008b, p. 21). Ele segue dizendo que a “abstração é um componente essencial em desenhos de diagramas: eliminar o desnecessário para que o necessário se destaque” (CAIRO, 2008b, p. 22).

Além disso, a decisão de criar ou não um infográfico deve ser preferencialmente um trabalho de equipe:

Tudo depende da empresa. Há empresas em que todas as decisões são tomadas pelos editores - chefes, em outras de estrutura mais horizontal em que as decisões são tomadas por equipes. Depende também do dia, há dias em que o editor fala: Quero uma infografia. Aí a gente faz infografia, ainda que seja ruim, há que lutar bastante contra isso! Mas, em geral, nos jornais maiores, a infografia é produto de uma conversa, uma conversa mais ou menos informal. Há uma matéria, o editor avalia a matéria, conversa com o infografista, com o editor-chefe. (CAIRO, 2008a)

Outro relato importante para entendermos como são criados os infográficos é o do responsável pela infografia da revista Superinteressante ³Luiz Iria. Ele explica os processos de criação de um infográfico sobre a diversidade de vida em apenas uma árvore.

Temos aqui a apuração do repórter. Ele escreveu sobre todos os bichos, os detalhes. Ele separou aqueles que vivem na copa da árvore, os que vivem no tronco, no pé da árvore e nas raízes abaixo do solo. Dentro de toda essa informação bem organizada, o próximo passo era começar a fazer as ilustrações dos bichos. No caso, é o Éber Evangelista, que é um ilustrador de mão cheia, eu, no caso, entraria para fazer o ambiente, que seria a própria árvore em si, depois com a árvore pronta, eu ia colocar os bichinhos do Éber, a ilustração. A primeira coisa que o Éber fez, foi mandar os primeiros desenhos dos bichos. A próxima etapa seria construir a base da árvore. Eu fiz uma grande pesquisa no Google, eu uso muito a internet. Procurei várias imagens de tronco, de copas de árvore e tal. Então, eu construí uma árvore a grosso modo, e fui jogando os bichos do ilustrador já na árvore e, ao mesmo tempo, eu tenho a preocupação de já planejar onde vai entrar a legenda de cada um deles. Logo após essa etapa, vem agora o quê? A construção final do infográfico, e, ao mesmo tempo editando as imagens e definindo exatamente onde vai entrar os textos.

Vemos que a produção desse infográfico reuniu três profissionais diferentes, quais sejam, o repórter, que criou o texto; o ilustrador dos animais e o designer que organizou o infográfico. É interessante também perceber que o repórter produziu o texto, considerando o produto final, pois já o dividiu em partes, cada qual relacionada com as partes da árvore. Outra preocupação é relacionar texto verbal e imagem, ou seja, relacionar as legendas com os animais dentro do ambiente, que é a árvore. Após apresentar uma tipologia e relatos de produtores de infográficos, propomos o seguinte quadro para análise das regularidades na produção dos infográficos da revista Superinteressante selecionados para esta pesquisa:

Regularidades na produção do infográfico				
Tipos de infográfico	Enciclopédico		Específico	
	Independente	Complementar	Independente	Complementar
Verificar a presença de:	Assunto universal + gênero único	Assunto universal + gênero complementar	Assunto singular + gênero único	Assunto singular + gênero complementar
Verificar	As relações entre os tipos de infográficos e as seções em que aparecem			

Quadro 1 – Critérios de análise das regularidades na produção do infográfico

³ Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5DBA-kCQ2m8>. Acesso 20 de jul. 2009, às 20h06.

No capítulo 3, vamos verificar os tipos de infográficos mais regulares na revista Superinteressante. Por fim, verificaremos se há regularidade também nos tipos de infográficos presentes nas seções das revistas para conhecer a política editorial de uso de infográficos na revista.

2.4 Multimodalidade - texto e imagem: design

Nesta seção, pretendemos apresentar e discutir nossa base teórica para analisar a materialização do infográfico, sua textualidade, em busca de regularidades e tipificações nesse elemento do gênero a ser avaliado. Vamos utilizar as teorias da Gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006), de influência sistêmico-funcional, (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), e amparada no conceito de discurso multimodal (KRESS; VAN LEEUWWN, 2001). Veremos na subseção 2.4.4, que a noção de discurso que a sustenta é próxima da perspectiva sociorretórica de estudo dos gêneros. Essa abordagem semiótica é capaz não apenas de oferecer subsídios para análise das imagens presentes nos infográficos, mas também é capaz de dar conta da integração das imagens com o texto verbal, já que a integração verbo-visual é compreendida por Teixeira (2007, p. 113) como sendo principal critério conceitual do infográfico:

Todo infográfico deve conter os seguintes elementos: (1) título; (2) texto de entrada – uma espécie de lead com informações gerais; (3) indicação das fontes e (4) assinatura. (...). Além disso, um bom infográfico costuma contar com recursos visuais diversos como fotografias, mapas, tabelas, ilustrações, diagramas. Mas um mapa é, por princípio, um infográfico? E uma tabela, quando ela pode ser considerada uma infografia, em especial, um infográfico com valor jornalístico? O limite se daria a partir de uma equação bastante simples: um infográfico pressupõe a inter-relação indissolúvel entre texto (que vai além de uma simples legenda ou título) e imagem que deve ser mais que uma ilustração de valor exclusivamente estético. Podemos dizer, portanto, que este binômio imagem e texto, na infografia, exerce, por princípio, uma função explicativa e não apenas expositiva. O infográfico, enquanto discurso, deve ser capaz de passar uma informação de sentido completo, favorecendo a compreensão de algo e, neste sentido, nem imagem, nem texto deve se sobressair a ponto de tornar um ou outro indispensável.

Fica evidente que a principal regularidade de um infográfico é sua integração entre os modos verbal e visual com o propósito de informar. Outros textos que são formados por esses modos, porém sem essa integração, não podem ser considerados infográficos.

Antes de expor os conceitos da Gramática do design visual adotados por nós, vamos entender a origem das suas ideias começando por sua base semiótica.

2.4.1 Semiótica social

O objeto da semiótica é o signo. Para a semiótica social, o signo é motivado e não arbitrário como postulavam vários semioticistas. Kress e Van Leeuwen (2006, p. 6-7) expõem o conceito de vários desses autores que acreditavam na arbitrariedade do signo, começando por Ferdinand de Saussure e principalmente Charles Sanders Peirce, responsável pela classificação dos signos em ícones, índices e símbolos, através da relação entre significante e significado.

A partir de um movimento mais crítico de linguistas encabeçados pelos trabalhos de Michael Halliday, entretanto, defendeu-se que a relação entre significante e significado é motivada socialmente e não estabelecida de modo arbitrário. Sob esse ponto de vista, o sujeito passou a ser considerado um produtor de signos e não um mero codificador. Através de um processo metafórico, motivado pela cultura em seu entorno, o sujeito produz signos. Kress e Van Leeuwen (2006, p. 7-8) citam o exemplo de uma criança de três anos de idade, a quem foi solicitada desenhar um carro. O desenho dela é composto por círculos, contudo, perguntada o que ela vê nos desenhos, responde que é um carro. Com este exemplo, os autores explicam o processo de produção do signo metafórico, neste caso em dois passos. Primeiro a criança utiliza o significante *círculo* para representar o significado *rodas*, que, por sua vez, num segundo passo, torna-se o significante que representa um carro.

Considerando-se a bagagem cultural de uma criança de três anos, as rodas de um carro são o bastante para representá-lo. Do ponto de vista arbitrário, sem considerar o fator social, os círculos seriam apenas rodas, menos do que isso; apenas círculos.

Um trabalho sobre textos constituídos das modalidades visual e verbal de Barthes (BARTHES apud KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 18) afirma que, na relação entre imagem e texto, o texto verbal estende o sentido da imagem e em outra relação, a imagem elabora o sentido do texto verbal. Em uma terceira relação, chamada de ancoragem, primeiramente aparece a imagem e posteriormente o texto verbal que ela elabora.

Esse ponto de vista do semioticista é válido, talvez, numa sociedade cuja relação entre o verbal e o visual nos textos era linear. Esses textos ainda existem, porém, com a exigência dos produtores de signos de novos modos de comunicação, novos textos surgiram como o infográfico, cuja proposta é apresentar várias informações utilizando-se do verbal e visual

simultaneamente e não de forma linear, um após o outro, primeiro imagem depois texto verbal e vice-versa.

Apesar disso, Barthes já havia percebido um fator importante, fundamental para defender nosso ponto de vista no tocante ao infográfico: “o componente visual de um texto é uma mensagem estruturada e organizada independentemente, embora conectada com o texto verbal” (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 18). Portanto, o texto verbal e o visual carregam significados diferentes, porque são modos diferentes, cada qual apto para um tipo de informação. Esse é um dos pontos defendidos na Gramática visual: embora sejam modos semióticos e serem usados juntos em um texto, eles possuem limitações e habilidades distintas para apresentar informações.

Um evento linguístico, por exemplo, pode narrar algo sem um protagonista, pois há recursos linguísticos para isso como pronomes, retirada do agente da passiva, entre outros. Já o visual precisa mostrar o evento acontecendo, com os atores, em tempo presente. Por outro lado, o linguístico tem dificuldades para representar eventos cíclicos. Para isso é necessário uso de pronomes e várias orações. O visual possui recurso como setas em fluxogramas e esquemas ou até mesmo os infográficos para representar eventos cíclicos.

Isso demonstra como o signo é produzido e as escolhas dos modos semióticos são motivadas, demonstrando que as ideias da semiótica social são aplicáveis, principalmente através das teorias inspiradas por ela como a Gramática do design visual. Todavia, antes de passarmos a falar dessa gramática, precisamos entender a Sistemico-funcional de Halliday e Matthiessen (2004), porque a Semiótica social é a inspiração filosófica da Gramática visual, mas a inspiração prática veio da sistemico-funcional.

2.4.2 Gramática sistemico-funcional

A gramática sistemico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) também considera o contexto de uso de uma língua para sua análise. Ela é sistêmica justamente porque acredita que as escolhas gramaticais são motivadas e não arbitrárias. Concomitantemente, ela é funcional porque promove subsídios para analisar qual é a implicação dessas escolhas no sistema gramatical. Para ela, há três metafunções, quais sejam metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual. A primeira, ideacional, tem função de representar o mundo, suas ações, estados, abstrações, consciência; a segunda, de promover as interações sociais e a terceira, de estabelecer coerência ao texto.

2.4.2.1 Metafunção ideacional

Halliday e Matthiessen (2004, p.172) apresentam tipos de processos realizados na metafunção ideacional, cuja estrutura é formada por processo, um participante envolvido nesse processo e uma circunstância associada com esse processo. Um grupo verbal realiza a função de processo; um grupo nominal, a função de participante e um grupo adverbial ou sintagma preposicionado, a função de circunstância. Para cada processo, há uma terminologia diferente para o participante que realiza o processo (o sujeito).

Considerando-se a transitividade dos processos, podemos ter dois participantes em uma oração, caso dos processos transitivos, em que o processo se estende, direciona ou se relaciona com outro participante. Nos processos intransitivos, o processo se reduz ao próprio participante realizador do processo (sujeito). Também para cada processo esse outro participante possui uma nomenclatura diferente. No quadro abaixo, (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, P. 260) temos todas essas relações com suas nomenclaturas.

Tipos de processo	Categoria de significado	Participantes diretamente envolvidos	Participantes indiretamente envolvidos
Material: Ação Evento	‘Fazendo’ ‘Fazendo’ ‘Acontecendo’	Ator, meta	Recipiente, cliente; escopo; iniciador, atributo
Comportamental	‘Comportando’	Comportante	Comportamento
Mental Percepção Cognição Desejo Emoção	‘Sentindo’ ‘Vendo’ ‘Pensando’ ‘Desejando’	Experienciador, Fenômeno	_____
Verbal	‘Dizendo’	Dizente, alvo	Recebedor; verbiagem
Relacional Atribuição Identificação	‘sendo’ ‘atribuindo’ ‘identificando’	Portador, atributo Identificado, identificador; Característica, valor	Atribuidor, beneficiário Destinatário
Existencial	‘existindo’	Existente	_____

Quadro 2 – Quadro com os tipos de processos – Fonte: (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, P. 260)

Trata-se de uma gramática semântica, pois os termos são definidos pelos seus significados e não por sua posição na oração como nas gramáticas de sintaxe. Portanto, o contexto incidirá nas análises.

2.4.2.2 Metafunção interpessoal

Essa metafunção é a que organiza as relações sociais do falante. Halliday e Matthiessen (2004, p.107) salientam que as interações são movidas pelos atos de fala tanto por demanda como por oferta de informações e de bens e serviços, envolvendo o falante, o escritor e o público.

A metafunção interpessoal é organizada em MOOD e Resíduo. O MOOD é dividido em duas partes: o sujeito, formado por grupo nominal; e o operador finito, que serve para contextualizar, no aqui e agora, a proposição, através de duas maneiras: expressando o tempo da fala (tempo primário) e expressando modalidade do verbo. É formado por parte do grupo verbal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, P.111). Ele nota que – menos comum no inglês e mais comum no português – o operador finito pode estar fundido em uma única palavra no grupo verbal. Esse conjunto de sujeito e finito é chamado de Mood. O Resíduo é o bloco de elementos como complementos, adjuntos e predicador.

2.4.2.3 Metafunção textual

A metafunção textual se ocupa do uso da linguagem na organização do texto (oral ou escrito). Assim, a oração é concebida como uma unidade na qual os significados de diferentes tipos são combinados, sendo organizada em torno da estrutura Tema / Rema e Dado /Novo.

O elemento *tema* serve como ponto de partida da mensagem que orienta e situa a oração dentro do contexto. Assim, sendo o primeiro constituinte da oração, todo o restante da oração denomina-se *rema*. Quanto à informação semântica contida no texto distribui-se pelo menos em dois grandes blocos: o dado e novo, cuja disposição interfere na construção do sentido. A informação dada – aquela que se encontra na consciência dos interlocutores e pode ser recuperada pelo contexto, estabelece pontos de ancoragem para aporte da informação nova.

2.4.3 A gramática do design visual

O livro *Reading images* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) é uma tentativa de criar critérios para a análise da gramática do visual. Para os autores essa gramática “é culturalmente específica; não universal” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 04). Isso quer dizer que, como eles mesmos frisam no livro, o ocidente cria maneiras de produzir o visual e valoriza essas maneiras, havendo diferença até mesmo dentro do mundo ocidental, ou de pessoa para pessoa. Baseados na gramática sistêmico-funcional, eles propõem que o visual também se organiza em três metafunções, porém os elementos que materializam essas funções, é claro, são visuais. Eles estabelecem, na medida do possível, relações entre o linguístico e o visual, ressaltando que são modos semióticos diferentes com limitações e habilidades diferentes como já dissemos, porém existem muitas proximidades apontadas por eles. Vamos expor as análises feitas por eles a respeito das três metafunções através do visual e perceberemos essas proximidades.

2.4.3.1 O ideacional no visual

Os processos da metafunção ideacional no visual se dividem em duas estruturas representacionais: Narrativa e Conceitual (o conceitual se divide em Classificacional, Analítica e Simbólica). Veremos que a estrutura narrativa possui processos análogos ao processo material do linguístico (fazendo, acontecendo) – (cf. **quadro 2 acima**). Já a estrutura Conceitual é análoga aos processos relacional, comportamental, existencial e verbal. O processo mental por sua vez “tem uma categoria pequena no visual, porque é difícil distinguir visualmente entre cognição e afeição” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 77).

a) O processo narrativo

Se no processo material temos os participantes ator e meta participando de um processo como vimos na gramática sistêmico-funcional, a gramática visual aponta os vetores entre os participantes da imagem como o processo. Esses vetores são linhas que se formam entre os participantes. A imagem de um homem atirando em outro homem possui como participante ator o homem que realiza o processo e o outro participante meta o homem que recebe essa ação. O processo, na imagem, é o vetor que parte do participante ator e vai até a participante meta que recebe a ação. Há também as circunstâncias de local como a posição dos participantes no 1º plano e fundo, bem como a posição de outros participantes, que não precisam ser necessariamente humanos. Circunstâncias de meio como o instrumento, no caso

do exemplo a arma usada pelo participante ator. Vejamos no quadro os tipos de processos existentes na estrutura narrativa:

Tipos de processos	Subtipos	Participantes	Significado	Vetor
Processos de ação	Transacional	Ator (também ator implícito) e Meta	Análogo ao verbo transitivo: o verbo precisa de objeto (meta).	Há um vetor entre o ator e a meta. O ator pode estar implícito.
	Transacional Bidirecional	Ator e Meta (inter-atores)	Indica simultaneidade de processo um participante é ator do outro e vice-versa.	Há dois vetores simultâneos, partindo em direções contrárias.
	Não-transacional	Ator	Análogo ao verbo intransitivo: o verbo não precisa de complemento (meta).	O ator não realiza uma ação para uma meta, mesmo havendo vetor.
Processos reacionais	Transacional	Re-ator e fenômeno	O re-ator observa, olhando, um fenômeno.	Parte de uma linha do olhar para o fenômeno.
	Não-transacional	Re-ator	O reator observa o nada, sem fenômeno definido.	Parte de uma linha do olhar para nada definido.
Processos de fala	_____	Dizentes e declaração	Diálogos em balões de Hqs.	Formado pelo rabicho de balão de fala.
Processo mental	_____	Experienciador e fenômeno	Conteúdo de balões de pensamento.	Formado pelo rabicho de balão de pensamento.
Processo de conversão	_____	Ator, Revezador e Meta.	Um participante é ator de uma meta e é meta de outro ator. Forma estruturas cíclicas como diagramas.	Um chega do ator ao revezador e outro sai dele para sua meta
Simbolismo geométrico	_____	_____	Centra-se metalinguisticamente no modo de dizer.	Há somente o vetor indicando um signo infinito.
Circunstâncias	Locativas	Cenário	Participantes que indicam a localização de outros participantes.	Usar o primeiro plano, fundo, tonalidade, cores, claro e escuro.
	Meio	Instrumentos	Os instrumentos usados na ação. Geralmente de onde parte o vetor.	Qualquer coisa usada na ação.
	Acompanhamento	Ator	Um participante é acompanhado de outro, sem ação entre eles.	Não há vetores.

Quadro 3 – Quadro com os tipos de processos no visual – Com base em Kress e van Leeuwen (2006)

b) O processo conceitual classificacional

No processo classificacional, não há vetores. Ele relaciona participantes em termos de relações de classe taxionomicamente. Ao realizar classificações, tem pelo menos um participante fazendo papel de subordinado e pelo menos outro fazendo papel de subordinador.

Ele o classifica de três formas:

- classificação velada

O subordinador não é mostrado, apenas seus subordinados. Kress e Van Leeuwen, (2006, p. 79) afirmam que esta estrutura é simétrica, ou seja, os subordinados são colocados lado a lado, em um mesmo nível, para demonstrar equivalência, embora haja um subordinador.

- classificação mostrada nível único

Estrutura com apenas dois níveis, o participante subordinador é colocado em nível hierárquico aos participantes subordinados.

- classificação mostrada múltiplos níveis.

Também o participante subordinador é colocado em nível hierárquico aos participantes subordinados, porém há outros níveis e outros graus de hierarquia. Pode ser uma estrutura em rede, o que torna a noção de hierarquia mais difusa.

Apesar de a estrutura classificacional ser estática, o linguístico que a acompanha não precisa ser estático também. Classificações são hierárquicas, com menos significado de movimentação. Fluxogramas possuem mais sentido de movimentação, pois possuem início e fim determinados, aproximando-se da estrutura narrativa. Já a rede é múltipla; não linear. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 84).

c) O processo conceitual analítico

O processo analítico relaciona participantes em termos de uma estrutura parte-todo. Os participantes são o portador (todo) e um número de atributos possessivos (as partes). Há subtipos de processos analíticos:

- não estruturado

São mostradas apenas as partes (atributos), mas não portador (todo), mais ou menos como em uma lista desordenada.

- temporal

Processo intermediário entre o narrativo e o analítico. Ocorre nas linhas do tempo, que sugerem dimensão temporal, o que sugere narração. No entanto, não há vetores, mas análises graduais da história “narrada”. O que é narrado é o portador e os estágios analisados desse portador são os atributos.

- analítico exaustivo e inclusivo

É exaustivo quando representa exaustivamente os atributos do portador. É inclusivo quando mostra apenas alguns atributos.

- estrutura exaustiva conjoined e compounded

Os atributos são conectados por uma linha que mesmo separados possuem a ideia de serem ligados fazendo o conjoined. Já no compounded os atributos estão juntos, mas retratados com partes separadas.

- topográfico e topológico

O topográfico representa com precisão o espaço físico do atributo possessivo. São topológicas quando representam com precisão a relação lógica entre os participantes.

- topografia dimensional e quantitativa

A escala de representação é formada por participantes que representam espaço e quantidade.

- espaço-temporal

Quase-vetorial e quase-narrativo, além de possuir um portador e atributos, possui um ator e a ação. Ocorre nos gráfico de linha.

d) O processo conceitual simbólico

Refere-se ao que o participante significa ou é. O participante que é significado é o portador. E o participante que representa o significado é o atributivo simbólico. Neste processo, pode haver também apenas um participante, o portador, e o significado simbólico é estabelecido em outro modo abaixo, chamado de sugestivo simbólico. Ou seja, neste processo, a imagem sugere algo, não necessariamente o significado literal do participante, por isso é simbólico: sugestivo simbólico.

e) Encaixamento

Assim como há orações complexas subordinadas ou encaixadas no verbal, há também, no visual, imagens encaixadas: processos menores encaixados em maiores, o que forma uma estrutura multidimensional.

2.4.3.2 O interpessoal no visual

No visual, Kress e Van Leeuwen (2006, p. 114), após tratarem das estruturas narrativas e conceituais, - análogas à metafunção ideacional no linguístico – abordam a representação e interação pela imagem – análogas à metafunção interpessoal no linguístico –. De acordo com eles, há dois tipos de participantes nas imagens. O Participante representado (as pessoas, os lugares e as coisas representadas na imagem) e o Participante interactante (as pessoas que se comunicam umas com as outras através da imagem). Eles também afirmam que há três tipos de relações entre esses participantes:

- 1- Relações entre participantes representados.
- 2- Relações entre participantes interactantes e representados.
- 3- Relações entre participantes interactantes.

Essas relações têm como base a interação face-a-face do linguístico, por isso eles citam as categorias de Eco (1979 apud KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.) de leitor/autor modelo e leitor/autor real, além de considerarem a posição espacial dos participantes. Eles propõem três elementos para análise da interação na imagem, são elas:

1. O olhar, que sugere oferta e demanda. (contato)
2. O ângulo de visão, horizontal e vertical, que sugerem respectivamente distanciamento/envolvimento e relações de poder. (distância)
3. A perspectiva, que sugere objetividade e subjetividade. (atitude)

a) **Olhar e ação – Contato**

Quando um participante representado olha diretamente para o expectador, conectando-os, às vezes, com um vetor formado por um gesto, há um endereçamento direto. Nesse caso temos uma imagem de ação. O produtor usa a imagem para fazer alguma coisa ao recebedor. Esse tipo de relação entre imagem e expectador se chama demanda. A imagem demanda algo do expectador. Por outro lado, quando o expectador se torna sujeito e olha para o participante representado na imagem, que está de lado, temos uma oferta: o participante representado não está direcionando os olhos para o expectador, mas está se ofertando a ele.

b) **Tamanho da estrutura e distância social - Distância**

A escolha do tamanho da estrutura e distância sugere diferentes relações entre os participantes representados e interactantes. Essa distância é análoga à conversação face a face. Muita proximidade entre os participantes sugere intimidade, entre pessoas que se conhecem. Média distância sugere respeito ou distância socialmente aceita entre pessoas que não se conhecem em uma interlocução. Muita distância sugere impessoalidade, assim como a distância entre as pessoas que não se conhecem e não estão em interlocução.

Relação de distância/linguagem entre participantes representados e interactantes	
Pouca distância	Linguagem íntima
Média distância	Linguagem social
Muita distância	Linguagem pública

Quadro 4 – Relações de distância - Com base em Kress e van Leeuwen (2006)

c) **Perspectiva e subjetividade na imagem – Atitude**

Kress e Van Leeuwen (2006, p. 129) apontam para existência de imagens subjetivas, que são vistas sob um único ponto de vista, e imagens objetivas, que revelam tudo que há para

se conhecer do participante representado. As imagens naturalísticas seriam mais objetivas (perceptivas) e as imagens significativas seriam mais subjetivas (conceituais).

Apesar de essa categorização ser importante, é a relação entre o ângulo horizontal e ponto de visão do expectador que apontará o grau de envolvimento e distanciamento entre os participantes representados e interactantes. A imagem pode ter um ângulo frontal – participante representado está de frente para o expectador – ou oblíquo – participante representado está de lado para o expectador. O ângulo frontal sugere envolvimento com o participante representado, é algo do mundo do expectador, aquilo com que já está familiarizado. Já o ângulo oblíquo sugere distanciamento, algo do mundo alheio ao expectador, com o que ele não está envolvido.



Figura 2 – Relação de ângulo horizontal - Com base em Kress e van Leeuwen (2006)

d) Relação entre frontal/oblíquo e oferta/demanda - Subjetividade

Em algumas imagens subjetivas, as escolhas podem ser mescladas. Um participante representado pode estar de lado para o expectador, porém com o olhar fitado nele, o que sugere distanciamento, mas com demanda por contato. Por outro lado, o participante representado pode estar de frente para o expectador, mas sem lhe dirigir o olhar, o que sugere envolvimento, familiaridade com o mundo dos participantes interactantes, mas com o olhar de oferta, sugerindo uma posição de reflexão.

e) Poder e ângulo vertical - Subjetividade

O ângulo vertical sugere relação de poder. A imagem cujo Participante Representado (P.R.) é visto do alto pelo Participante Interactante (P.I.) denota poder deste sobre aquele. No caso contrário, daquele sobre este. Como nos esquemas abaixo.

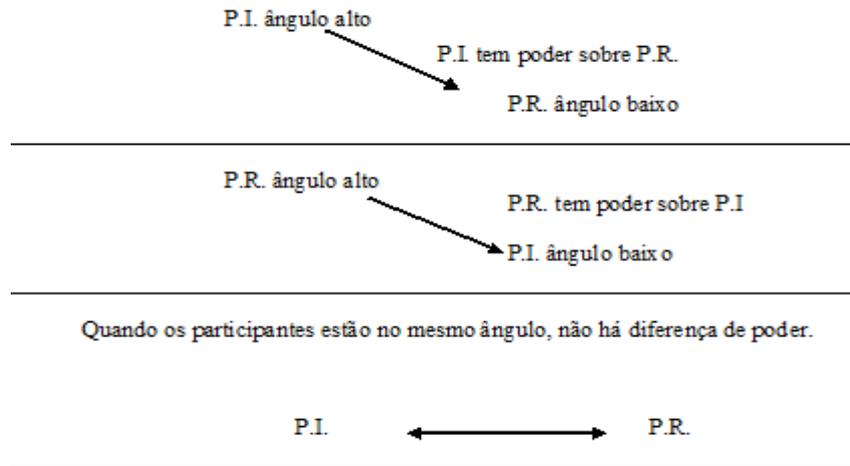


Figura 3 – Relação de ângulo vertical - Com base em Kress e van Leeuwen (2006)

f) Relação dos ângulos vertical e horizontal - Objetividade

Nas imagens objetivas, temos no ângulo horizontal frontal o máximo de envolvimento. Isso sugere uma orientação à ação de como se faz, como se usa ou como é. Ao passo que no ângulo vertical top-down, há o máximo de sobreposição de poder, o que sugere uma orientação ao conhecimento teórico; contemplando o mundo de um ponto de vista privilegiado, de onde se pode observar e aprender. Um terceiro ângulo, o cross-section, relativiza isso, porque cria um ângulo não tão alto verticalmente e nem centralizado horizontalmente. Ele posiciona o expectador na linha de lado, como se assistisse a uma cena. Se ainda o expectador for mantido nessa linha de lado – horizontalmente – e for posicionado no mesmo ângulo vertical que o participante representado, há uma posição de imparcialidade sem diferenças de poder e sem envolvimento com os participantes.

g) Imagens naturalísticas e modalidade

Outro aspecto importante para se considerar na relação interpessoal entre os participantes interactantes e a imagem é a modalidade, entendida aqui como “o valor de verdade ou credibilidade de uma afirmação sobre o mundo” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, P. 155). Para uma teoria semiótica social, a verdade é uma construção semiótica, dependente dos valores de um grupo, que julgará o que é realidade ou não (KRESS; VAN LEEUWEN, p.155-156). Para os autores, o foto realismo é o que a sociedade considera o

máximo de realismo/naturalismo em imagem e, a partir de variações dos marcadores de modalidade, esta diminui.

h) Marcadores de modalidade nas imagens

Os elementos constituintes do visual são marcadores de modalidade, cujas escolhas orientam o modo como o produtor e conseqüentemente o expectador vão modalizar a imagem. Essas escolhas são feitas em escalas, de acordo com a motivação dos Participantes interactantes.

A cor é um marcador de modalidade dividido em três escalas:

1. Saturação: escala que vai da saturação completa de cor à abstinência de cor – preto e branco.
2. Diferenciação de cor: escala que vai de uma série de cores ao monocromático.
3. Modulação: escala que vai de diferentes variações de tom de uma mesma cor ao uso de um tom específico.

A modalidade alta estaria no meio termo entre o nível mais baixo e mais alto dessas escalas. Uma imagem em preto e branco, por exemplo, possui baixa modalidade, assim como o outro extremo, a alta saturação das cores, também; ambas as escolhas seriam utilizadas em imagens conceituais. Uma imagem naturalística com modalidade alta escolheria a saturação média das cores, aquela cujos expectadores aceitariam como realidade.

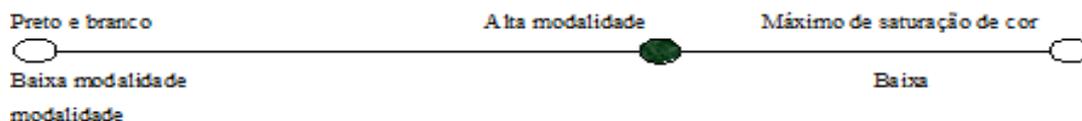


Figura 4 – Nível de modalidade - Com base em Kress e van Leeuwen (2006)

Observação: Nessas escalas, nos extremos dos contínuos, temos baixa modalidade, ao passo que a alta modalidade está um pouco à direita, mais próxima ao extremo positivo.

Há outras escalas de marcadores de modalidade como:

4. Contextualização: escala que vai de uma abstinência de background ao mais completo, articulado e detalhado background. Abstinência de background gera baixa modalidade (descontextualizado).
5. Representação: escala que vai da abstração máxima à representação de um detalhe pictórico.

6. Profundidade: escala que vai da abstinência à máxima perspectiva de profundidade.
7. Iluminação: escala que vai do jogo de luz e sombra à abstinência de luz.
8. Brilho: escala que vai do número máximo de brilhos de uma mesma cor ao uso de dois brilhos apenas.

Como esses marcadores são avaliados em consonância com os valores de verdade de cada grupo, Kress e Van Leeuwen (2006, p. 165-166) apontam meios sociais em que as imagens são avaliadas (Coding orientation), cada qual com valores de modalidade diferentes:

1. Tecnológico – representação visual como esquemas, sem pinturas e cores, o que traria baixa modalidade. Ex.: esquemas, fluxogramas.
2. Sensorio – orientado pelo prazer, provoca sensação de bem estar. A saturação de cores vibrantes tem alta modalidade. Ex.: decoração, propagandas, moda, certos tipos de arte.
3. Abstrato – alta arte, o que a diferencia das outras é a habilidade para produzi-la ou lê-la. A modalidade é alta quanta mais individualizada é a obra.
4. Naturalístico – (senso comum) padrão do que seja realidade. A modalidade é alta quanto mais se aproxima da fotografia.

Percebemos que a modalidade, portanto, também é motivada, assim como o signo. Ao mesmo tempo, precisamos considerar níveis de letramento do visual. Um leitor/expectador letrado apenas em imagens com código naturalístico se mostrará desabilitado para ler imagens com código abstrato ou até mesmo sensorio. Em relação ao código tecnológico, cujo grau de abstração pode ser tão alto quanto o de uma imagem abstrata, a preocupação é com a marginalização do leitor ao posto de excluído do saber científico valorizado socialmente. Somado à falta de habilidades para ler imagens da arte de prestígio, esse leitor se tornará ainda mais prejudicado como cidadão leitor.

A modalidade pode ser configurada em múltiplos arranjos. Uma imagem pode conter juntamente marcadores naturalísticos, sensoriais, abstratos.

2.4.3.3 O textual no visual

Para Kress e Van Leeuwen (2006, p. 177), são três os sistemas interrelacionados que relacionam na imagem o significado representacional – ideacional – e o significado interativo – interpessoal –. São eles:

- 1- Zonas de informação: esquerdo/direito, alto/baixo e centro/margem.
- 2- Saliência: chamar atenção do expectador, exploração das relações de primeiro plano/fundo, tamanho, contraste tom/cor, diferença de definição.
- 3- Framing: presença ou não de linhas que conectam ou desconectam elementos da imagem.

a) **Integração temporal e espacial**

Textos integrados são aqueles que interrelacionam dois ou mais modos semióticos. Chamados de multimodais por Kress e Van Leeuwen (2006, p. 177), esses textos podem ser integrados de duas formas: espacial e temporalmente. O primeiro caso ocorre nos textos cujos elementos estão co-presentes como nos infográficos. O segundo caso ocorre nos textos dependentes de ritmo temporal como nos textos falados, música e dança. Em alguns textos multimodais eles ocorrem concomitantemente como em filmes e televisão. Os três sistemas zonas de informação, saliência e framing se aplicam não somente em imagens únicas, mas também nesses textos integrados, cumprindo papel de organizadores em meio aos modos espacialmente arranjados de forma simultânea como ocorre nos infográficos e páginas da web, por exemplo.

b) **Relações entre as zonas**

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006 p. 180), a esquerda é o lado onde se encontra a informação já dada e a direita, o lado da informação nova. O topo é o local de informações idealizadas, e a parte de baixo é a região das informações reais. Para eles, há uma hierarquia segundo a qual imagens posicionadas acima dos textos possuem informações importantes, ao passo que o texto abaixo as elabora. Se ao contrário, imagens abaixo dos textos, estes trazem informações mais importantes (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 187).

A relação centro margem posiciona no centro um elemento central e nas margens os outros elementos. O centro é o núcleo da informação, a que os outros elementos são

subservientes. Nessa articulação das imagens não há clara divisão entre dado/novo e ideal/real entre os elementos, porém o centro pode agir como mediador nas relações entre dado/novo e real/ideal, principalmente em textos integrados. Pode haver uma combinação entre essas três relações como na representação abaixo:

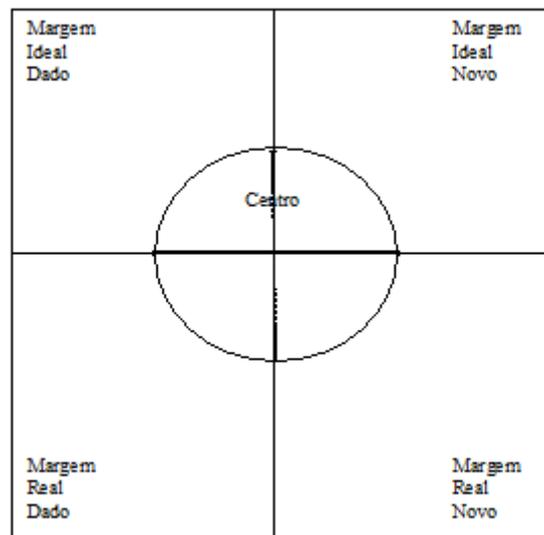


Figura 5 – Zonas de informação - Com base em Kress e van Leeuwen (2006)

c) Saliência

A saliência dos elementos em uma figura ressalta os graus de importância entre eles. O dado pode ser mais saliente do que o novo, ou vice-versa, ou ainda ambos podem ser salientes. Isso também aplica à relação real e ideal e centro e margem. Em textos integrados, a saliência é um importante recurso para organização das informações. Um portal da web com seus links destacados em relevo diferentemente das outras informações é um bom exemplo de recurso de saliência empregado na organização de um texto integrado espacialmente.

d) Framing

O Framing diz respeito à conectividade entre os elementos; molduras de arranjos de elementos separados por linhas, espaço entre elementos e descontinuidade de cores. Isso gera sentidos de continuidade, descontinuidade, pausas, hierarquias, além de ressaltar os espaços e divisões entre dado/novo, real/ideal e centro e margem.

e) **Composição linear e não-linear**

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006, p. 205), os caminhos de leitura de textos multimodais podem ser em ordem de elementos mais salientes para os menos salientes, embora reconheçam a influência da cultura do leitor na decisão do que seja mais ou menos saliente em uma composição. Ademais, eles notaram que a leitura pode ser espirais, circulares, diagonais, gerando significados diferentes (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 205). Isso não implica em dizer que haja organização aleatória, mas que o leitor escolhe o seu caminho de leitura. Para eles, linear e não-linear constituem dois modos de leitura e dois regimes de controle da informação.

2.4.4 A análise multimodal

Existem críticas ao paralelismo com a sintaxe do verbal feito na Gramática do design visual. Machin, (2007, p. 162) reuniu essas críticas e afirma que para existir uma gramática visual é preciso haver um léxico e um sistema de combinações para que tenhamos uma sintaxe, que para ele é um sistema semiótico complexo. Ele cita como exemplo o brilho, que é considerado um elemento do visual na Gramática do design visual. Para ele, o brilho não pode ser considerado um léxico, porque não possui arbitrariedade, isto é, o brilho não significa a mesma coisa em diferentes sintaxes e em diferentes textos.

No entanto, o signo para esses críticos é arbitrário. Segundo eles, há imagens que não podem ser transferidas de um contexto para o outro, sem que haja mudança de sentido. Portanto, a leitura de imagens acontece mais pelo conhecimento de mundo dos leitores do que por uma lógica gramatical, sem um sistema de combinações (MACHIN, 2007, p. 172). Ora, o contexto incide na produção de sentido. Como vimos, para a semiótica social o signo é motivado e falar em arbitrariedade contradiz um princípio fundamental dessa teoria. Assim como há motivações no uso do texto verbal que provocam mudanças de sentido no léxico e no sistema de combinações, há também mudanças motivadas no uso da imagem. Isso não contradiz os princípios gramaticais, justamente porque eles são flexíveis e não regras rígidas e prescritivas. Esse inclusive é o fundamento da gramática sistêmico-funcional, pautada na funcionalidade e no contexto de uso da língua, a partir da qual a gramática do design visual foi pensada.

Outro aspecto muito discutido é a natureza multimodal dos textos. Para Kress e van Leeuwen (2001, p. 02) a multimodalidade “é a combinação de modos semióticos em uma produção ou evento semiótico”, como Dionísio (2006, p.133) observou:

Se as ações sociais são fenômenos multimodais, conseqüentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.

A autora chega a afirmar que há um contínuo entre os textos que se manifestam menos multimodais aos mais multimodais (DIONÍSIO, 2006, p.136). No entanto, Kress e van Leeuwen (2001, p. 24) ampliam a noção de multimodalidade para além do texto e do gênero; alçam-na ao nível do discurso, a ponto de falarem em uma Teoria da comunicação multimodal. Interessa o que pode ser dito, com que modo e como.

O discurso para eles é “o conhecimento construído socialmente sobre (algum) aspecto da realidade” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 04) e está absolutamente relacionado ao seu modo de realização, além de afirmarem que o discurso se realiza em vários modos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 24). Ao afirmarem isso, os elementos apresentados na Gramática do design visual como cores, frames entre outros passaram a ser modos de realização do discurso. Também valorizam as sensações humanas nessa perspectiva, pois passam a considerar que material, que modo, que sentidos (visão, audição, etc) receberão melhor um discurso. O linguístico não é, portanto, o modo mais efetivo em todas as circunstâncias, já que alguns significados podem ser mais bem recebidos em um modo do que em outro.

Eles chamam de prática comunicacional:

a escolha do modo de realização do discurso que está mais apto a um propósito específico, a um público e à ocasião da produção do texto (...) que envolve seleção da forma material de realização entre um repertório cultural e do modo que o produtor julga ser mais efetivo em relação aos seus propósitos e o discurso a ser articulado.(KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 30-31).

Conseguimos aproximar a teoria discursiva deles com a teoria sociorretórica de estudo dos gêneros, pois ambas consideram a experiência dos interlocutores na organização do gênero e do discurso. Dessa forma, analisar a textualidade do infográfico requer uma abordagem de análise multimodal, considerando que seu produtor considerou utilizar o modo verbal e visual juntos para organizar o seu discurso, avaliando ser útil essa integração para informar melhor o seu leitor. Após essa discussão, sugerimos o seguinte quadro para análise

das regularidades na textualidade dos infográficos da revista Superinteressante selecionados para esta pesquisa.

Regularidades da textualidade do infográfico				
Metafunções	Verificar		Comparar	Objetivo
Ideacional (representação)	Processos		Com os tipos de infográficos encontrados na análise feita a partir do proposto na seção 2.3.1.	Verificar se há regularidade entre os tipos de infográficos e sua textualidade e propor categorias e tipos de infográficos.
	Narrativo			
	Conceitual	Classificacional		
		Analítico		
	Simbólico			
Interpessoal (Interação)	Elementos de interação			
	Contato			
	Distância			
	Atitude			
Textual (Composição)	Modalidade			
	Sistemas			
	Relações entre as zonas de informação			
	Saliência			
	Framing			

Quadro 5 – Critérios de análise das regularidades na textualidade do infográfico

Terminamos a explanação das teorias e métodos de análise da produção do infográfico para verificar as características do gênero relativas às regularidades nos papéis sociais dos produtores, suas decisões em criar tipos de infográficos e regularidades da textualidade, o que será apresentado no Capítulo 3. Passemos agora, na seção 2.5, a discutir os fundamentos teórico-metodológicos para análise da leitura do infográfico, que será útil para verificar outras características do gênero como papel social do leitor desses textos, as habilidades empreendidas na tarefa de interpretação e suas expectativas e possíveis utilizações dessa leitura, o que será feito no Capítulo 4, através das análises dos dados coletados.

Já adiantamos que a análise do quarto elemento do gênero, que é a relação entre os papéis desempenhados por produtores e leitores do infográfico, também será feita no Capítulo 4 com base nas análises realizadas neste capítulo 2, o que, conseqüentemente, fornecerá dados para cumprir nosso objetivo geral, que é verificar como os procedimentos de leitura influenciam na compreensão do infográfico.

2.5 Leitura do infográfico: pensando no leitor

Nesta seção, apresentamos nossas considerações sobre leitura, com a finalidade de entender o processamento de leitura do infográfico. Inicialmente, desejamos expor e discutir nossa concepção de leitura, para, por fim, apresentar um quadro de critérios de análise das regularidades na leitura do infográfico.

Partimos do ponto segundo o qual a leitura é um fenômeno complexo e como tal não pode ser observado diretamente em busca de repetições previsíveis como os métodos científicos preconizam:

Em termos simples, o discurso científico preconiza que o método garante o acesso às leis que regem a realidade, que está é sondável e constituída de níveis hierárquicos. A descoberta das leis segundo as quais o mundo natural opera permite a previsão de como este funcionará no futuro. A ciência respalda-se, assim, em um princípio de previsibilidade, de que a descrição causal de um dado fenômeno físico pressupõe a sua repetição, qualitativa e quantitativa, se forem providas as mesmas medidas de circunstâncias e variáveis. (OLIVEIRA, 2009, p. 32)

Estudar a leitura – outros fenômenos da linguagem – pelos métodos científicos tradicionais, isolando-a de variáveis que não permitem observá-la puramente é uma tentativa frustrante, pois “não conseguiram revelar o tremendo dinamismo de que a língua é feita” nas palavras de Castilho (2009, p. 37).

Por isso propomos a criação de um modelo de leitura para o infográfico que dê conta da sua complexidade. Para isso, precisamos recorrer ao que a psicolinguística e linguística cognitiva apontam como modelo de processamento de leitura.

Consideremos a leitura

um processo complexo que envolve desde a percepção dos sinais gráficos e sua tradução em som ou imagem mental até a transformação dessa percepção em idéias, provocando a geração de inferências, de reflexões, de analogias, de questionamentos, de generalizações, etc. (COSCARRELLI, 1999, p. 33).

E passemos a considerar cada uma dessas partes como domínios. É bom ressaltar que a divisão da leitura em domínios cumpre uma função didática e tampouco representa nossa visão de processamento de leitura, pois veremos que esses domínios ocorrem simultaneamente. Os domínios são esses (COSCARRELLI, 1999):

1. **o processamento lexical:** reconhecimento do leitor das palavras do texto, bem como seus morfemas.
2. **o processamento sintático:** reconhecimento do leitor das ligações sintáticas possíveis entre as palavras de uma sentença.

3. **a construção da coerência (ou significado) local:** reconhecimento do leitor das proposições possíveis para uma sentença formada por palavras.
4. **a construção da coerência temática:** reconhecimento do leitor das relações entre sentenças; formação de inferências.
5. **construção da coerência externa ou processamento integrativo:** reconhecimento do leitor da produção de informações feita por ele durante a leitura, comparando-a com as informações que já dispõe para efetuar juízos de valor acerca do que leu: foi-lhe útil, mudou sua forma de pensar sobre o assunto, alterou sua memória a respeito daquele assunto?

Para muitos autores, o processamento lexical se dá pelo léxico mental, uma espécie de estrutura de dados que reside na memória de longo prazo, algo como um dicionário que identifica o significado das palavras ao se deparar com elas. Mas Elman (2004, p. 301) propõe a possibilidade de haver o processamento lexical sem um léxico mental, ou melhor, o léxico seria um estímulo que age diretamente sobre estados mentais. Uma vez que para processar uma palavra são necessários processamentos da ordem de outros domínios como o sintático e, sobretudo de estímulos externos do contexto, seria desnecessário pensar em um processador apenas para as palavras.

Esse é um exemplo de como o processamento da leitura, embora dividida em domínios para efeitos de estudo, pode acontecer de maneira simultânea, como no esquema abaixo:

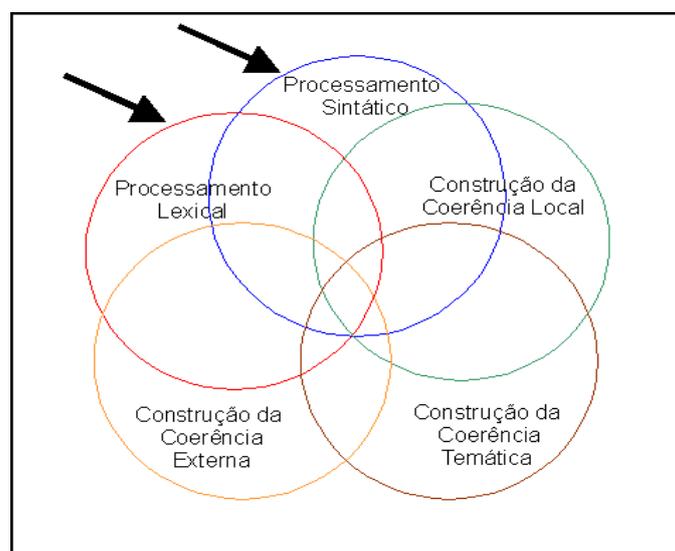


Figura 6 – Modelo de leitura reestruturado - Fonte: Coscarelli (1999, p. 66)

A leitura é entendida, portanto, como um fenômeno complexo, um todo indivisível, realizada a partir de um leitor, que traz consigo o conhecimento de mundo, inserido num contexto sócio-histórico, disposto a interagir com o texto, que por sua vez traz marcas lexicais, sintáticas e semânticas, fruto de escolhas de um interlocutor que também está nesse jogo de interação. A atividade de ler é influenciada por estímulos externos promovidos pelo contexto como afirma Elman (2009, p. 26) ao se referir ao processamento do léxico:

O significado de uma palavra é originado tanto do conhecimento do mundo material e social. O mundo material diz respeito às nossas experiências e o mundo social, aos nossos hábitos e artefatos. O significado de uma palavra nunca é de fora do contexto.

A partir dessas considerações, propomos um modelo de leitura para o infográfico. Consideraremos os domínios apresentados acima para a leitura do modo verbal e apontamos o seguinte esquema para leitura das imagens:

1. **Processamento de partes das imagens:** responsável pelo reconhecimento de partes das imagens: elementos primários como brilhos, cores, linhas limítrofes, etc.
2. **Processamento das relações entre partes da imagem:** construção das relações entre as partes da imagem, estrutura das imagens, como os elementos primários, processados anteriormente se relacionam aqui.
3. **Construção do sentido local:** construção do sentido entre as partes de uma imagem, qual o sentido da relação entre as partes: por exemplo: a relação entre brilho e cor forma uma explosão?
4. **Construção do sentido global:** construção do sentido entre as imagens do infográfico. Como as imagens se relacionam umas com as outras?

Outro domínio integra os dois processamentos: do verbal e do visual:

- **Construção da integração entre as modalidades:** construção da integração entre o processamento do verbal e do visual.

Novamente deixamos claro que essa divisão possui fins didáticos, porque acreditamos que, no infográfico, a integração verbo-visual ocorre a todo o momento e não sabemos prever sua linearidade de ocorrência. O que não quer dizer que não haja recorrências e tipificações. Uma recorrência clara seria a necessidade de integração entre os modos verbal e visual.

No entanto, assim como os modelos de processamento de leitura do verbal são passíveis de questionamentos, a necessidade de um processador para cada domínio de processamento do visual também o é. Seria preciso processar separadamente as partes de uma imagem, com elementos básicos como cores e brilhos? Embora Kress e van Leeuwen (2006), acreditem que o visual segue motivações próximas a da sintaxe do verbal, na seção 2.4.4 vimos que os críticos da Gramática do design visual não sustentam a noção de que um elemento do visual como o brilho, por exemplo, possa ter o mesmo valor representacional de um léxico. Na mesma seção 2.4.4, dissemos que essas críticas perdem valor no momento em que se sustentam na arbitrariedade do signo. Realmente o brilho não terá o mesmo conteúdo representacional em todas as imagens, mas, no nosso modelo de leitura para o infográfico a presença de estímulos externos do contexto e do conhecimento de mundo são influenciadores dos processadores dos domínios, por isso concebemos o signo como fruto de motivações várias e não arbitrário.

Outro critério para que esse modelo possa ser útil nos estudos dos infográficos é o conceito de hipertextualidade como um fenômeno inerente ao processamento da leitura.

2.5.1 Leitura e hipertextualidade mostrada e constitutiva

Vimos que o processamento da leitura se dá por domínios que não ocorrem de maneira estanque, mas, sim, simultânea. Aliado a isso, não podemos considerar que esse fenômeno aconteça de modo linear. Há partes do texto que hierarquizam sua leitura, deixando muito comum a ideia de que a leitura de textos possui sempre o mesmo caminho da esquerda para a direita, da primeira letra maiúscula ao último ponto final, letra por letra, palavra por palavra, frase por frase, parágrafo por parágrafo. Entretanto, Coscarelli (2002, p.73) ressalta que:

O fato de a hierarquia estar sinalizada de várias formas não garante que o leitor reserve a essas partes ou elementos do texto um lugar especial em sua memória. Há outros fatores que podem interferir na construção da hierarquia

das informações geradas na leitura, como, por exemplo, os interesses do leitor, seu objetivo na leitura e o conhecimento prévio sobre o assunto. É possível que o leitor alce para uma posição alta na hierarquia proposicional um elemento secundário ou de pouca relevância para a idéia central do texto. Isso pode acontecer quando esse elemento secundário é o alvo de seu interesse ou quando o leitor compreende apenas algumas partes do texto, sendo obrigado, então, a promovê-las a uma posição alta na hierarquia proposicional.

Esse comportamento do leitor defendido pela autora se ampara na noção de hipertextualidade, que seria para ela um princípio cognitivo e não apenas uma característica reservada ao hipertexto digital da WEB, composto por links que ligam um texto ao outro:

Na compreensão ligamos dados e informações de várias naturezas e de várias fontes e isso é uma operação cognitiva comum. Quando ouvimos uma música, por exemplo, ligamos a letra à melodia, à harmonia, aos instrumentos usados, à dinâmica, ao ritmo, ligamos tudo isso a outras experiências musicais que tivemos, a situações que elas nos fazem lembrar e assim por diante. Na compreensão de textos escritos acontece o mesmo. Ligamos uma palavra ou expressão a outras, relacionamos com nossos conhecimentos e experiências anteriores, conectamos com outras idéias e sensações, avaliamos, julgamos, reanalisamos sob outros prismas, consideramos elementos não-verbais, situacionais ou extra-lingüísticos e assim por diante, estabelecendo uma rede pludimensional de relações, a que podemos chamar também de hipertexto (lembrando da diferença que aponteí acima de texto - e por conseguinte, hipertexto - como produto físico e como processo cognitivo. Aqui estou falando do processo cognitivo. (COSCARELLI, 2003, p. 03)

Ambas as noções de hipertextualidade, tanto como princípio cognitivo de relação entre textos quanto a ligada à materialidade dessas ligações no hipertexto digital, parecem ser defendidas com base na suposta não linearidade das leituras. Pressupor que a leitura seja não-linear induz a pensarmos em procedimentos de leitura que não sejam sequenciais. Entretanto, para efeito de estudos é necessário considerarmos os percursos seguidos pelo leitor durante a leitura, qual hierarquia foi criada por ele e qual informação foi mais saliente, que inferências ele gerou, como percebeu Lobo-Souza (2009, p. 135)

Tendo mostrado que o conceito de não-linearidade estava fortemente atrelado somente a uma das perspectivas pelas quais se pode analisar um objeto de ler/escrever (a perspectiva da recepção ou da leitura) e mais brandamente à perspectiva da produção, acabamos por considerar que o prefixo –não, no termo não-linearidade, implica um certo rompimento com a linha e com a ordem.

A autora sugere o termo mutilinearidade para se referir aos vários direcionamentos de um texto. Embora ela utilize o termo para designar o hipertexto digital, vamos lançar mão desse conceito para analisar a hipertextualidade presente no infográfico impresso.

Isso por que, diferentemente de Lobo-Souza (2009), que realizou uma pesquisa teórica confrontando e discutindo as linhas de estudo do hipertexto, consideramos a hipertextualidade um princípio cognitivo que, portanto, não está presente apenas no hipertexto digital, on-line ou não. Preferimos pensar que, como um princípio constitutivo de todos os textos, na leitura ou na sua produção, a hipertextualidade se diferencia apenas no modo como ela se manifesta. Há textos cuja hipertextualidade é mostrada, como nas páginas da WEB, em outros textos digitais off-line, nos infográficos convencionais, nas notas de rodapé. Por outro lado, em outros textos, como os que se convencionou chamar de linear, a hipertextualidade é constitutiva; está presente na sua formação, mas não é materialmente expressa, pois a hierarquia de informações impõe uma leitura sequencial de cima para baixo e da esquerda para a direita, embora não saibamos se o leitor segue essa sequência. Contudo, em textos como os infográficos, essa hierarquia é rompida ao se criar um texto cujas partes são dispostas simultaneamente com os modos verbais e visuais, podendo o leitor criar caminhos múltiplos de sequência de sua leitura, não obstante veremos mais adiante que há infográficos que indicam caminhos de leitura para o leitor.

O que buscamos, nesta pesquisa, com as análises dos infográficos da revista Superinteressante e com a coleta de dados de leituras através de instrumentos apropriados para isso, são recorrências e tipificações da leitura desses textos, a fim de verificar como a construção dos infográficos e os procedimentos envolvidos na sua leitura interferem na compreensão das suas informações.

Após essa discussão a respeito da leitura, sugerimos a seguinte linha de análise das regularidades presentes na leitura do infográfico.

Regularidades na leitura do infográfico			
Instrumento de coleta de dados		Verificar	Critérios para observação
Para observar a produção da leitura	Protocolo verbal	Relação entre leitor e produtor.	Regularidade ao ler, opinião do leitor sobre o design, eficiência dos tipos de infográfico, relação entre os papéis assumidos.
		Relação entre leitor e texto.	Relevância de informações, saliência das informações, percurso de leitura, hipertextualidade, processos do visual, legibilidade do design, percepção da integração entre os modos.
Para observar o produto da leitura	Questionário de interpretação	Construção da coerência	Localizar informações, identificar tema, diferenciar partes principais de secundárias, interpretar o posicionamento dos participantes nas imagens, inferir uma informação implícita, inferir sentido de palavras e expressões, relacionar imagens ao texto escrito.
		Posicionamento enunciativo	Perceber ponto de vista, distinguir um fato da opinião relativa a esse fato, explicitar a opinião sobre o tema do texto.

Quadro 6 – Critérios de análise das regularidades na leitura do infográfico

Optamos por dois instrumentos de coleta de dados e observação da leitura, cada qual apto para as duas fases da leitura: a produção e o produto. Este se refere ao que o leitor entendeu, absorveu e fará da leitura – será coletado pelo questionário de interpretação; já a produção, refere-se ao que o leitor realiza durante a leitura, seu processamento – será observado pelo protocolo verbal. No capítulo 4, vamos descrever a coleta de dados. Antes passemos à análise dos conjuntos de infográficos.

CAPÍTULO 3 – a produção do infográfico: a redação

Após ser apresentado o referencial teórico a ser utilizado nesta pesquisa, passemos à análise dos infográficos. Este capítulo é reservado à análise da textualidade do infográfico: as recorrências e tipificações relativas à sua composição. Apresentamos o conjunto de infográficos analisados, com base nos critérios apresentados nas seções 2.3 e 2.4. Os infográficos foram agrupados em uma categoria, que se divide em tipos e subtipos. Optamos por apresentar os infográficos em seções cada qual relativa a seu tipo e subtipo, acompanhado de suas análises. O capítulo possui seções que justificam as análises e os nomes dados à categoria, aos tipos e subtipos de infográficos. No fim, dada a extensão do capítulo, apresentamos um breve resumo.

3.1 O conjunto de infográficos de orientação ao conhecimento

Os infográficos que compõem o conjunto de textos analisados nesta pesquisa são provenientes da revista mensal Superinteressante do Grupo Abril. A revista foi lançada em 1987 e é uma das atuais 190 publicações da editora. Sua temática é a divulgação de ciência e tecnologia para um público entre 18 e 39 anos.⁴ A revista conta com uma tiragem mensal de 450.000 exemplares mensais. Sua proposta editorial é informar visualmente, o que a tornou vencedora de vários prêmios editoriais nesse quesito, principalmente pela qualidade dos seus infográficos. Com base em critérios já discutidos em seções anteriores, estamos considerando infográfico o texto:

que integra modalidades semióticas de modo mais ou menos proporcional e simultâneo, a fim de explicar como funciona um objeto, como ocorrem fenômenos bio-físico-químicos ou como é ou foi um fato geo-histórico; circula nas esferas jornalísticas e didáticas, integrado a outros gêneros textuais com os quais cumprem um objetivo único ou utilizado como único gênero na veiculação de um discurso. (PAIVA, 2008, p. 74)

Ilustrações, tabelas, gráficos, gráficos ilustrados, conjuntos de gráficos, fotos, fotos com legendas, fluxogramas, esquemas estão presentes na revista Superinteressante, pois já dissemos sobre sua proposta de informar verbo-visualmente. Entretanto, para ser infográfico, é preciso atender aos critérios acima, pois é o constante nesses textos, principalmente no que se refere à integração entre a informação verbal e visual. A informação visual não seria

⁴ Número no mês de julho de 2009, edição 267. A revista é uma das mais vendidas da editora.

entendida sem o acompanhamento do verbal e esta, por sua vez, seria pouco ou nada eficiente sem a informação visual. Este é o principal critério definidor do infográfico.

Bazerman (2006, p. 44) sugere um número de textos para o corpus que seja representativo e não repetitivo, ou seja, um número suficiente de modo que a inclusão de mais textos não implicará em novidades. Desse modo, analisamos as revistas do mês de janeiro a julho de 2009, edições de número 261 a 267 e encontramos 10 infográficos. Consideramos um número representativo, em decorrência da pequena média de infográficos encontrados nas 7 revistas. Essa diminuição de uso de infográficos na revista foi verificada por Rinaldi (2007), no seu estudo sobre infográficos na Super de 1994 a 2004, do qual retiramos as seguintes conclusões: de 1994 a 2000 a quantidade anual de infográficos girava em torno de 200 a 300 infográficos. Já em 2000, com a mudança de direção, esse número caiu para menos de 100. Atualmente, o número é ainda menor. Na tabela 1, reunimos os infográficos nas categorias propostas por nós após análise feita com base no referencial apresentado na seção 2.4:

Análise	Regularidades	Categorias/Tipos/Subtipos de infográficos	Características	Infográficos
Interação	Configuração típica de orientação ao conhecimento, relação didática entre produtor/leitor.	Categoria orientação ao conhecimento.	Imagens objetivas com configurações de ângulos horizontais e verticais que estabelecem relação didática. Cf. p.43.	Todos
Composição	Preferência pela organização centro-margem das informações, exceto nos infográficos que exigem entendimento por ordenação temporal, cuja organização é esquerdo-direita. Cf. p. 46.	Tipo informação simultânea	Todas as características do objeto são apresentadas simultaneamente.	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8
		Tipo informação ordenada temporalmente (linha do tempo)	O objeto é apresentado em partes numa sequência temporal.	9 e 10
Representação	Predominância da estrutura conceitual analítica, principalmente o subtipo analítico temporal e exaustivo com suas variações. Cf. p. 38.	Subtipo linha do tempo	Narração gradual com explicações.	9 e 10
		Subtipo universal	Explicação de temas enciclopédicos.	1, 2 e 3
		Subtipo singular	Explicação sempre exaustiva de novidades.	4, 5, 6 e 7

Tabela 1 – Categorias/Tipos/Subtipos

Encontramos na revista Superinteressante infográficos da categoria orientação ao conhecimento, dividido entre dois tipos: os de informação simultânea e informação ordenada temporalmente. Esses dois tipos, por sua vez, subdividem-se em três subtipos: os do tipo informação simultânea podem ser universais ou singulares. Já os de informação ordenada temporalmente são os infográficos de linha do tempo.

Organizamos os infográficos selecionados para análise em tipos propostos na seção 2.3.1., página 25. Nesta tabela, verificamos a quantidade encontrada de cada tipo.

Tipos jornalísticos de infográficos na Superinteressante			
Tipos jornalísticos		Quantidade	Infográficos
Enciclopédico	Complementar	4	2, 3, 9 e 10
	Independente	2	1 e 8
Específico	Complementar	1	4
	Independente	3	5, 6 e 7

Tabela 2 – Tipos jornalísticos de infográficos na Superinteressante

Após essa análise, algumas regularidades se tornam evidentes. O modo como os participantes representados nos infográficos se relacionam é predominantemente conceitual, provavelmente pela urgência em explicar como funcionam os objetos e seres, como foi ou será um evento.

O tipo de estrutura conceitual mais utilizado é o analítico, o que reforça ainda mais a disposição dos infográficos da revista Superinteressante em aprofundar o detalhamento da explicação do objeto.

Em relação aos subtipos de estrutura conceitual analítica, há três regularidades a serem observadas. Para isso, na tabela abaixo, confrontamos os tipos de infográficos, com a seção em que aparecem, seu tema e os processos.

Confronto entre tipo-seção e estrutura nos infográficos					
Tipo de infográfico		Infográfico	Seção	Temas	Subtipos conceituais predominantes
Enciclopédico	Complementar	9	Reportagem de capa	História	Analítico temporal
		10	Ciência	Geo-história	Analítico temporal
		2	Superrespostas	Arquitetura	Analítico exaustivo conjoined
		3	Superrespostas	Astronomia	Classificacional velada múltiplos níveis
	Independente	1	Superrespostas	Biologia	Classificacional velada
		8	Pôster	Geoeconomia	Simbólico atributivo simbólico
Específico	Complementar	4	Supernovas	Tecnologia espacial	Analítico exaustivo conjoined
	Independente	5	Supernovas	Tecnologia esportiva	Analítico exaustivo
		6	Supernovas	Tecnologia de materiais	Analítico exaustivo compounded
		7	Supernovas	Administração e Logística	Analítico exaustivo conjoined

Tabela 3 – Confronto entre tipo-seção e estruturas

A seção Supernovas abriga assuntos datados, mais direcionados para a notícia de lançamentos e novidades no campo da ciência e tecnologia. Foram encontrados em quatro revistas. Nas outras três revistas analisadas isso também acontece, embora não sejam usados infográficos. Todos os infográficos específicos foram encontrados nessa seção.

A seção Superrespostas traz infográficos enciclopédicos, provavelmente por ser baseada em perguntas, o que não impede, contudo, que as perguntas sejam sobre temas específicos. Os outros três infográficos são de seções aleatórias, não fixas na revista, mostrando que a decisão de usar ou não infográficos não está reservada às duas seções em que eles ocorrem com mais frequência, como vimos, Supernovas e Superrespostas. No entanto, fica evidente que os esforços para a produção de infográficos se reservam a essas seções.

A seguir apresentamos os tipos e subtipos de infográficos encontrados na revista e depois veremos porque se encaixam numa categoria maior chamada de orientação ao conhecimento.

3.1.1 Infográficos do tipo informação simultânea – subtipos universal e singular

Do conjunto de amostras de 10 infográficos, há 8 infográficos do tipo informação simultânea. Três do subtipo universal e quatro do subtipo singular e um que não se encaixa em ambos os subtipos. Primeiro veremos os do subtipo universal e depois os do subtipo singular. Por fim, vamos explicar por que são chamados de infográficos de informação simultânea. Vamos ao primeiro deles:

INFOGRÁFICO 1 – Subtipo universal

O infográfico 1, *Supermaratona* possui tema enciclopédico e é independente, porque não acompanha outro texto. O infográfico 1, tem como tema as consequências no corpo do atleta de supermaratona. Isso é uma resposta à pergunta título O que acontece no corpo de quem disputa uma supermaratona? Em vez de respondê-la, utilizando uma pequena reportagem e um infográfico, isso é feito apenas com o infográfico. O texto verbal serve apenas de introdução, um lead, para o infográfico com subtítulo, *Corrida maluca*. Temos, portanto, um infográfico que cumpre sua função de informar sem auxílio de outro texto como uma reportagem ou notícia. Em relação à representação do infográfico 1, temos a seguinte configuração:

Infográfico 1 – Supermaratona		
Estruturas	Características	Realização no infográfico
Predomínio da estrutura conceitual classificacional velada, cf. p. 38.	Participante subordinador não é mostrado, apenas seus subordinados. É simétrica, ou seja, os subordinados são colocados lado a lado, em um mesmo nível, para demonstrar equivalência, embora haja um subordinador.	As três etapas da supermaratona são colocadas abaixo, alinhadas como partes de um participante maior que não aparece representado.
Estrutura conceitual analítica exaustiva encaixada, cf. p. 39.	Representa exaustivamente os atributos do portador.	Os atributos dos participantes são representados pelo uso de cores notáveis e legendas com textos verbais e ícones que representam calorias.

Tabela 4 – Configuração da estrutura: infográfico 1

[SUPERPOSTAS]

EDIÇÃO EMILIANO URBIM (emiliano.urvim@abril.com.br)

METABOLISMO

O que acontece no corpo de quem disputa uma supermaratona?

TEXTO ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER

Júlio Verne fez o homem dar a volta ao mundo em 80 dias. Caso seguisse a circunferência da Terra no Equador, Alexandre Ribeiro só precisaria de 71. Tricampeão mundial da supermaratona Ultraman, ele venceu a competição em 2008 percorrendo 515 quilômetros em 22 horas.

Dividida entre natação, ciclismo e corrida, a prova chacoalha o organismo até

dos mais preparados (ver quadro Corrida Maluca). Mas todo o treinamento e disciplina do mundo não bastam se o atleta não tem a seu favor 3 letras: DNA. "Quer ser um grande atleta? Escolha seus pais", afirma Alexandre Coimbra, especialista em medicina do esporte. Exemplo: uma pessoa normal consegue metabolizar 40 mililitros de oxigênio a cada minuto na

contração de músculos: um supermaratonista processa o dobro de energia. Os ultraman têm em média 40 anos. Para o tricampeão Alexandre, 44, "na primeira dificuldade, o novato, que não sabe o que o espera, nunca viveu aquilo, liga a seta para a direita e para. Pede pinico". Ou seja, além de um corpo são, a prova exige uma mente saradíssima.

Uma verdadeira maratona

Saiba como o triatleta Alexandre Ribeiro foi tricampeão do Ultraman em 2008.



FERRUGEM

A prova turbinava o estresse oxidativo, que pode acelerar o envelhecimento.

VOVÓS GAROTOS

Os ultraman têm entre 35 e 45 anos. Eles dizem que só a idade dá a mente necessária para vencer.

QUASE LÁ

Dura pouco quem dá tudo de si. A estratégia é manter **75%** do potencial.



CORRIDA MALUCA Disputar supermaratona emagrece, envelhece, dói e pode machucar.

Natação

São "só" 10 quilômetros, sem riscos de lesões. Mas é preciso controlar o ritmo para não morrer na praia.

Água fria é fatal. Mas no Havaí fica em torno de agradáveis 25°C.

O mal de barriga evita atrito, mas esquenta, causando desidratação.

CAÍDRA

É vital com bons estoques de potássio, sódio e glicose, conseguidos com alimentação balanceada.

HAJA FÓLEGO
O pulmão processa todo o O₂ que consegue para os músculos.

BARATO NATURAL
O organismo estimulado produz endorfina, que acalma a dor e engana o cérebro.

Ciclismo

A etapa mais longa é a que menos aquece o corpo: cortesia da brisa. Mas é preciso ter cuidado com as pedras no caminho.

Ventos de 35 a 70 km/h

90% das quedas da prova

75% das lesões da prova

DE BERÇO

O metabolismo superdotado dos maratonistas surge nesta hora, garantindo potência muscular.

GUARDA BAIXA
O esforço mina o sistema imunológico, e infecções nasais fazem a festa.

RAÇÃO RACIONAL
Digerir cansa: só rola comer barra proteica e carboidrato em gel, que vão direto para a corrente sanguínea.

Corrida

A etapa saideira é a que mais exige: o corpo está pedindo arrego. Músculos e pés são mais cobrados.

Ao final da prova, cada joelho sofreu o impacto de **1 TONELADA**

Não há prêmio em dinheiro. O ultraman ganha um troféu, uma camiseta e, claro, aplausos.

MUITO FOCO

Os corredores comparam a concentração necessária com a de um militar na guerra: há uma estratégia a ser seguida, e qualquer distração é fatal.

EU BEBO, SIM
Isotônicos são a pedida: equilibram a pressão arterial, a transmissão nervosa e o metabolismo celular.

JUNTAS
As articulações estão pedindo descanso. As mais exigidas, por ordem, são: coluna, quadril, joelho, tornozelo.



Estrutura conceitual classificacional velada. As três etapas da supermaratona são colocadas abaixo, alinhadas como partes de um participante maior que não aparece representado.

Estruturas conceituais analíticas exaustivas encaixadas.

Figura 7 – Infográfico 1: Supermaratona – Fonte: Superinteressante (v. 264, p. 40-41)

INFOGRÁFICO 2 – Subtipo universal

O infográfico 2, *Casa do presidente*, é enciclopédico por causa do tema que aborda. E é complementar porque faz parte e auxilia uma reportagem. Ele explica como é o Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente da República. A pequena reportagem é uma resposta à pergunta Como é a casa do presidente? O texto é iniciado por uma descrição dos cômodos e características da casa, entre outras curiosidades. O infográfico 2, porém, responde à pergunta título, Como é a casa do presidente, sem auxílio da reportagem que o acompanha, ela apenas traz outras informações.

Embora seja complementar, avaliar o quanto esse infográfico é dependente da reportagem que o acompanha é uma questão importante.

Uma coisa é certa: o assunto é diferente do trazido pela reportagem ou, pelo menos, são delimitações do assunto principal. Nos próximos infográficos complementares, veremos que todos cumprem a função de mostrar como foi o fato tratado na reportagem, sem que esta se preste apenas a reproduzir o que está sendo mostrado pelas imagens.

A configuração da representação do infográfico é esta:

Infográfico 2 – Casa do presidente		
Estrutura	Características	Realização no infográfico
Estrutura conceitual analítica exaustiva conjoneid, cf. p. 39.	Os atributos são conectados por uma linha que mesmo separados possuem a ideia de serem ligados fazendo o conjoined.	A casa do presidente é dividida em três estágios sobrepostos, contudo a noção de todo é mantida.

Tabela 5 - Configuração da estrutura: infográfico 2

[SUPERRESPOSTAS]

EDIÇÃO EMILIANO URBIM (emiliano.urbim@abril.com.br)

CARA DE PALÁCIO

Como é a casa do presidente?

TEXTO THAIS SANT'ANA

Mansão em Brasília, 3 pavimentos, às margens do lago Paranoá, toda mobiliada, estilo modernista. Terreno de 35 mil m², 10 mil m² de área construída, 8 quartos (4 suítes), segurança 24 horas, obras de arte, heliponto, espelho d'água, capela, estacionamento, campo de futebol, piscina olímpica com churrasqueira e bar, lagoa e jardim particulares. Interessou? Para poder ocupar esse imóvel, livre em janeiro de 2010, é preciso conquistar uns 50 milhões de votos.

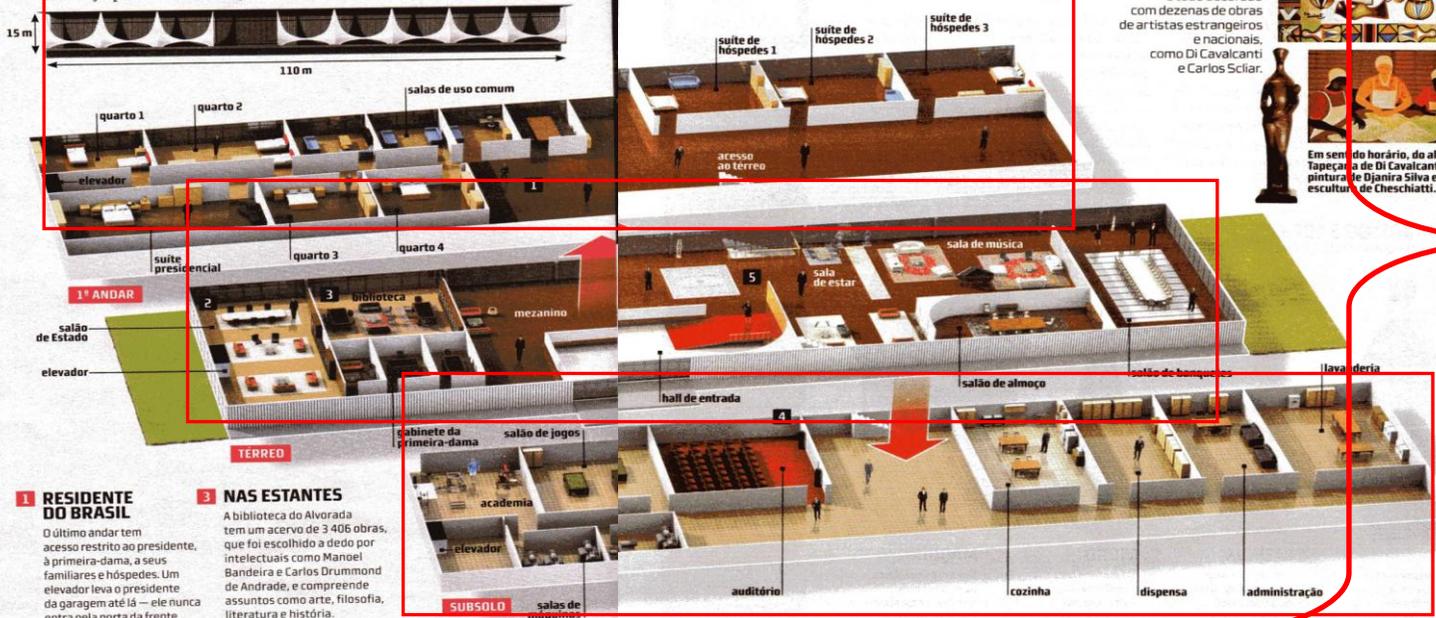
Estamos falando do Palácio da Alvorada, a residência oficial do presidente da República. Como a maioria dos marcos de Brasília, ele foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que nesse caso se inspirou nos casarões do Brasil colonial — as colunas que se distribuem ao redor dele em espaços de 10 em 10 metros servem para dar a ideia de redes estendidas. O Alvorada ficou pronto em 14 meses, entre abril de 1957 e junho de 1958 — dizem que Juscelino Kubitschek queria logo desocupar o Catetinho, um sobrado de madeira que lhe serviu de residência provisória durante a construção da capital.

Reformado em 2005 (sem grandes modificações, já que o prédio é tombado pelo Unesco), só em 2008 o prédio foi visitado por 13 545 turistas — com exceção do 1º andar. É lá que ficam os aposentos para o presidente, sua família e convidados. Para fazer o infográfico ao lado, por exemplo, foram necessárias várias idas e vindas até que a assessoria da Presidência confirmasse a disposição correta de cada cômodo. Questão de segurança nacional. **S**

42 SUPER JUNHO 2009

HUMILDE RESIDÊNCIA

Conheça por dentro os 3 pavimentos do Palácio da Alvorada.



1 RESIDENTE DO BRASIL

O último andar tem acesso restrito ao presidente, à primeira-dama, a seus familiares e hóspedes. Um elevador leva o presidente da garagem até lá — ele nunca entra pela porta da frente.

2 DA GRINGA

O salão de Estado é o espaço destinado à recepção de autoridades e personalidades internacionais. Há cadeiras para os interlocutores e seus eventuais intérpretes.

3 NAS ESTANTES

A biblioteca do Alvorada tem um acervo de 3 408 obras, que foi escolhido a dedo por intelectuais como Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, e compreende assuntos como arte, filosofia, literatura e história.

4 CINEMA EM CASA

No subsolo há um auditório para 30 pessoas, mais conhecido como Cinema do Alvorada. O presidente Lula costuma receber nesse espaço atores, diretores e produtores brasileiros para a exibição de filmes.

5 SALÃO NOBRE

Trata-se de um grande espaço que integra a sala de estar, a sala de música e o salão de almoço. Um conjunto estofoado está separado dos demais por um piano alemão Steinberg de meia cauda. Conta-se que ali JK reunia os amigos para saraus.

Arte executiva

Entre esculturas, pinturas e tapeçarias, o Palácio da Alvorada é todo decorado com dezenas de obras de artistas estrangeiros e nacionais, como Di Cavalcanti e Carlos Scliar.



Em sentido horário, do alto: Tapeçaria de Di Cavalcanti, pintura de Djaniira Silva e escultura de Cheschiatti.

Estrutura conceitual analítica exaustiva conjoneid. A casa do presidente é dividida em três estágios sobpostos, contudo a noção de todo é mantida.

Atrações exteriores

O entorno do Palácio da Alvorada tem dragões, aves raras e uma capela VIP.



SEGURANÇA

Os 300 soldados que se revezam na patrulha permanente — o Batalhão da Guarda Presidencial e os Dragões da Independência — usam uniformes históricos.



ASAS

O terreno é repleto de aves. 56 emas são 70. E há ainda patos, mergulhões, garças, araras, galinhas-d'angola, patos-selvagens e um pavão-branco.



BATISMOS

A capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, tem as paredes folheadas a ouro. Lá costumam ocorrer batizados de familiares dos políticos.

Infográfico: Thais Sant'Ana, Marcelo Rainho, Jonathan Sarmento e Luiz Iva

JUNHO | 2009 | SUPER | 43

Figura 8 – Infográfico 2: Casa do presidente – Fonte: Superinteressante (v. 266, p. 42-43)

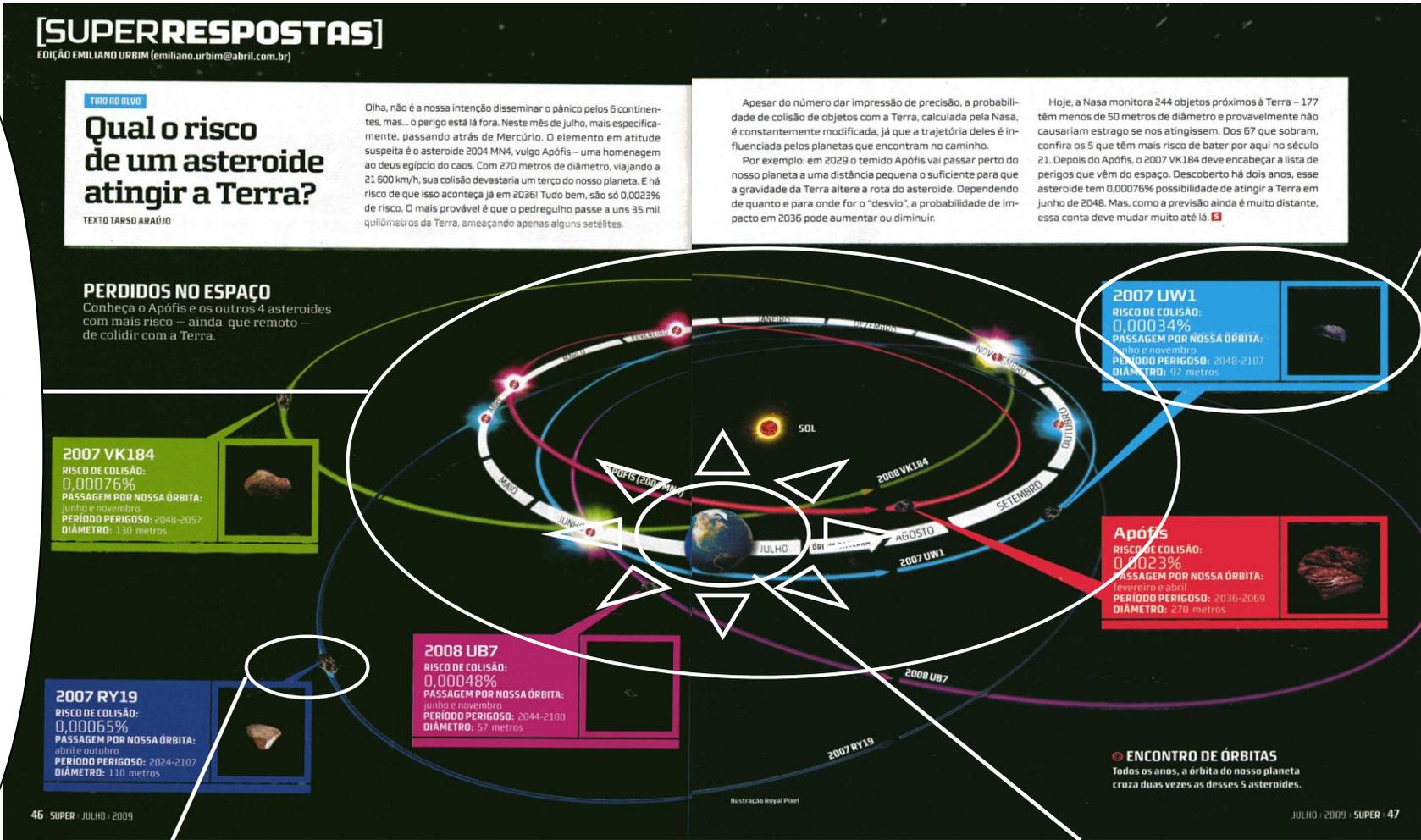
INFOGRÁFICO 3 – Subtipo universal

O infográfico 3, *Perdidos no espaço*, é enciclopédico também por causa do tema que abordam e é complementar por auxiliar uma reportagem. Também é consequência de uma pergunta: qual é o risco de um asteroide atingir a terra? A reportagem, em tom de resposta, explica as probabilidades e o infográfico apresenta os prováveis asteroides que podem colidir com a Terra. A pergunta do infográfico 3, diferentemente do que acontece no infográfico 2, é respondida pela reportagem; seu infográfico trás outras informações sobre o assunto.

Esta é a configuração de representação do infográfico

Infográfico 3 – Perdidos no espaço		
Estruturas	Características	Realização no infográfico
Predomina Estrutura conceitual classificacional mostrada múltiplos níveis, cf. p. 38.	Participante subordinador é colocado em nível hierárquico aos participantes subordinados, porém há outros níveis e outros graus de hierarquia. Pode ser uma estrutura em rede, o que torna a noção de hierarquia mais difusa.	O planeta Terra é representado como subordinador e os meteoros são representados como subordinados em sua volta.
Estrutura narrativa não-transacional encaixada, cf. quadro 3, p.37.	Mesmo havendo vetor, o participante ator não realiza uma ação, pois não há meta.	As órbitas formadas pelos meteoros são vetores em círculo que não possuem uma meta, porque partem do meteoro e chegam neles mesmos.
Estrutura de ação narrativa transacional encaixada, cf. quadro 3, p.37.	Presença de ator (também ator implícito) e meta. Há um vetor entre o ator e a meta.	Vetor partindo dos meteoros até um quadro apresenta suas características.
Estrutura conceitual analítica exaustiva encaixada, cf. p. 39.	Representa exaustivamente os atributos do portador.	Os meteoros são portadores, já os quadros que ampliam a imagem dos meteoros são atributos.

Tabela 6 - Configuração da estrutura: infográfico 3



Estrutura narrativa não-transacional encaixada. As órbitas formadas pelos meteoros são vetores em círculo que não possuem uma meta, porque partem do meteoro e chegam neles mesmos.

Estrutura conceitual analítica exaustiva encaixada. Os meteoros são portadores, já os quadros que ampliam a imagem dos meteoros são atributos.

Figura 9 – Infográfico 3: Perdidos no espaço – Fonte: Superinteressante (v. 267, p. 46-47)

Estrutura de ação narrativa transacional encaixada. Vetor partindo dos meteoros até um quadro apresenta suas características.

Predomina a Estrutura conceitual classificacional mostrada múltiplos níveis. O planeta Terra é representado como subordinador e os meteoros são representados como subordinados em sua volta.

Esses são os três infográficos do subtipo Universal. Ocorrem na seção Superrespostas, paradoxalmente, a regularidade está na irregularidade dessa seção, pois é uma seção que responde a perguntas, os temas variam e a única regularidade presente até aqui nessa seção é a presença de infográficos enciclopédicos, cujos temas são universais. Percebemos também uma regularidade na sua estrutura, a presença do subtipo analítico exaustivo seja de modo predominante, seja encaixado a outra estrutura. Com essas características, esses infográficos se aproximam mais do conceito jornalístico de tema universal visto anteriormente, por isso os chamamos de universais. Vejamos no quadro, em ordem de obrigatoriedade de ocorrência, as características necessárias para que tenhamos o infográfico universal:

1°	2°	3°	4°
Seção	Tipo jornalístico	Subtipo da estrutura	Tema
Superrespostas	Enciclopédico: Complementar ou Independente	Presença do analítico exaustivo como predominante ou encaixado.	Variado

Quadro 7 – Regularidade do infográfico universal

Pela variação de tema, a produção desse infográfico parece ser mais flexível em relação à organização da estrutura, embora haja a preocupação em detalhar todas as especificidades do objeto como é característico do subtipo analítico exaustivo.

INFOGRÁFICO 4 – Subtipo singular

O infográfico 4, *A missão que vai bombardear a Lua*, é específico por se tratar de um assunto novo, datado, por isso singularizado: a missão da Nasa que pretende encontrar água na Lua. Uma pequena reportagem trata do assunto e o infográfico explica o procedimento da missão. O infográfico é complementar, nem por isso deixa de ser inteligível sem a leitura da reportagem, como já observamos nos outros infográficos complementares, delimita um assunto específico do assunto tratado na reportagem.

[SUPERNOVAS]
EDIÇÃO BRUNO GARATTONI (bruno.garattoni@abril.com.br)

ARMAGEDOM
A missão que vai bombardear a Lua

Nasa prepara um ataque radical: tudo para ver se existe água por lá.

Quando o homem voltar à Lua, onde não pisa há 36 anos, será para ficar: o plano da Nasa é criar uma base permanente. Mas, para que esse sonho vire realidade, é fundamental saber se existe ou não água por lá. A dúvida pode estar prestes a ser resolvida, e da maneira mais cinematográfica possível. Em abril, parte da Terra uma missão com um objetivo radical: bombardear a Lua para saber se existe água congelada sob a superfície dela. O alvo será uma cratera em um dos polos da Lua, onde há grande concentração de hidrogênio, indicio da existência de água.

O bombardeio é necessário porque, como as crateras lunares são profundas e ficam num ângulo desfavorável em relação ao Sol, elas estão sempre na sombra. Por isso, os robzinhos que exploraram Marte não podem ajudar desta vez. Como eles são movidos a energia solar, não conseguiriam recarregar suas baterias – e congelariam no frio de 180 graus negativos. A missão vai pegar carona em outro lançamento, de um satélite que vai fotografar a Lua. Isso faz com que ela seja demorada (é possível chegar à Lua em 3 dias, mas a missão vai levar quase 3 meses), mas reduz os custos. A nave Phoenix Mars Lander, que descobriu água em Marte, custou US\$ 550 milhões. Já a nova missão, que se chama LCROSS (Lunar Crater Observation and Sensing Satellite), custou só US\$ 79 milhões e usa peças recicladas de outras naves. “É um Franken-satélite”, diz o engenheiro Stephen Hixson. Segundo a Nasa, a Lua não terá sua órbita alterada pela explosão, cujo objetivo é levantar uma nuvem de poeira e, quem sabe, água – o impacto será visível da Terra e também fotografado por uma nave espacial (veja no infográfico).

1 O LANÇAMENTO
Um foguete Atlas, que pesa 546 t, vai decolar da Florida levando consigo a nave LCROSS (Lunar Crater Observation and Sensing Satellite) e um módulo chamado Centauro.

2 A SEPARAÇÃO
Logo após o lançamento, o foguete se separa e cai no mar. A nave LCROSS permanece conectada ao Centauro e segue sua longa viagem à Lua.

3 A APROXIMAÇÃO
A cerca de 47 mil km da Lua, a LCROSS ajusta sua posição para mirar exatamente o ponto do impacto. Ela solta o Centauro e dá uma leve desacelerada usando seu sistema de retropropulsão.

4 O IMPACTO
O Centauro atinge a Lua. Isso provoca uma explosão fortíssima, que resulta num buraco de 20 m de largura e levanta uma nuvem de poeira com 250 t de crosta lunar.

CMICASE
Foguete vai bater a 9 mil km/h na superfície lunar.

Imagem gerada pela explosão.

A FOTO 5
A explosão é fotografada pela nave LCROSS, que envia os dados para análise na Terra. Se o clarão tiver um contorno branco, é porque existe água na Lua (veja exemplo acima). Logo depois, a própria LCROSS bate na Lua, provocando um segundo impacto – que poderá ser visto da Terra com telescópios amadores.

Labels:
foguete Atlas V
LCROSS (nave-guia)
Centauro (a bomba)
sistema de retropropulsão
Atlas V
Ele é americano, mas usa tecnologia russa.
LCROSS
Tem 5 câmeras para fotografar a missão.
Centauro
Pesa 2 300 kg – é o primeiro a se esborrachar.

Timeline:
24 de abril
2 horas depois
86 dias depois (19 de julho)
7 horas depois
1,3 segundo depois

24 SUPER FEVEREIRO | 2009 FEVEREIRO | 2009 SUPER 25

Estrutura conceitual analítica exaustiva conjoneid. O foguete é mostrado por partes, porém há a noção de todo o artefato.

Figura 10 – Infográfico 4: A missão que vai bombardear a Lua – Fonte: Superinteressante (v. 262, p. 24-25)

A tabela abaixo apresenta a configuração do infográfico 4:

Infográfico 4 – A missão que vai bombardear a Lua		
Estrutura	Características	Realização no infográfico
Estrutura conceitual analítica exaustiva conjoneid, cf. p. 39.	Os atributos são conectados por uma linha que mesmo separados possuem a ideia de serem ligados fazendo o conjoined.	O foguete é mostrado por partes, porém há a noção de todo o artefato.

Tabela 7 - Configuração da estrutura: infográfico 4

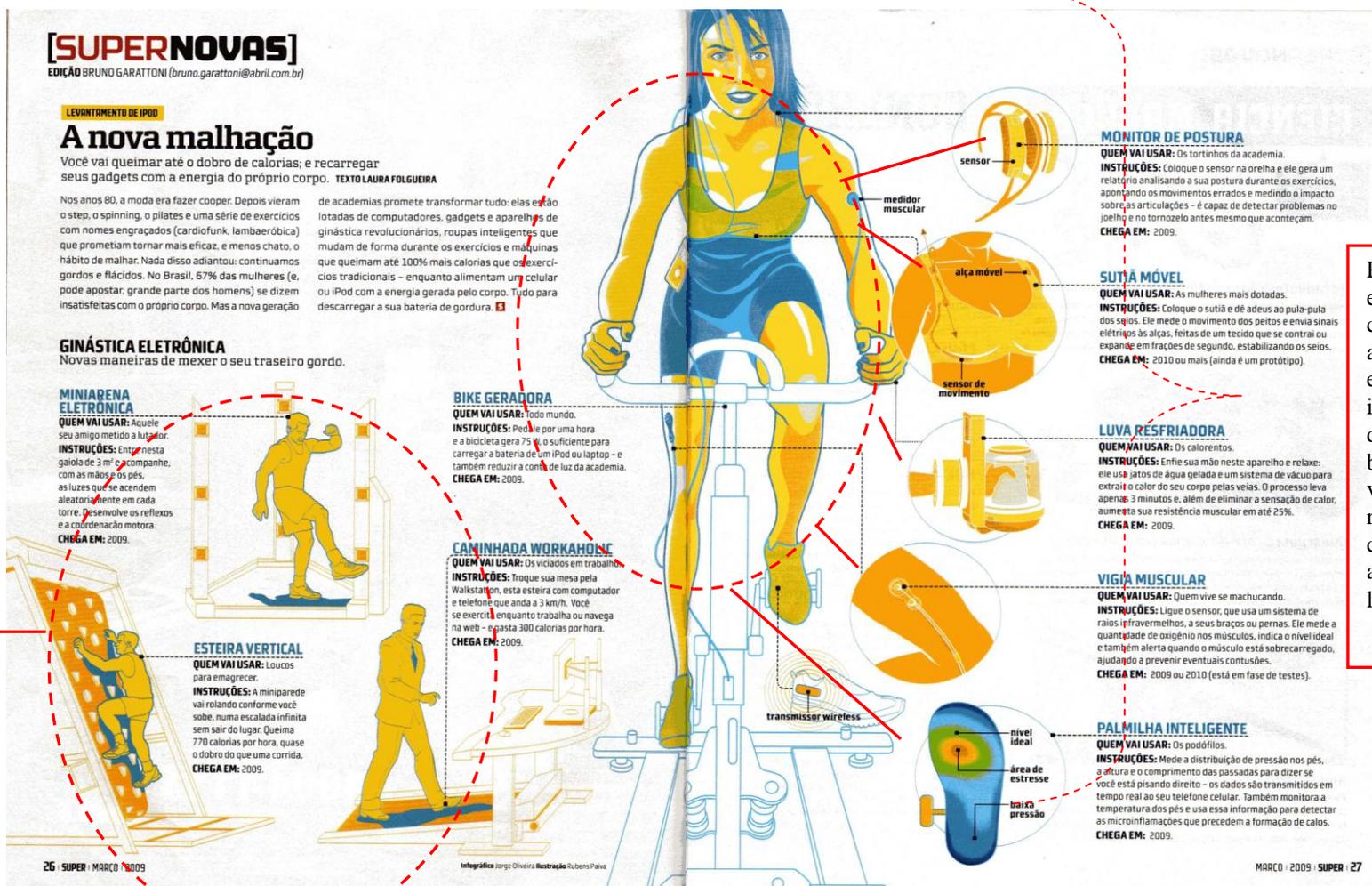
INFOGRÁFICO 5 – Subtipo singular

O infográfico 5, *A nova malhação*, também é específico e independente. O infográfico 5 apresenta novas tecnologias usadas em aparelhos de ginástica. O texto introdutório não trata especificamente do assunto central, deixando para o infográfico dar os detalhes dessa tecnologia.

Esta é a configuração da estrutura do infográfico:

Infográfico 5 – A nova malhação		
Estruturas	Características	Realização no infográfico
Predominância da estrutura conceitual analítica exaustiva, cf. p. 39.	Representa exaustivamente os atributos do portador.	A imagem central da mulher na bicicleta possui vários atributos representados com imagens ampliadas e legendas.
Estrutura conceitual analítica inclusiva encaixada, cf. p. 39.	É inclusivo quando mostra apenas alguns atributos.	Processos menores na parte esquerda da imagem com apenas um atributo representado.

Tabela 8 - Configuração da estrutura: infográfico 5



Estrutura conceitual inclusiva encaixada. Processos menores na parte esquerda da imagem com apenas um atributo representado.

Predomínio da estrutura conceitual analítica exaustiva. A imagem central da mulher na bicicleta possui vários atributos representados com imagens ampliadas e legendas.

Figura 11 – Infográfico 5: A nova malhação – Fonte: Superinteressante (v. 263, p. 26-27)

INFOGRÁFICO 6 – Subtipo singular

O infográfico 6, *Tchau sujeira* também é singular e independente. Seu assunto são as novas tecnologias para limpeza urbana.

Infográfico 6 – Tchau, sujeira		
Estruturas	Características	Realização no infográfico
Predomínio Estrutura conceitual analítica exaustiva compounded, cf. p. 39.	No compounded, os atributos estão juntos, mas retratados como partes separadas.	A cidade, portador, é apresentada como um todo, mas suas partes atributos são representadas destacadas com imagens ampliadas (zooms) e legendas.
Estrutura conceitual analítica exaustiva e inclusiva encaixada, cf. p. 39.	Representa exaustivamente os atributos do portador. É inclusivo quando mostra apenas alguns atributos.	A imagem ampliada do passageiro no ônibus com sua roupa é o portador. O tecido dessa roupa, que são atributos, é representado exaustivamente em outra ampliação. Isso ocorre com a ampliação do carro também.

Tabela 9 - Configuração da estrutura: infográfico 6

INFOGRÁFICO 7 – Subtipo singular

O infográfico 7, *Narcotráfico dá pouco dinheiro*, também é singular e independente. Ele apresenta um estudo sobre a lucratividade do narcotráfico carioca.

Infográfico 7 – Narcotráfico dá pouco dinheiro		
Estruturas	Características	Realização no infográfico
Predomínio da estrutura conceitual analítica exaustiva conjoneid, cf. p. 39.	Os atributos são conectados por uma linha que mesmo separados possuem a ideia de serem ligados fazendo o conjoined.	Uma espécie de fábrica do narcotráfico é dividida em partes que ainda preservam a noção de todo.
Estrutura conceitual analítica dimensional e quantitativa encaixada, cf. p. 39.	A escala de representação é formada por participantes que representam espaço e quantidade como em gráficos.	A fábrica do tráfico é permeada por gráficos estatísticos que são representados por participantes da própria fábrica.

Tabela 10 - Configuração da estrutura: infográfico 7

[SUPERNOVAS]
EDIÇÃO BRUNO GARATTONI (bruno.garattoni@abril.com.br)

PERDEU, CASARÓ

Tchau, sujeira

Nova geração de tecnologias vai deixar as metrópoles mais limpas do que nunca. **TEXTO CIRCE BONATELLI**

Andar numa cidade grande é ter cada um dos sentidos atacado por um tipo diferente de sujeira: fumaça, barulho, poluição visual, cheiros estranhos, pedaços de lixo esparramados pela rua... Uma imundície. E as soluções dos especialistas para resolver o caos urbano geralmente têm um quê de utopia. Só para citar dois exemplos: o carro elétrico ainda é um sonho distante, e convencer as pessoas a não jogar lixo no chão é uma tarefa que pode levar décadas. Mas há esperança. Uma nova geração de tecnologias, que já estão sendo testadas em vários países, promete acabar com a sujeira nas metrópoles. Ou, pelo menos, deixá-las mais limpas do que jamais foram. **S**

elétrico ainda é um sonho distante, e convencer as pessoas a não jogar lixo no chão é uma tarefa que pode levar décadas. Mas há esperança. Uma nova geração de tecnologias, que já estão sendo testadas em vários países, promete acabar com a sujeira nas metrópoles. Ou, pelo menos, deixá-las mais limpas do que jamais foram. **S**

CIDADE ULTRALIMPA
Lixo? Barulho? Poluição? Tudo tem jeito.

CHICLETE INGRUDÁVEL
ONDE JÁ TEM: Inglaterra.
QUANTO CUSTA: O mesmo que um chiclete comum.
COMO FUNCIONA: É feito de moléculas hidrofílicas, que se ligam facilmente à água (inclusive à umidade contida no ar). Por isso, está sempre meio molhadinho – e não gruda na calçada nem no sapato. E o sabor é o mesmo de um chiclete comum.

RUAS SILENCIOSAS
ONDE JÁ TEM: Brasil (rod. Anchieta-Imigrantes).
QUANTO CUSTA: 15% mais que o asfalto comum.
COMO FUNCIONA: Tem 20% de borracha em sua composição. Por isso, sofre até 5 vezes menos desgaste e fica muito mais macio – o que é suficiente para diminuir cerca de 50% do barulho causado pela passagem dos carros.

CARRO AUTOLIMPAANTE
ONDE JÁ TEM: EUA e Itália (em teste).
QUANTO CUSTA: Preço não disponível.
COMO FUNCIONA: Você sabia que a queima da gasolina produz água? São 900 ml a cada 10 km rodados. Este carro recupera parte do líquido e o usa para limpar a lataria e os vidros – que, graças a um revestimento especial, repletos até 60% da sujeira.

PRÉDIOS AUTOLIMPANTES
ONDE JÁ TEM: EUA e Europa.
QUANTO CUSTA: 20% mais que a tinta comum.
COMO FUNCIONA: O imóvel e seus vidros são revestidos por uma película de titânio, que reage com a luz do Sol e quebra as moléculas de sujeira (fuligem, pichações, cocô de passarinho). A proteção dura até 10 anos.

ASPIRADOR DE POLUIÇÃO
ONDE JÁ TEM: EUA (em teste).
QUANTO CUSTA: Preço não disponível.
COMO FUNCIONA: O ar é sugado e passa por filtros encharcados de hidróxido de sódio – que captura as moléculas de CO₂. Sete unidades do aparelho, que tem 3,5 m de altura, seriam suficientes para limpar a av. Paulista, em SP.

COLETA ROBÓTICA
ONDE JÁ TEM: EUA e Inglaterra.
QUANTO CUSTA: US\$ 250 mil.
COMO FUNCIONA: O caminhão tem um braço robótico que consegue localizar, pegar e esvaziar as caçambas. Tudo sozinho e em apenas 8 segundos, metade do tempo gasto pelos motoristas. E sem fazer barulho pela rua.

ROUPA ANTIFEDOR
ONDE JÁ TEM: EUA e Inglaterra (em teste).
QUANTO CUSTA: US\$ 250.
COMO FUNCIONA: Quando você transpira, as bactérias “comem” o seu suor. É isso que causa mau cheiro. Mas este tecido tem bolinhas de prata que rasgam as membranas das bactérias. Elas morrem – e você não fica fedendo.

LIXEIRA QUE NÃO TRANSBORDA
ONDE JÁ TEM: Coreia, Canadá e Israel.
QUANTO CUSTA: US\$ 4 300.
COMO FUNCIONA: Ela percebe quando está ficando cheia e aciona um compactador de lixo movido a energia solar. Por isso, comporta até 750 l de lixo – o equivalente a 7 lixeiras comuns.

Infográfico: Luciano Veronezi e Luiz Iria (consultor)

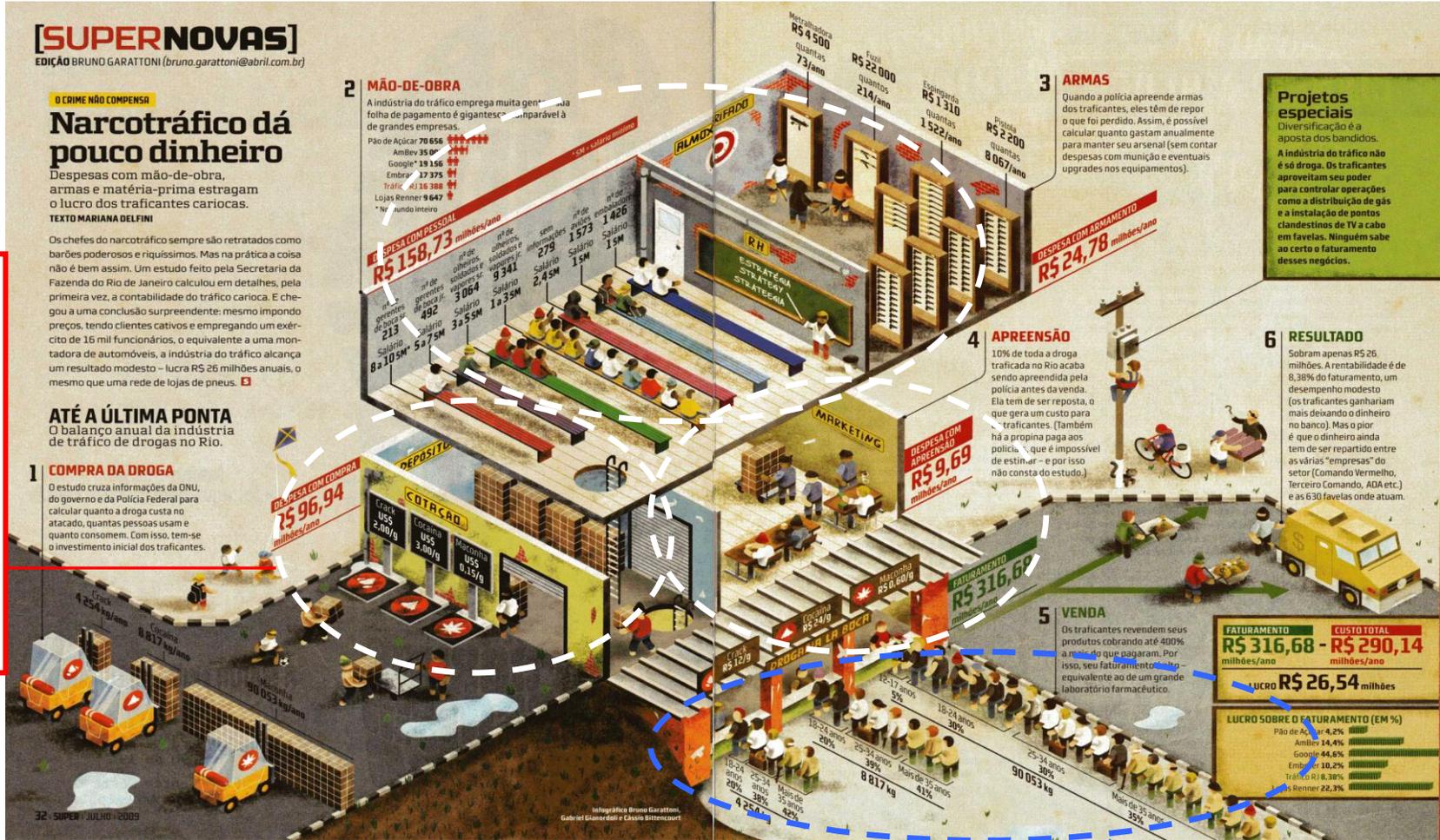
Fontes: Zilver Nanocoatings, Revolyemc Global Research Technologies, CET, Greca Asfaltos, Alelixum Group, Kirklees Council, Seahorse Power Company, Pilkington Glass e Ford.

MARÇO 2009 | SUPER | 23

Predomínio Estrutura conceitual analítica exaustiva compounded Ampliações (zooms) das partes de uma cidade, que se mantém como um todo.

Figura 12 – Infográfico 6: Tchau, sujeira – Fonte: Superinteressante (v. 265, p. 22-23)

Ampliação da ampliação: Estrutura conceitual analítica exaustiva e inclusiva encaixada.



Estrutura conceitual analítica exaustiva conjoined. Os atributos são conectados por uma linha que mesmo separados possuem a ideia de serem ligados fazendo o conjoined.

Figura 13 – Infográfico 7: Narcotráfico dá pouco dinheiro – Fonte: Superinteressante, (v. 267, p.32-33)

Estrutura conceitual analítica dimensional e quantitativa encaixada. A escala de representação é formada por participantes que representam espaço e quantidade como em gráficos.

Esses são os quatro infográficos do subtipo singular. Todos eles estão na seção Supernovas, os de número 4, *A missão que vai bombardear a Lua*, 5, *A nova malhação*, 6, *Tchau, sujeira* e 7, *Narcotráfico dá pouco dinheiro*. Os quatro infográficos são específicos, possuem como tema assuntos relacionados a novidades que se diferenciam do senso comum, sejam tecnológicas, com maior frequência, ou não. Além disso, são organizados predominantemente pelo subtipo analítico exaustivo e suas variações conjoined/ compounded com apenas um analítico dimensional e quantitativo encaixado. Essas características nos permitem apontar para existência de um infográfico mais próximo do conceito de singularidade do jornalismo, por isso foi nomeado como singular. Novamente em ordem de obrigatoriedade, as características presentes em um infográfico singular:

1°	2°	3°	4°
Seção	Tema	Subtipo da estrutura	Tipo jornalístico
Supernovas	Novidades	Predomínio do analítico exaustivo e suas variações.	Específicos: Complementar ou Independente

Quadro 8 – Regularidade do infográfico singular

INFOGRÁFICO 8

O infográfico 8, *Guia rodoviário dos oceanos*, diferencia-se dos demais, primeiramente pela seção, *Pôster*, cuja periodicidade é regular, mas que, nas sete edições analisadas, apenas uma utiliza um infográfico e o faz utilizando uma estrutura simbólica. Por isso, ele não se encaixa em nenhum tipo de infográfico proposto por nós.

Infográfico 8 – Guia rodoviário dos oceanos		
Estruturas	Características	Realização no infográfico
Predomínio da estrutura conceitual simbólico atributivo simbólico, cf. p. 40.	O portador é representado por uma participante chamado de atributivo simbólico, que é representado com mais saliência.	As rotas marítimas, portador, são representadas por estradas rodoviárias com veículos trafegando por elas, que são representadas com mais saliência através de cores mais notáveis.
Processo narrativo de ação transacional encaixado, cf. quadro 3, p. 37.	Há um vetor entre o participante ator e o participante meta.	As estradas são vetores que ligam um continente ao outro (atores e metas).

Tabela 11 - Configuração da estrutura: infográfico 8



Predomínio da estrutura conceitual simbólica atributivo simbólico. As rotas marítimas, portador, são representadas por estradas rodoviárias com veículos trafegando por elas, que são representadas com mais saliência através de cores mais notáveis.

Processo narrativo de ação transacional encaixado. As estradas são vetores que ligam um continente ao outro (atores e metas).

Figura 14 – Infográfico 8: Guia rodoviário dos oceanos – Fonte: Superinteressante (v. 266, p. 38-39)

3.1.1.1 Por que infográficos de informação simultânea?

Vamos agora entender por que esses 7 infográficos são chamados de tipo informação simultânea. Nós o classificamos assim, porque todas as características do objeto são apresentadas simultaneamente. A partir da análise da metafunção textual do visual desses infográficos, isto é, suas composições, observamos que todos eles optam pela organização centro-margem das informações.

A composição relaciona os elementos do visual promovendo o arranjo capaz de organizar a representação e a interação e, conseqüentemente, promovendo as relações entre os participantes representados e interactantes.

Em relação às zonas de informação, notamos que todos os 10 infográficos da amostra posicionam as reportagens e textos introdutórios à esquerda ou acima nos infográficos. Os infográficos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 são organizados na relação centro margem. Consideramos como critérios para essa diferenciação os seguintes elementos em ordem de relevância: saliência dos elementos centrais, disposição das partes do infográfico e ausência ou presença de numeração das legendas.

Essa ordem se justifica porque como ocorre, por exemplo, no infográfico 7, *Narcotráfico dá pouco dinheiro* e 4, *A missão que vai bombardear a Lua*, há presença de numeração nas legendas, porém a saliência do elemento posicionado ao centro da imagem com outros elementos a sua margem é mais relevante do que a numeração.

No infográfico 2, *Casa do presidente*, a numeração é um dêitico que sinaliza para locais na imagem e não uma orientação da esquerda para direita. A numeração aparece nos infográficos com essa função e com função de indicar seqüências temporais. Nesse último caso, organiza a composição da esquerda para a direita. Por isso ela acontece nos infográficos 9 e 10, que tratam de assuntos que demandam o entendimento por ordenação temporal e serão analisados na próxima seção.

A preferência, portanto, é pela organização centro-margem de posicionamento de informações. A posição centro-margem deixa em destaque o objeto, cujas explicações se posicionam a sua margem, perdendo a noção de informação dado/novo e criando uma organização típica dos textos integrados, em rede, espiral, enfim, numa simultaneidade hipertextual.

Essa simultaneidade acontece nos infográficos 2, *Casa do presidente*, 4, *A missão que vai bombardear a Lua* e 7, *Narcotráfico dá pouco dinheiro* em virtude da sua organização de framings na estrutura analítico exaustivo conjoined da seguinte maneira: os espaços entre os elementos criam a noção de sua separação para poder explicá-los, contudo, sem perder a noção de todo.

Nos outros infográficos em cuja estrutura está presente o analítico exaustivo, os framings ocorrem pela ampliação das imagens como no infográfico 5, *A nova malhação*, pelo uso de cores diferenciadas como nos participantes do infográfico 1, *Supermaratona*, ou como nas órbitas dos meteoros do infográfico 3, *Perdidos no espaço*.

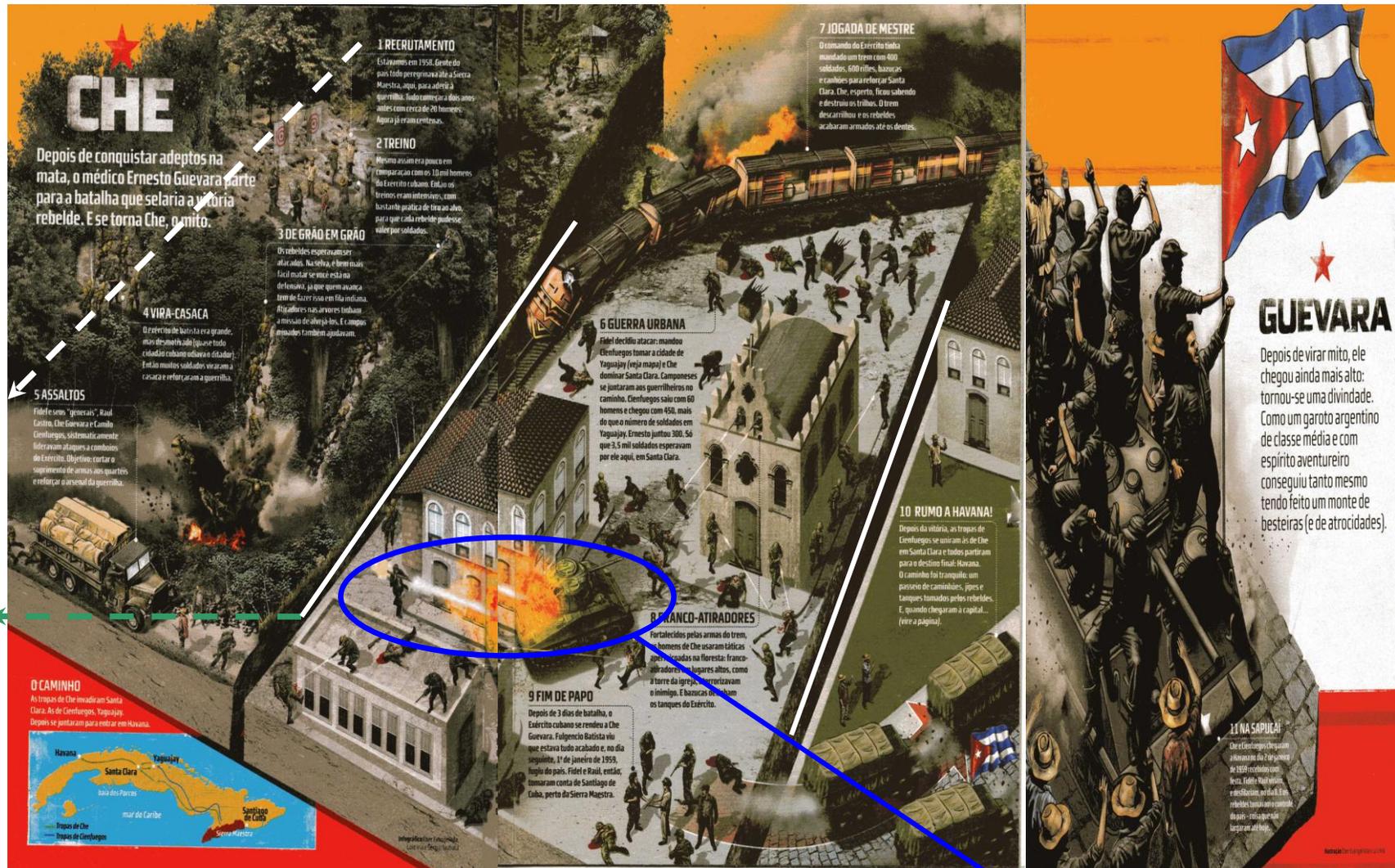
Já no diferenciado infográfico 8, *Guia rodoviários dos oceanos*, o mapa-múndi e as cores diferenciadas, demarcam as rodovias. A posição centro-margem das informações deixa mais saliente os elementos do centro. As cores, que auxiliam na criação de framings, também são mais salientes do que as outras cores.

3.1.2 Infográficos do tipo informação ordenada temporalmente – Linha do tempo

Do conjunto de amostras de 10 infográficos, há 2 infográficos do tipo informação ordenada temporalmente. Ambos se encaixam num subtipo linha do tempo que os diferenciam dos outros dois subtipos do tipo informação simultânea. Veremos as análises que os classificaram assim e depois explicaremos por que são chamados de infográficos de informação ordenada temporalmente.

INFOGRÁFICO 9

O infográfico 9, *Che Guevara*, é enciclopédico por causa do tema que aborda e complementar porque auxilia uma reportagem. Ele narra a campanha revolucionária de Che Guevara em Cuba, um assunto de história. Ele inicia uma reportagem de capa cujo objetivo é apresentar duas versões sobre o personagem histórico em questão.



Estágios da empreitada de Che e sua tropa, portador, são apresentadas por cenas acompanhadas de legendas numeradas que dão noção de passagem de tempo, atributos. As divisões na imagem (frames) reforçam a explicação gradual da história narrada.

Figura 15 – Infográfico 9: Che Guevara – Fonte:

Superinteressante (v. 261, p. 49-50)

Processos narrativos de ação transacionais encaixados. Nos estágios, são narradas cenas de combate com presença de vetores realizados pelas armas, braços, linhas de fogo, seta.

Assim como nos infográficos complementares do tipo informação simultânea, acreditamos também que infográficos de ordenação temporal como o acima também podem ser lidos separadamente dos textos que o acompanham, até mesmo porque traz informações diferenciadas das informações da reportagem. É uma reportagem de capa que discute as duas personalidades do guerrilheiro Che Guevara: a do bem e a do mal. No entanto, o infográfico abre essa reportagem, contextualizando como Che Guevara e seus companheiros tomaram o poder em Cuba. Apenas nessa edição a reportagem de capa contou com infográfico. A configuração do infográfico é esta:

Infográfico 9 – Che Guevara		
Estruturas	Características	Realização no infográfico
Predomínio da estrutura conceitual analítico temporal, cf. p. 39.	Sugere dimensão temporal, o que sugere narração. No entanto, não há vetores, mas análises graduais da história “narrada”. O que é narrado é o portador e os estágios analisados desse portador são os atributos.	Estágios da empreitada de Che e sua tropa, portador, são apresentados por cenas acompanhadas de legendas numeradas que dão noção de passagem de tempo, atributos.
Processos narrativos de ação transacionais encaixados, cf. quadro 3, p. 37.	Presença de ator (também ator implícito) e meta. Há um vetor entre o ator e a meta.	Em cada estágio, são narradas cenas de combate com presença de vetores realizados pelas armas, braços, linhas de fogo, seta.

Tabela 12 - Configuração da estrutura: infográfico 9

INFOGRÁFICO 10

O infográfico 10, *Já era*, é considerado do tipo complexo para o jornalismo (cf. seção 2.3.1, p. 27). São três infográficos que narram três eventos naturais que terminaram e iniciaram eras geológicas no planeta Terra. Eles acompanham uma reportagem sobre o tema, porém, podem ser lidos separadamente sem a necessidade de ler a reportagem para entendê-los. Por isso é complementar e, pelo tema, é considerado enciclopédico.

Diferentemente do infográfico Che Guevara, o infográfico 10 é dependente da reportagem que o acompanha, apesar de trazer informações diferentes, completa as informações presentes na reportagem. A seção em que aparece, Ciência, não é uma seção com presença regular na revista. Nas sete edições, aparece apenas uma vez.

A seguir, a configuração do infográfico 10:

Infográfico 10 – Já era!		
Estrutura	Características	Realização no infográfico
Estrutura conceitual analítico temporal, cf. p. 39.	Sugere dimensão temporal, o que sugere narração. No entanto, não há vetores, mas análises graduais da história “narrada”. O que é narrado é o portador e os estágios analisados desse portador são os atributos.	Os estágios de destruição da Terra, atributos, são apresentados com legendas numeradas, uma linha no pé da página e separados por framings.

Tabela 13 - Configuração da estrutura: infográfico 10

Essas são as regularidades dos infográficos 9, *Che Guevara*, e 4, *Já era!* Ambos possuem assuntos históricos, com noção de passagem de tempo, são estruturados pelo subtipo analítico temporal, cuja noção de tempo é gradual, dividido em etapas, sugerindo uma narração, mas sem vetores. São mais extensos: três páginas no primeiro e seis no segundo. São próximos das linhas do tempo. Além disso, ambos possuem assuntos enciclopédicos que completam uma reportagem e estão em seções aleatórias, cuja periodicidade não é regular.

Desse modo, podemos dizer que esses infográficos possuem características que são frequentes. Damos o nome de infográficos Linha do tempo. Abaixo, observamos as características necessárias, em ordem de obrigatoriedade, para que tenhamos esse infográfico:

1°	2°	3°	4°
Tema	Subtipo da estrutura	Tipo jornalístico	Seções
Histórico	Analítico temporal	Enciclopédico Complementar	Aleatórias

Quadro 9 – Regularidade do infográfico linha do tempo

3.1.2.1 Por que infográficos de informação ordenada temporalmente – linha do tempo?

O nome dado a esse tipo de infográfico é análogo ao que ele tem de mais regular na sua estrutura, que é sua disposição de informações por ordenação temporal. Essa regularidade é reafirmada na análise da sua composição.

Já dissemos que todos os 10 infográficos, em relação às zonas de informação, posicionam as reportagens e textos introdutórios à esquerda ou acima nos infográficos. Os infográficos 9, *Che Guevara*, e 10, *Já era*, são organizados a partir de uma posição horizontal da esquerda para a direita, diferentemente da organização centro-margem dos infográficos do tipo informação simultânea. A numeração aparece nesses infográficos com a função de indicar sequências temporais, organizando a composição da esquerda para a direita. Ela acontece nos infográficos 9, *Che Guevara*, e 10, *Já era*, que tratam de assuntos que demandam o entendimento por ordenação temporal.

Nos infográficos 9, *Che Guevara*, e 10, *Já era*, identificamos divisões espaços-temporais típicas das linhas do tempo. Elas estão marcadas nesses infográficos por cortes nas imagens, funcionando como framings, denotando a noção de mudança de tempo e de espaço

3.1.3 Por que infográficos da categoria orientação ao conhecimento?

Categorizamos todos os 10 infográficos como de orientação ao conhecimento. Isso foi possível após a análise da metafunção interpessoal no visual, a interação, que diz respeito à relação entre participantes representados e interactantes (leitores) e a relação destes com os produtores (relação entre participantes interactantes). Seria análogo à metafunção interpessoal no linguístico. Na tabela a seguir, analisamos os infográficos no que tange aos elementos de interação como contato, distância, atitude e modalidade.

Análise dos elementos de interação nos infográficos - CONTINUAÇÃO														
Critérios			Infográficos											
Elemento de interação	Tipo	Representação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
Modalidade	Marcadores de modalidade		Nível de modalidade											
	Cor	Saturação	A = Alta. M= média. B = Baixa	Média para o meio tecnológico.	Alta para o meio naturalístico.	Média para o meio naturalístico	Alta para o meio naturalístico.	Alta para o meio naturalístico.	Média para o meio sensório.	Alta para o meio naturalístico.	Alta para o meio naturalístico.			
		Diferenciação												
		Modulação												
	Contextualização													
	Representação													
	Profundidade													
	Iluminação													
Brilho														
Orientação do código	Meio social de avaliação		Característica											
	Tecnológico		Abstinência de cores	X										
	Sensório		Abuso de cores								X			
	Abstrato		Arte abstrata											
	Naturalístico		Padrão fotográfico		X	X	X	X	X	X		X	X	

P.I. = Participante Interactante/ P.R. Participante Representado

Tabela 14 – Configuração dos elementos de interação nos infográficos

Três critérios predominantes encontrados nos infográficos nos permitem apontar que o leitor é posto numa posição de observador. Primeiro, com exceção do infográfico 5, *Nova malhação*, todos estão em posição de oferta, o que indica uma posição de observação por parte do leitor. Segundo, predomina a distância pública, o que favorece essa posição. Além

disso, são imagens objetivas que apresentam variados pontos de observação para o leitor, o terceiro critério.

Outra regularidade é a orientação ao código, voltada para o meio naturalístico de avaliação social. Esse meio avalia como alta modalidade imagens que se aproximam do padrão fotográfico, o que o senso comum acredita ser mais próximo do real. A preocupação dos produtores dos infográficos é com esse meio social de recepção.

No infográfico 1, *Supermaratona*, consideramos o meio tecnológico pelas características de cor e representação. Há pouca diferenciação de cores, aproximando-se do monocromático característico do padrão tecnológico e a representação dos participantes não é tão detalhada.

No infográfico, 8, *Guia rodoviário dos oceanos*, por se tratar de um infográfico de estrutura simbólica, há a saturação excessiva de cores, bem como uma gama de diferenciação de cores, o que o aproxima do meio sensorial de recepção de imagens.

Na configuração dos ângulos, outra regularidade: seis infográficos possuem ângulo horizontal frontal, juntamente com o vertical ao nível dos olhos, configuração que sugere, nas imagens objetivas, orientação ao conhecimento, o leitor fica em posição privilegiada para observar e aprender. Nos outros quatro, temos o ângulo horizontal oblíquo, juntamente com ângulo vertical alto, chamado de ângulo cross-section. Essa configuração, nas imagens objetivas, além de direcionamento à aprendizagem, relativiza o posicionamento do leitor, pois não fica em um ângulo frontal, diminuindo a noção de ângulo vertical alto, buscando anular diferenças de poder e envolvimento com os participantes representados.

De qualquer forma, portanto, a interação entre participantes representados e interactantes nos infográficos se configura em busca de uma orientação ao conhecimento, através de imagens objetivas que buscam ser imparciais. Essas escolhas apontam a relação entre os participantes interactantes produtores-leitores: informar, de um modo mais cômodo para o leitor, sem opinar.

3.2 Resumo do capítulo

Verificamos neste capítulo relativo à produção, portanto, existir a presença de infográficos de cunho didático na revista *Superinteressante*, que buscam uma relação de divulgação de conhecimento entre produtores e leitores. Eles se dividem em três subtipos de

infográficos. O primeiro é aquele que engloba os infográficos com temas históricos, organizados por narração espaço temporal, frequentemente enciclopédicos e sempre complementares a outro gênero. Doravante serão considerados infográficos linha do tempo.

O segundo tipo reúne os infográficos, que daqui por diante, serão chamados de infográficos universais, pois tratam de assuntos enciclopédicos variados de caráter universal, organizados com disposição simultânea de informações.

O terceiro tipo é o Singular, cujos infográficos possuem como tema assuntos específicos, sobretudo novidades de ciência-tecnologia e geo-históricas. A organização de informações também é simultânea, porém muito exaustiva na descrição e explicação do objeto.

No próximo capítulo, vamos analisar a leitura do infográfico a partir da análise de coleta de dados. Para tanto, vamos utilizar essas categorias propostas aqui para organizar os instrumentos de coleta de dados e a consequente análise desses dados.

CAPÍTULO 4 – A leitura: Já nas bancas!

Seguindo a metodologia proposta na seção 2.2, após analisarmos a produção do infográfico no que diz respeito ao jornalismo e aos seus produtores (seção 2.3) e a sua textualidade (capítulo 3), além de definir nossa perspectiva de leitura (seção 2.5), neste capítulo, apresentamos a nossa metodologia quanto à coleta de dados para análise do infográfico sob o ponto de vista da sua recepção: quais procedimentos de leitura o leitor utiliza para ler os tipos de infográficos apresentados no capítulo 3 e como esses procedimentos interferem na compreensão das informações de um infográfico. Apresentamos a natureza dos dois instrumentos de coleta de dados, bem como a necessidade de utilizar dois instrumentos. Apresentamos o material utilizado, os infográficos selecionados para realizar a coleta de dados, os participantes e os procedimentos tomados para aplicação dos instrumentos. Apresentamos também a análise dos dados coletados pelos dois instrumentos, no intuito de confrontarmos os dados para atingirmos nosso objetivo: verificar como os procedimentos de leitura do infográfico influenciam na compreensão das informações veiculadas nele.

4.1 Coleta de dados

Para observar e registrar os procedimentos de leitura utilizados pelos participantes, ou seja, a produção da leitura, escolhemos a técnica do protocolo verbal. Ela se mostra o mais adequado método para se registrar o processamento cognitivo, ou seja, as escolhas, caminhos e motivações, enfim as estratégias do leitor na sua tarefa de ler o infográfico. Usaremos especificamente o protocolo de auto-observação, como explica Tomitch (2007. p. 43-44), esse protocolo refere-se à

descrição que o leitor faz de uma situação específica de leitura que acabou de fazer. Nesse tipo de protocolo verbal, apesar de os dados sobre a leitura já não estarem mais na memória de trabalho e o que temos então é uma ‘percepção’ do leitor sobre como se deu o seu próprio processo, essa percepção, por si só, pode ser importante para a pesquisa em questão ou para que possa ser feita uma triangulação com dados coletados através de outras ferramentas de pesquisa. A observação ou verbalização retrospectiva seria própria para um estudo envolvendo a percepção do leitor sobre sua leitura numa situação específica, para que pudesse ser contrastada com a sua efetiva compreensão do texto.

Esse tipo de protocolo se encaixa nas nossas necessidades, devido a sua função de registrar a os procedimentos de leitura e fornecer pistas do processamento de leitura. Interessa-nos, nessa fase de experimentação, observar a produção da leitura e não ainda o produto. Flores (2007, p. 58) aponta os protocolos verbais como a ferramenta mais apropriada para isso:

os chamados protocolos verbais, em suas várias modalidades, averiguam o processamento da compreensão que é acompanhado, mensurado, expresso e monitorado pelo próprio leitor, enquanto faz a leitura. O pressuposto metodológico é o de que, idealmente, o próprio sujeito tem condições de descrever de forma fidedigna a maneira como ele vai processando o texto e construindo o seu entendimento a respeito dele. O propósito das investigações dessa natureza é o de acompanhar o desenrolar daquilo que acontece no cérebro do leitor durante a ocorrência da leitura. Ou seja, nesse caso, o interesse concentra-se no processo de leitura e não apenas no seu produto.

Por outro lado, no intuito de verificar os resultados da leitura, seu produto, propomos a aplicação de um questionário com questões de interpretação para os sujeitos da pesquisa. O objetivo é observar e analisar as duas etapas de leitura e confrontar as análises das respostas com os dados obtidos no protocolo verbal na tentativa de compreender como os procedimentos de leitura, observados durante o processo no protocolo verbal, influenciam no produto da leitura, que são as respostas ao questionário assim explicado por Flores (2007, p. 58):

A ciência também se vale justamente dessa mesma condição empírica, e as avaliações do que foi compreendido buscam registrar o entendimento obtido através de respostas a uma série de perguntas de interpretação, de testes de múltipla escolha, de testes de preenchimento de lacunas como o cloze (...). Esse tipo de avaliação centra-se, pois, no produto da leitura.

Com os dados coletados, será possível observar regularidades na leitura do infográfico, ajudando-nos a compreendê-la. Pelo mostrado até aqui, contudo, as outras partes de compreensão dos elementos dos gêneros, como aspectos de sua produção e textualidade, são necessárias para compreender o infográfico, além de fornecer parâmetros para criação dos instrumentos de coleta de dados.

Portanto, os dados dos protocolos verbais apontarão quais os procedimentos de leitura o leitor utiliza para ler os tipos e subtipos de infográficos da revista Superinteressante analisados por nós. Já o questionário de interpretação vai apontar como o leitor compreende

as informações de um infográfico. O confronto dos dados das duas coletas de dados servirá para que possamos saber como os procedimentos de leitura do infográfico influenciam na compreensão das informações veiculadas nele.

4.1.1 Natureza dos instrumentos de coleta de dados

Esses instrumentos de coleta de dados se enquadram na pesquisa de modelo qualitativo, uma vez que busca compreender o processamento cognitivo do leitor do infográfico. De acordo com Gass e Mackey (2007), é uma pesquisa sobre os processos cognitivos, capacidades e estratégias. Esse tipo de pesquisa consiste na investigação através de técnicas de observação do processo interno de compreensão, utilizando-se de questionários, observando sujeitos fazendo tarefas, através de comentários sobre o que eles escreveram ou leram. Para esses autores, o que há de diferente nessas pesquisas é o nível de indução na produção de respostas dos participantes. Quanto mais induzidas as respostas, menos naturais serão os dados. No entanto, ressaltam que esse nível de indução das respostas será mais baixo ou mais alto, dependendo do objetivo da pesquisa.

O nosso objetivo é observar os procedimentos de leitura utilizados pelo leitor de infográfico e como eles influenciam na compreensão das informações sem o intuito de generalizar, por isso usaremos instrumentos da pesquisa qualitativa como protocolos verbais e questões de interpretação. Serão respostas induzidas, porém com o mínimo necessário para que tenhamos dados confiáveis.

Alguns dados do questionário de interpretação serão computados e apresentados quantitativamente, entretanto, dado o número reduzido de sujeitos, não podemos classificá-lo como instrumento de uma pesquisa quantitativa, pois não teremos o critério de generalização de resultados. O objetivo desse questionário é oferecer dados para efeitos de confronto com os dados obtidos no protocolo verbal.

4.1.2 Sujeitos da pesquisa

O grupo de sujeitos participantes da coleta de dados são alunos do primeiro período do curso de Engenharia Mecânica do Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais – Cefet-MG. São 22 alunos para cuja idade a revista Superinteressante é direcionada, entre 17 a 19 anos. Eles passaram por exame de seleção vestibular, o que denota sujeitos leitores de diversos gêneros e suportes textuais, muito embora não sejam alunos da área de estudos da linguagem,

assim podemos ter leitores proficientes, porém sem uma perspectiva tecno-científica sobre a linguagem, o que poderia influenciar nas respostas deles.

Seis deles realizaram um protocolo verbal e outros dezesseis responderam a um questionário de interpretação baseado em descritores de leitura sobre o infográfico retirado da revista Superinteressante. Não haverá nenhum prejuízo educacional, físico ou moral para os participantes, que têm seus nomes ocultados. Eles aceitaram de livre consentimento participar da coleta de dados e foram colaborativos em todas as etapas. O número de participantes atende a nossa necessidade, uma vez que não é nossa intenção apontar generalizações, mas, sim, dentro de um universo reduzido, observar e analisar como se dá a leitura dos infográficos analisados no capítulo 3.

4.2 O protocolo verbal

4.2.1 Material

Os infográficos utilizados no protocolo verbal serão os mesmos do conjunto de texto selecionado para análise. São infográficos da revista mensal Superinteressante, revista da editora Abril, conhecida por utilizar a infografia na divulgação de ciência e tecnologia para leigos. Utilizamos uma sala com mesa para realização do protocolo verbal. Todos os protocolos verbais foram gravados em áudio e vídeo, transcritos e analisados.

Os infográficos foram lidos pelos sujeitos no suporte original revista. Foram cinco infográficos selecionados para uso no protocolo verbal. A escolha de cinco infográficos entre os dez analisados no capítulo 3 se deve às suas características em relação ao tipo informação simultânea: subtipos universal e singular. E em relação ao tipo informação ordenada temporalmente: subtipo linha do tempo. Junto a isso, consideramos os tipos jornalísticos – enciclopédico ou específico e independente ou complementar, apresentados na seção 2.3.1. Acreditamos que com essa seleção de infográficos, possamos abranger a análise para todos os tipos e subtipos de infográficos apresentados nesta pesquisa. Como os infográficos de linha do tempo apresentaram dois exemplares e ambos são enciclopédicos complementares, utilizamos apenas um deles no protocolo, porém, submetemo-lo à leitura por dois participantes para que pudessemos comparar suas respostas, a fim de serem mais confiáveis as afirmações que dele fizemos. Os infográficos selecionados foram estes:

Infográficos analisados no protocolo verbal			
Infográfico	Subtipo	Tipo jornalístico	Número do Participante
9- Che Guevara	Linha do tempo	Enciclopédico complementar	1 e 2
1- Supermaratona	Universal	Enciclopédico independente	3
2- Casa do presidente	Universal	Enciclopédico Complementar	4
4- A missão que vai bombardear a Lua	Singular	Específico Complementar	5
6- Tchou, sujeira	Singular	Específico Independente	6

Quadro 10 - Infográficos analisados no protocolo verbal

4.2.2 Descrição do Protocolo verbal

A seguir vamos descrever os procedimentos do protocolo verbal, apresentar seu questionário. O protocolo verbal de auto-observação é composto de duas partes. Primeiro, o leitor foi exposto ao infográfico, que devia ser lido. Nessa etapa, observamos seus movimentos e atitudes diante do infográfico. Em um segundo momento, após terminar a leitura, o sujeito respondeu a uma entrevista, com que se pretendia registrar como foi o seu processo de leitura. Este quadro detalha os procedimentos:

Procedimentos do protocolo verbal			
Procedimento	Tópico	Pergunta/Comando	Objetivo
Entrega da revista ao sujeito	Manuseio da revista	Apenas observar	Observar o manuseio da revista
Pedir para abrir na página do infográfico	Localização	Apenas observar	Verificar a familiaridade com o suporte.
Aguardar reação do sujeito	Escaneamento	Apenas observar. Caso ele pergunte algo, dizer: "Leia o infográfico"	Observar a movimentação de leitura da página
Fazer as perguntas do questionário assim que ele terminar	Processamento da leitura	Questionário de entrevista	Compreender a produção de leitura do infográfico

Quadro 11 – Procedimentos do protocolo verbal

Neste próximo quadro, apresentamos as perguntas do questionário de entrevista:

Questionário do protocolo verbal	
Perguntas	Objetivos
Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?	Verificar a familiaridade com textos visuais informativos.
Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?	Verificar a saliência das informações.
Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final?	Verificar o percurso de leitura seguido pelo leitor.
Infográfico A missão que vai bombardear a Lua: Se o foguete fosse explicado com todas as partes juntas seria mais fácil ou mais difícil de entender?	Verificar a eficiência do conjoined
Infográfico Che Guevara: Você seguiu os números nas legendas	Verificar se o leitor segue a numeração ordenada das legendas.
Infográfico Casa do presidente: Você seguiu a numeração das legendas?	Verificar se o leitor segue a numeração ordenada das legendas.
Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?	Verificar a o comportamento do leitor diante da hipertextualidade do infográfico.
Infográfico Che Guevara: Você parou em cada legenda para ler o texto?	Verificar se o leitor lê a história em estágios assim como o infográfico a apresenta.
Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?	Verificar qual estrutura do visual foi mais saliente.
Infográfico Tchou, Sujeira! Você observou primeiro as imagens maiores ou as ampliadas?	Verificar a saliência das ampliações.
Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?	Verificar a legibilidade do design do infográfico.
O que tornou a leitura do infográfico fácil ou difícil? Por quê?	Perceber a opinião do leitor acerca do design do infográfico.
Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?	Verificar a eficiência do infográfico da tipologia independente e até mesmo dos complementares.
De que trata o infográfico?	Verificar a que parte o leitor deu mais relevância.
Infográfico Supermaratona: Alguma etapa da supermaratona é colocada como mais importante do que as outras?	Verificar a relação simétrica entre os subordinados
Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações? E sem o texto escrito?	Verificar se o leitor percebeu a integração entre os modos semiótico do infográfico.
Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?	Verificar a relação produtor-leitor no tocante à recepção.
Você confia nas informações desse infográfico? Por quê?	Analisar as relações de poder entre produtor-leitor, relativo aos papéis sociais que assumem.

O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?	Analisar os papéis assumidos na relação produtor leitor em relação à emissão de ponto de vista sobre o assunto tratado.
---	---

Quadro 12 – Questionário do protocolo verbal

4.2.3 Análises dos dados do protocolo verbal

Na seção 2.5, quadro 6, página 57, apontamos como critérios para observação da produção da leitura do infográfico no protocolo verbal os seguintes itens:

Itens de observação da produção da leitura dos infográficos no protocolo verbal	
Verificar	Itens para observação
Relação entre leitor e produtor.	Opinião do leitor sobre o design, eficiência dos tipos de infográfico, relação entre os papéis assumidos.
Relação entre leitor e texto.	Relevância de informações, saliência das informações, percurso de leitura, hipertextualidade, processos do visual, legibilidade do design, percepção da integração entre os modos.

Quadro 13 – Itens de observação no protocolo verbal

Por esse motivo, optamos por apresentar os dados e as análises seguindo esses itens. Para cada item, apresentamos os dados dos participantes dos cinco infográficos lidos nos protocolos verbais por eles, através dos comentários e respostas às perguntas feitas no protocolo verbal relacionadas com o item analisado. Dessa maneira será possível comparar os dados e análises de cada item entre os três subtipos de infográficos utilizados nos protocolos verbais. Os participantes do protocolo verbal serão identificados com a sigla PP = Participante do Protocolo Verbal, juntamente com o número e infográfico que leu.

Os quadros com as respostas dos participantes de acordo como item analisado encontram-se no **APÊNDICE I**, na página 142 e a transcrição completa dos protocolos verbais se encontra no **APÊNDICE II**, na página 157.

4.2.3.1 Relação entre leitor e produtor

Na produção da leitura, a relação entre leitor e produtor do texto também implica na produção de sentido. Na nossa metodologia, seção 2.2, apontamos essa relação como um elemento também determinante para identificação de um gênero.

Estes são os itens juntamente com as respectivas perguntas feitas no protocolo verbal:

Perguntas relativas ao item de observação - relação leitor e produtor	
Item	Perguntas
1- Opinião do leitor sobre o design	Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência? O que tornou a leitura do infográfico fácil ou difícil? Por quê?
2- Eficiência dos tipos de infográfico.	Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?
3- Relação entre os papéis assumidos.	Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo? Você confia nas informações desse infográfico? Por quê? O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?

Quadro 14 – Perguntas relativas ao item de observação – relação leitor e produtor

Item 1 - Opinião do leitor sobre o design

Os objetivos das duas perguntas que avaliaram este item Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência? e O que tornou a leitura do infográfico fácil ou difícil? Por quê? São, respectivamente: verificar a familiaridade com textos visuais informativos e perceber a opinião do leitor acerca do design do infográfico.

Os participantes PP1 e PP2, ambos os leitores do infográfico 9-Che Guevara, apontaram o uso das imagens como fator facilitador de sua leitura. O PP1 não havia lido infográficos até então e o PP2 já lera, embora sem frequência. Perguntado se era de difícil leitura, o PP1 respondeu: “Não, acho legal assim, dá pra acompanhar o raciocínio, é ilustrativo”. Perguntado se preferiria ler um texto assim ou só escrito, o PP2 respondeu que preferiria textos como os infográficos, porque “Pra quem tem preguiça de ler isso aqui é melhor. Eu tenho preguiça de ler”.

Perguntado se desejava dizer algo mais sobre a leitura após o fim do protocolo, o PP1 disse ter achado interessante o mapa da ilha de Cuba no canto inferior esquerdo da primeira página. Ele foi perguntado: “O fato de ele vir nessa parte da página, ter essa divisão, você achou estranho ou acha que é normal? Não vai atrapalhar a leitura, não?”. Ao passo que ele respondeu: “Não, acho que não ia atrapalhar, não, porque aqui (no mapa referido na resposta anterior) ele deu uma visão global da onde que fica o lugar e aqui (restante do infográfico) ele

focou mais assim. Não, acho que tá ok. Gostei desse texto”. Porém, observamos que durante sua leitura, ele não se ateu a esse mapa.

O PP4, infográfico 9- Casa do presidente, também não leu as partes periféricas do infográfico. Ele foi perguntado: essas partes do texto, (periféricos) você leu depois? E respondeu: “Essa aqui até que não”. (parte no canto superior direito da segunda página do infográfico “Arte executiva”). Depois perguntamos: você acha que é a posição em que ele se encontra na página? Talvez não chamou tanta atenção? Ele respondeu: “É talvez, não tava claro”.

No trabalho de Dionísio (2006, p. 149), ela também constatou que seus informantes rejeitaram partes de infográficos que ficavam à margem do layout como partes de textos escritos na diagonal por exemplo.

O PP3 leu o infográfico 1- Supermaratona, para ele, o que favoreceu a leitura do infográfico foi a antecipação do assunto na introdução. As imagens ilustrariam o que diz a introdução. Ele lê textos como os infográficos com frequência.

O PP4 leu o infográfico 2- Casa do presidente. Segundo ele, a associação entre a imagem e o texto escrito foi o que facilitou a leitura do infográfico “Eu podia associar, (fazendo gestos que lembravam junção) toda hora que eu lia eu já procurava aqui”. Ele lê textos como os infográficos às vezes.

O PP5 leu o infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua, o vocabulário simples e a ilustração pelas imagens do que está escrito é para ele o que facilitou sua leitura.

PP6 leu o infográfico 6- Tchau, sujeira, para ele, a leitura foi fácil, graças à possibilidade de poder fazer conexões entre o texto verbal e as imagens, com as ampliações do compounded, chamadas de zoom por ele.

É possível afirmar que a relação entre as informações do modo verbal e visual é o que facilita de modo geral a leitura dos infográficos. A facilidade ao ler foi declarada por todos, mesmo os que não possuem o hábito de leitura de textos visuais informativos como os infográficos. Como esse fator é característica de todos os infográficos, não houve diferença de leitura entre os subtipos.

Item 2 - Eficiência dos tipos de infográfico.

A pergunta que avaliou este item era Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?, cujo objetivo era verificar a eficiência do infográfico da tipologia independente e até mesmo dos complementares. Todos os participantes afirmaram não ser necessária a leitura de outros textos para entender os infográficos lidos por eles. Até mesmo os leitores dos infográficos dos tipos independentes, PP3 e PP6, disseram que as informações são completas. O PP3, por exemplo, perguntado se tivesse lido a parte visual com legendas do infográfico 1- Supermaratona antes de ler a introdução atrapalharia sua leitura, ele respondeu:

No final das contas, eu acho que não, mas é lendo essa (texto introdutório) dá pra adiantar mais ou menos o que eu vou encontrar nas figuras, né? De exemplificação, agora se eu tivesse visto as figuras primeiro, não ia alterar muito a interpretação do assunto. Não ia fazer muita diferença.

Na continuação do protocolo, disse que daria pra entender as informações da parte visual com legendas do infográfico sem a leitura do texto introdutório.

Já o PP6 afirma ser necessária a leitura do texto introdutório para compreender melhor as informações da parte visual com legendas, embora, segundo ele, a sequência de leitura destas possa ser aleatória.

Item 3 - Relação entre os papéis assumidos.

Estes são os objetivos das perguntas de análise deste item: da pergunta Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo? verificar a relação produtor-leitor no tocante à recepção; da pergunta Você confia nas informações desse infográfico? Por quê? analisar as relações de poder entre produtor-leitor, relativo aos papéis sociais que assumem e para a pergunta O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece? analisar os papéis assumidos na relação produtor-leitor em relação à emissão de ponto de vista sobre o assunto tratado.

Para o PP1 e PP2, leitores do infográfico 9- Che Guevara, a relação entre leitor e produtor é didática, com fins de informar sobre a revolução Cubana. O PP2 acredita que o infográfico Che Guevara aponta apenas um ponto de vista sobre a revolução Cubana, segundo ele idealizado.

O PP3 infográfico 1- Supermaratona afirma que a relação entre leitor e produtor é didática, mas o locutor deixar transparecer “admiração por uma pessoa que consegue vencer tudo isso”. Ele confiaria nas informações até prova do contrário.

O PP4, infográfico 2- Casa do presidente, diz que o infográfico expõe um ponto de vista acerca do que diz: o exagero na casa do presidente, “ele (o infográfico) tá mostrando que tem muita coisa assim”. Ele diz confiar nas informações, por causa da credibilidade da revista.

Para o PP5, infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua, a relação entre produtor e leitor é didática, embora possa haver um ponto de vista implícito, que ele não percebeu. Ele confia nas informações por causa da revista, de que é leitor.

A relação entre produtor e leitor é didática, para PP6, infográfico 6- Tchau, sujeira!, no entanto há posicionamentos explícitos do locutor no intuito de gerar humor: “e você não fica fedendo”, “seriam suficientes para limpar a avenida paulista” e “e sem ficar gritando pela rua”. Ele confia nas informações, devido estar condizente com seu conhecimento prévio, ou seja, são informações esperadas por ele, cuja confirmação é possível pelo seu conhecimento.

Essas respostas parecem confirmam a função didática dos infográficos da categoria orientação ao conhecimento presentes na revista Superinteressante, além disso, demonstram haver um grau elevado de confiabilidade dos participantes nas informações dos infográficos, provavelmente pelo fato de ser uma publicação conhecida como alguns participantes afirmaram ou por ser informações que não fogem ao senso comum, como outros participantes disseram, embora, por exemplo, seja objetivo do infográfico como 6- Tchau, sujeira!, encontrado na seção Supernovas apresentar novidades de ciência e tecnologia.

4.2.3.2 Relação entre leitor e texto

A outra relação existente na produção de leitura é entre leitor e texto, que é importante para identificação de um gênero. Nessa relação, verificamos os seguintes itens através das respectivas perguntas relacionados no quadro:

Perguntas relativas ao item de observação – relação leitor e texto	
Item	Perguntas
1-Relevância de informações.	De que trata o infográfico?
2-Saliência das informações.	Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim? Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê? Infográfico Tchou, Sujeira! Você observou primeiro as imagens maiores ou as ampliadas?
3-Percurso de leitura hipertextualidade. 4-Processos do visual .	Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final? Infográfico Che Guevara: Você seguiu os números nas legendas Infográfico Casa do presidente: Você seguiu a numeração das legendas? Infográfico Supermaratona: Alguma etapa da supermaratona é colocada como mais importante do que as outras? Infográfico A missão que vai bombardear a Lua: Se o foguete fosse explicado com todas as partes juntas seria mais fácil ou mais difícil de entender?
5-Legibilidade do design.	Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê? Infográfico Che Guevara: Você parou em cada legenda para ler o texto? Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?
6-Percepção da integração entre os modos.	Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações? E sem o texto escrito?

Quadro 15 – Perguntas relativas ao item de observação – relação leitor e texto

Item 1 - Relevância de informações

O objetivo da pergunta que analisa este item De que trata o infográfico? é verificar a que parte o leitor deu mais relevância. No infográfico 9- Che Guevara, os PP1 e PP2 apontaram como informação relevante o processo de tomada de cidades que culminou no domínio geral de Cuba. Essas tomadas de cidades são destacadas pelas imagens.

A informação relevante destacada pelo PP3 no infográfico 1- Supermaratona, foi a característica de dificuldades da supermaratona: suas três etapas destacadas pelas imagens subordinadas: “o que tende o ser humano a fazer pra, o que o ser humano precisa pra vencer

esses limites, essas etapas” (apontando para as etapas da supermaratona representada no infográfico).

Para o PP4, infográfico 2- Casa do presidente, o relevante foram as características do Palácio da Alvorada, informação destacada pela imagem: “Fala como que é o Palácio da Alvorada, por dentro”. (apontando para a imagem).

A informação relevante para o PP5, infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua, foi o objetivo da NASA de encontrar água na Lua. Ele cita o foguete representado na imagem: “O assunto é saber se existe água na Lua. É o principal, o objetivo do foguete”.

O PP6, infográfico 6- Tchou, sujeira, destaca como informação relevante as novas tecnologias de limpeza urbana explicadas pelo infográfico.

Nas respostas de todos os participantes, a informação que se revela como principal é a trazida pela imagem do infográfico. Executando o infográfico 9- Che Guevara, cuja organização da informação é da esquerda para a direita, nos outros infográficos a organização centro-margem favorece a saliência das informações das imagens posicionadas no centro como informação nuclear.

Acreditamos que, embora organizado da esquerda para a direita, as legendas numeradas, cuja sequência foi seguida pelos PP1 e PP2, favorecem a saliência das informações visuais no infográfico 9- Che Guevara, uma vez que as imagens das ações acompanham as legendas.

Item 2 – Saliência das informações

As perguntas que serviram para analisar este item são as seguintes: Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim? Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê? E para o infográfico 6- Tchou, sujeira! Você observou primeiro as imagens maiores ou as ampliadas? O objetivo delas respectivamente são verificar a saliência das informações, verificar qual estrutura do visual foi mais saliente e verificar a saliência das ampliações no infográfico 6- Tchou, sujeira.

Os dois leitores PP1 e PP2 do infográfico 9- Che Guevara destacaram como o que lhes chamaram mais a atenção as imagens relacionadas com suas respectivas legendas, típico da estrutura conceitual analítica temporal, predominante no infográfico, em que a história é

narrada gradualmente. Outro fator de saliência é a cor amarela forte da explosão central da imagem.

Já no infográfico 1- Supermaratona, o destacado pelo PP3 foram as informações da introdução, relacionadas com as imagens: “Da imagem assim, mais o comportamento do corpo humano, né, em relação à atividade física, foi a primeira coisa que eu reparei”. Essas imagens do corpo humano também se destacam pelas cores fortes, fator que gera saliência.

Para o participante PP4, infográfico 2- Casa do presidente, a imagem, que se posiciona no centro é mais saliente. Na imagem central, destacam-se as imagens menos comuns em uma casa: “Primeiro o que é mais incomum, o auditório, essas coisas mais incomum, que não tem em casa normal”. Perguntado se o fato de a imagem estar dividida (conjoneid) chamou mais atenção, ele respondeu: “Chamou né, porque, mais fácil de visualizar”

Já o PP5 afirmou sobre o infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua que a informação mais saliente presente nele é a imagem central do foguete: “Foi o foguete separado. Sei lá, porque é grande, no meio. Todas essas coisas do espaço geralmente chamam atenção”. A referência ao espaço diz respeito ao background formado pela cor negra na imagem, deixando em destaque a imagem do foguete. Esse é um fator de saliência. A referência ao “foguete separado” se refere à estrutura conceitual analítica exaustiva conjoneid, predominante no infográfico.

O PP6, infográfico 6- Tchou, sujeira, destaca como informação mais saliente a imagem central maior e suas ampliações, chamadas de zooms pelo participante. Referência à estrutura conceitual analítica exaustiva compounded, predominante no infográfico. Perguntado qual imagem observou primeiro as imagens maiores ou as ampliadas, ele respondeu que foram as maiores primeiro. “Que eu observei primeiro? Foi essa parte aqui, do carro (apontando para o carro). E depois eu vi essa aqui (apontando para o filtro de ar, mais ao centro da imagem do infográfico) esse zoom aqui”.

Por essas respostas, fica mais evidente a urgência dos infográficos do tipo informação simultânea de expor em destaque o objeto a ser explicado, no caso desses infográficos, posicionando-os como informação nuclear, além disso, recursos como cores fortes e background são usados para reforçar a saliência das informações nucleares.

Outra afirmação possível de se fazer é que as estruturas do visual predominantes nas imagens fortalecem a saliência das informações.

Itens 3 e 4 – Percurso de leitura – Hipertextualidade e Processos do visual

A pergunta feita a todos os participantes para analisar este item foi Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final? Seu objetivo é verificar o percurso de leitura seguido pelo leitor. Neste item, é importante apresentar a descrição da leitura dos participantes:

Duração da leitura: 4 min 50s

Localização da página: rápida e sem dificuldades.

Descrição da leitura: PP1, infográfico Che Guevara

Assim que abriu a página, iniciou a leitura do texto escrito. Não observou as imagens. Leu o título e subtítulo primeiro. Iniciou a leitura da legenda 1, apontando com o dedo indicador onde estava lendo. Fez um comentário da primeira legenda. Fez um comentário sobre a segunda legenda. Parou de apontar com o dedo. Continua lendo as legendas na ordem. Não se ateu à leitura do mapa de Cuba na primeira página abaixo. Passa para a segunda página do infográfico, fazendo o movimento com a cabeça. Continua seguindo a ordem das legendas. Volta a apontar com os dedos. Terminou a segunda página. Virou para a terceira página. Leu a última legenda. Perguntei se desejava olhar mais alguma coisa. Ela escaneia a segunda página. Lê mais algumas partes da segunda página. Diz que terminou.

Duração da leitura: 3 min 20s

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura: PP2, infográfico Che Guevara

Esperou meu comando. Escaneou a página e começou a leitura pelo título e sobretítulo. Iniciou-a em voz alta. Interrompi-o e disse que poderia ler em silêncio. Ele fez isso. Passou para a legenda 1. Pelos movimentos dos olhos, seguiu a leitura das legendas em ordem numérica. Não se ateu à leitura do mapa de Cuba na primeira página abaixo. Passou para a segunda página. Continua lendo as legendas na ordem numérica. Movimenta a cabeça, buscando a próxima legenda depois da 6, provavelmente porque ela não continua abaixo, como até então, a legenda 7 está acima dessa vez. Passa à legenda 8, 9 e 10 no fim da página. Não vira a página e não a lê. Não o avisei sobre ela.

No infográfico 9- Che Guevara, ambos os participantes PP1 e PP2 seguiram a numeração linear sugerida no infográfico, o que era esperado para o infográfico linha do

tempo. Com o objetivo de verificar se o leitor segue a numeração ordenada das legendas, foram perguntados se fizeram isso e responderam que sim. O PP1 disse:

por exemplo, aqui ó, (legenda 1) a imagem tá relacionada com o texto assim, por exemplo, aqui (legenda 1) tá falando de uma coisa e tem a imagem relacionada com esse texto, então você acaba, parece que é um caminho assim (aponta para o caminho da sequência entre as legendas), que você segue até o final da história e você vai vendo a imagem e o que tá acontecendo ao mesmo tempo.

Duração da leitura: 4 min 26

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura: PP3, infográfico 1- Supermaratona

Inicia a leitura pelo título e texto introdutório. Não observa a página inteira. Inicia a leitura do infográfico, a parte das imagens, na primeira página, mas não a segue horizontalmente, passando para a segunda página, lendo a parte de cima “Uma verdadeira maratona”. As legendas da primeira página são lidas da esquerda para a direita. Parece ter lido toda a parte que fala sobre Ciclismo antes de mudar de página. Antes de passar para a segunda página, pergunta se é para ler as duas páginas. Digo que sim. Volta a escanear a primeira página. Observa horizontalmente a parte inferior do infográfico, movimentando a cabeça da esquerda para a direita e vice-versa. Termina a leitura, fazendo comentários e conexões entre um filme que assistiu sobre manipulação genética e atividades físicas que faz.

O PP3, infográfico 1- Supermaratona, seguiu uma sequência típica, da esquerda para a direita e de cima para baixo, mesmo em um infográfico organizado na estrutura conceitual classificacional. No final, observou as imagens subordinadas, posicionadas horizontalmente na parte inferior da página. No intuito de verificar a relação simétrica entre os subordinados, ele foi perguntado se alguma etapa da supermaratona é colocada como mais importante do que as outras. Ele disse que os participantes subordinados se mantiveram no mesmo nível de hierarquia: “como mais importante, não, deu pra ver que elas têm diferenças” (apenas diferenças relativas ao tipo de esporte).

Duração da leitura: 05 min 27 s

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura: PP4, infográfico 2, Casa do presidente

Assim que abre a página, olha para o título, volta-se para a imagem central. Pergunta se é para ler tudo, respondo que sim e quer observar antes. Escaneia toda a página, começa pelo centro

e passa para a parte de baixo, no movimento da esquerda para a direita, volta-se para a parte superior. Pergunta sobre que tipo de comentários precisaria fazer. Digo que sobre o texto, mas que não seriam obrigatórios. Volta-se para o texto introdutório. Inicia a leitura. Faz movimentos com a cabeça do texto introdutório que está lendo, da esquerda para a direita em direção à imagem central, faz isso dez vezes entre olhadas rápidas e mais demoradas, quando buscava informações na imagem, provavelmente sobre o que leu no texto introdutório. Terminado o texto introdutório, inicia a leitura das legendas na parte inferior da revista. Passa para as legendas da segunda página, também posicionadas abaixo. Volta a escanear a imagem central. Volta a ler as legendas da segunda página. Lê todas. Observa ligeiramente na parte superior da segunda página as imagens e legenda “Arte executiva”. Olha mais atentamente para essa parte.

O PP4, infográfico 2- Casa do presidente, criou uma sequência multilinear, alternando entre a leitura do texto introdutório e a imagem, quando encontrava relação entre ambas: “Eu fui lendo (apontando para o texto introdutório) e aí quando falava de algum detalhe eu procurava aqui” (na imagem central do infográfico, Palácio da Alvorada), porém ao ser perguntado se seguiu a numeração das legendas abaixo da imagem, ele respondeu que sim.

Duração da leitura: 2 min 46s

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura: PP5, infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua

Observa toda a página. Inicia a leitura pelo título e texto introdutório. Olha rapidamente para a imagem. Volta a ler o texto introdutório. Inicia a leitura das legendas, da primeira, à esquerda em direção à direita, observa a imagem central. Continua lendo as legendas e observando a imagem central. Às vezes por muito tempo, às vezes rapidamente. Lê a última legenda na parte superior da segunda página.

O PP5, infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua, seguiu uma sequência típica da esquerda para a direita, além de seguir a sequência numérica das legendas. Ao ser perguntado se o foguete fosse explicado com todas as partes juntas seria mais fácil ou mais difícil de entender: respondeu que seria mais difícil, aprovando o uso do conjoined.

Duração da leitura: 5 min 30s

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura: PP6, infográfico 6- Tchou, sujeira!

Observa rapidamente toda a página. Inicia a leitura pelo título e texto introdutório. Dá rápidas olhadas para a imagem central. Passa à leitura das legendas. Primeiro a do Chiclete grudável e Ruas silenciosas logo abaixo do texto introdutório. Lê as legendas abaixo na página. Passa para a segunda página e lê as legendas da parte de cima. Passa para as legendas abaixo na página. Termina a leitura.

Por último, o PP6, infográfico 6- Tchou, sujeira, seguiu uma sequência típica da esquerda para a direita, inclusive para ler as legendas, que não possuem numeração.

A partir dessas respostas é possível afirmar que, em infográficos com numeração de legendas predomina a leitura na sequência numérica proposta. Isso era esperado no infográfico de linha do tempo, porém, aconteceu também na leitura dos outros infográficos. O PP6, por exemplo, seguiu uma sequência mais típica de leitura das legendas, embora no infográfico 6- Tchou, sujeira elas não serem numeradas. Em outra resposta sua, disse que se lesse as legendas em outra ordem não alteraria seu sentido, mas seguiu a ordem canônica da esquerda para a direita e de cima para baixo. Já o PP4, infográfico 2- Casa do presidente, optou por um percurso multilinear durante a leitura do texto da reportagem, percurso interrompido diante da numeração das legendas, a partir das quais passou a ler na sequência proposta pela ordem numérica.

Outro fato observado que demonstra o fator imperativo da ordenação numérica foi a interrupção do PP2, infográfico 9- Che Guevara, ao descobrir que: ao passar para a segunda página, movimentou a cabeça, buscando a próxima legenda depois da 6, provavelmente porque até então a numeração seguia a estrutura esquerda/direita e de cima para baixo, porém a legenda 7 está posicionada acima da 6 no infográfico 2- Che Guevara. Sua hesitação ao descobrir a interrupção no percurso de leitura foi visível.

No entanto, como afirmamos na seção 3.1.1.1, sobre os infográficos de informação simultânea, cuja organização das informações é pela relação centro-margem, a presença ou ausência de numeração nas legendas é o último critério para considerá-lo organizado por ordenação temporal como os infográficos de linha do tempo. Diferentemente dos infográficos de linha do tempo, os infográficos de informação simultânea com legendas numeradas permitem outra sequência de leitura diferente da numeração proposta pelo infográfico. Isso de acordo com as respostas dos participantes às perguntas do próximo item. Vejamos.

Item 5 – Legibilidade do design

Para analisar esse item, utilizamos as seguintes questões: Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê? O objetivo é verificar o comportamento do leitor diante da hipertextualidade do infográfico. Outra pergunta para verificar esse item foi Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê? O objetivo é verificar a legibilidade do design do infográfico. Aos participantes leitores do infográfico 9- Che Guevara foi feita uma pergunta Você parou em cada legenda para ler o texto? O objetivo é verificar se o leitor lê a história em estágios assim como o infográfico a apresenta.

Os PP1 e PP2, leitores do infográfico 9- Che Guevara, não apresentaram objeções na leitura do infográfico. Eles consideram necessária a leitura na sequência proposta pelo infográfico, como também era esperada por nós em se tratando de um infográfico de linha do tempo. Eles leram por estágios, ao parar em cada legenda.

O PP3, infográfico 1- Supermaratona, não apresentou objeções na leitura e considera possível outros percursos de leitura, além do produzido por ele:

Eu creio que sim, porque eu não li essa sequência de imagens (sequência de natação, bicicleta e corrida, abaixo na página) mesmo, li essa parte (informações na parte superior da 2ª página do infográfico) antes de corrida, no meio aqui e assim é, a interpretação foi a mesma. Não ia fazer diferença, a informação dá pra ligar uma coisa com a outra.

Perguntado se tivesse lido a parte visual com legendas do infográfico sem texto introdutório e depois, sim, o texto introdutório, prejudicaria o seu entendimento ele disse:

No final das contas, eu acho que não, mas é lendo essa (texto introdutório) dá pra adiantar mais ou menos o que eu vou encontrar nas figuras, né? De exemplificação, agora se eu tivesse visto as figuras primeiro, não ia alterar muito a interpretação do assunto. Não ia fazer muita diferença.

O PP4, infográfico 2- Casa do presidente afirmou que deveria haver paralelismo entre as informações do texto introdutório e as imagens, pois não encontrou o campo de futebol, por exemplo, citado na introdução. Perguntado se seria possível iniciar a leitura por outra parte diferentemente da parte por que começou ele disse:

Acredito que sim, sei lá, mais ou menos cada parte fala de um lugar, então não é sequencial, eu achei, se quiser ler primeiro isso aqui (apontando para

as legendas abaixo da figura central), aqui fala mais dos cômodos, aqui fala das características da casa, essas coisas assim. Não precisa ler em ordem.

Ele dá sinais de que cada modo, verbal e visual do infográfico, traz informações diferentes: “cada parte fala de um lugar”. Observação parecida foi feita pelo PP3, infográfico 1- Supermaratona:

Não exatamente, mas na verdade é como se isso aqui (sequência de natação, bicicleta e corrida, abaixo na página) fosse mais um detalhamento mesmo, um aprofundamento, como se fosse uma introdução geral assim sobre o tema, o que é, o que vai tratar mesmo a matéria.

O PP5, infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua, não apresentou objeções na leitura. Considera possíveis outros percursos de leitura: “sim, se eu começasse, tivesse lido isso aqui primeiro (legendas) é sim. Porque eu ia ler uma coisa do final depois eu, quando eu lesse o começo (gesticulando) ia fazer uma lógica”.

O PP6, infográfico 6- Tchou, sujeira, considera necessário iniciar a leitura pelo texto introdutório, mas é possível outros percursos na leitura das legendas, que não são numeradas. Sem objeções na leitura. Um dado importante do PP6 foi a resposta a uma pergunta que não estava prevista: Você não estranhou o layout da página? A imagem estar meio de lado? A posição das legendas? Ao que ele respondeu: “Não. Não interfere, porque não são assuntos que tem que dar uma continuidade, cada um é cada um”.

Essa última afirmação confirma o que dissemos na análise do último item: a ordem de leitura das legendas de um infográfico do tipo informação simultânea, seja numerada como nos infográficos 2- Casa do presidente e 4- A missão que vai bombardear a Lua; seja não numerada, mas feita a partir da ordem canônica da esquerda para a direita, de cima para baixo, como ocorreu nos infográficos 1- Supermaratona e 6- Tchou, sujeira, pode ser alterada de acordo com o desejo ou conveniência do leitor sem prejuízo para seu entendimento, como eles próprios analisaram e disseram. Por outro lado, os PP1 e PP2, leitores do infográfico 9- Che Guevara, organizado por ordenação temporal da esquerda para a direita, afirmaram que seria prejudicial para a compreensão das informações iniciar a leitura por outra senão a que eles fizeram e é sugerida pelo infográfico: seguindo a sequência numérica das legendas.

Item 6 - Percepção da integração entre os modos

A pergunta feita para analisar este item foi: Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações? E sem o texto escrito? O objetivo é verificar se o leitor percebeu a integração entre os modos semióticos do infográfico.

O PP1, infográfico 9- Che Guevara, hesita ao afirmar que o texto escrito é dispensável, transparecendo ser necessário ambos, verbal e visual. Já o PP2, infográfico 9- Che Guevara aponta a necessidade do texto verbal juntamente com a imagem.

O PP3, infográfico 1- Supermaratona aponta a necessidade do texto verbal junto à imagem, que é indispensável. Para ele, sem as imagens “seria mais difícil. Eu achei muito mais fácil visualizar qualquer texto assim, um assunto que você trata com a imagem fica mais fácil de você fazer conexões”. Afirma também que seria possível entender as informações da parte visual com legendas do infográfico sem a introdução. Mas apenas com as imagens, sem legendas, “não, aí eu acho que ficaria um pouco difícil, porque você não tem muita noção do que ele tá querendo representar com a imagem, pode ser várias coisas”. Com essa afirmação também reconhece que o modo visual representa informações diferentes das do modo verbal: “você não tem muita noção do que ele tá querendo representar com a imagem” e o modo verbal completaria as informações do visual.

O PP4, infográfico 2- Casa do presidente, reconhece a necessidade de haver ambos os modos, verbal e visual: “ia ser mais, é mais fácil só ver a imagem do que só ler o texto, só que é melhor os dois juntos”.

O PP5, infográfico 4- A missão que vai bombardear a Lua também reconhece a necessidade de haver ambos os modos: verbal e visual. E aponta a capacidade da imagem de representar de modo diferente do verbal:

Acho que precisa dos dois. Porque a imagem ajuda a visualizar, porque geralmente quando a gente lê alguma coisa sem a imagem a gente cria uma imagem na nossa cabeça (gesticulando sobre a cabeça), e às vezes não é a coisa certa. Igual livro e filme.

Ele compara a diferença entre a integração verbo visual de um filme com a monomodalidade de um livro, o que seria proporcional à leitura de um infográfico e um texto com apenas a modalidade verbal. A leitura de textos com modalidades integradas, para ele, ajudaria na compreensão.

Posicionamento parecido teve o PP6, infográfico 6- Tchou, sujeira, para quem sem as imagens “ia ser mais difícil. Ia ser mais trabalhoso você imaginar uma coisa, sendo que já tem aqui pronto, só você olhar, né?” Ele reconhece a necessidade de haver integração entre ambos os modos: verbal e visual.

Por ser uma característica de todos os infográficos da categoria orientação ao conhecimento, todos os participantes afirmaram a necessidade de haver ambos os modos, verbal e visual, para a compreensão.

4.2.3.3 Modelo de leitura do infográfico

Na seção 2.5, propusemos um modelo de leitura para o infográfico que deveria ser testado no protocolo verbal. Vamos verificar por partes como ocorreram os domínios de processamento. Lembramos que, na própria seção 2.5, dissemos que essa divisão em domínios é didática e não representa o processamento da leitura como acreditamos que ele ocorra: de modo simultâneo e hipertextual, influenciado por estímulos externos.

- 1- **Processamento de partes das imagens:** responsável pelo reconhecimento de partes das imagens: elementos primários como brilhos, cores, linhas limítrofes, etc.
- 2- **Processamento das relações entre partes da imagem:** construção das relações entre as partes da imagem, estrutura das imagens, como os elementos primários, processados anteriormente se relacionam aqui.

Observar esses dois processamentos é uma tarefa difícil, pois são processos cognitivos, muitas vezes processados inconscientemente pelos leitores. O protocolo verbal é um instrumento propício para isso, mas ainda limitado nessa questão, pois está sujeita à interpretações do observador. A partir do próximo processamento, é possível, a partir das respostas ao protocolo observar não somente a construção da coerência local, mas também indícios dos dois primeiros processamentos.

- 3- **Construção do sentido local:** construção do sentido entre as partes de uma imagem, qual o sentido da relação entre as partes: por exemplo: a relação entre brilho e cor forma uma explosão?

Ao serem perguntados a respeito de quais partes da imagem observaram primeiro, os participantes apontaram para detalhes da composição das imagens:

“Imagem? Foi a guerra aqui”. (apontando para a imagem central de explosão)

“As gravuras que tem cor mais presente como as do fogo” (apontando para as cores amarelas de explosão na página). “Atração mesmo, as cores vibrantes”.

“Da imagem assim, mais o comportamento do corpo humano” (referência às partes do corpo humano representadas por cores fortes).

“Com certeza foi a, o espaço” (referência ao background, fundo escuro da imagem do espaço)

“Primeiro o que é mais incomum, o auditório, essas coisas mais incomum, que não tem em casa normal”. (referência a pequenas partes da imagem do Palácio do Planalto)

“eu vi essa aqui (apontando para o filtro de ar, mais ao centro da imagem do infográfico) esse zoom aqui”. (referência às imagens menores das ampliações).

4- **Construção do sentido global:** construção do sentido entre as imagens do infográfico. Como as imagens se relacionam umas com as outras?

Estas respostas apontam para a relação entre as imagens do infográfico:

“**Tudo conectado**, vai explicando,. O zoom”.

“Eu acho que seria mais difícil, né, assim você tem a noção... detalhes. **Porque geralmente os foguetes se dividem no espaço**”.

“Não ia fazer diferença, **a informação dá pra ligar uma coisa com a outra**”.

“Acredito que sim, sei lá, **mais ou menos cada parte fala de um lugar**”.

Outro domínio integra os dois processamentos: do verbal e do visual:

5- **Construção da integração entre as modalidades:** construção da integração entre o processamento do verbal e do visual.

Transcrevemos respostas abaixo que de alguma maneira podem ser indícios de que os participantes integraram os modos verbais e visuais:

“**Eu podia associar**, (fazendo gestos que lembrava junção) toda hora que eu lia eu já procurava aqui”.

“**As imagens ajudam a visualizar o que tá escrito aqui**, quando você lê, você fica um pouco, aí na hora que você vai enxergar como que vai ser o... (fogete), ajudam”.

“**Aqui ó tem um zoom pra representar o que tá explicando no texto**. Tudo conectado, vai explicando”.

“Olha eu acho que além de contar a história, assim, como aconteceu quando ele colocou **essas imagens com os textos relacionados**, acho que ele queria causar uma impressão mesmo no leitor. O que aconteceu assim. Você vê que tem várias pessoas machucadas. **Acho que ele queria, o texto não fala muito que as pessoas ficaram machucadas, mas se você olhar as imagens você vê que aconteceu isso, sem ele te informar isso deu pra perceber**. Ele mostrou, contou a história de uma maneira diferente, não só escreveu”.

“**por exemplo, aqui ó, (legenda 1) a imagem tá relacionada com o texto assim**, por exemplo, aqui **(legenda 1) tá falando de uma coisa e tem a imagem relacionada com esse texto**, então você acaba, parece que é um caminho assim (aponta para o caminho da sequência entre as legendas), que você segue até o final da história e **você vai vendo a imagem e o que ta acontecendo ao mesmo tempo**”.

“Achei (fácil) não tem dificuldade. Eu tenho dificuldade até pra entender, **mas esse texto foi fácil, com a imagem junto**”.

“Foi a primeira coisa, antes de ler o título, **eu já imaginei o assunto pela imagem**”.

“**Acho que precisa dos dois**. Porque a imagem ajuda a visualizar, porque geralmente quando a gente lê alguma coisa sem a imagem a gente cria uma imagem na nossa cabeça (gesticulando sobre a cabeça), e às vezes não é a coisa certa. Igual livro e filme”.

Na próxima seção, vamos analisar o produto da leitura de um infográfico através do questionário de interpretação. Acreditamos que, com as análises do questionário de interpretação, juntamente com as análises obtidas nesta seção sobre como a organização dos modos semióticos no infográfico interfere nos procedimentos de leitura, será possível, apontar como os procedimentos de leitura do infográfico influenciam na compreensão das informações veiculadas nele.

4.3 O Questionário de interpretação

4.3.1 Material

O infográfico utilizado na coleta de dados pelo questionário de interpretação não pertence ao conjunto de infográficos analisados no capítulo 3. O motivo da escolha de outro infográfico é em função do objetivo desse instrumento, que é fornecer dados decorrentes do produto da leitura de um infográfico, isto é, quais informações o leitor produziu após ler um infográfico.

Para isso, selecionamos um infográfico que apresenta a união de várias características apresentadas nos dez infográficos analisados. Além disso, ele possui um tema polêmico a guerra no Iraque, o que torna possível a utilização de todos os descritores de leitura propostos.

O infográfico 11 se chama Insurgência máxima e possui como assunto uma resposta à pergunta Como são as emboscadas aos americanos no Iraque? O infográfico também se enquadra na categoria de orientação ao conhecimento. Do ponto de vista jornalístico, é um infográfico independente, não acompanha ou é acompanhado por outro texto, e possui um assunto de tratamento enciclopédico da informação (**cf. seção 2.3.1, p. 25**). O tipo, de acordo com nossa análise no capítulo 3, é o de informação simultânea, pois todas as informações são dispostas simultaneamente para o leitor e a organização da composição é do tipo centro-margem (**cf. seção 3.1.1.1 p. 77**). O infográfico 11 é da seção Superrespostas, o que lhe classifica como do subtipo universal, graças à característica dessa seção de apresentar temas relacionados a novidades no mundo da tecnológica. Um fato da guerra no Iraque não é bem uma novidade tecnológica, mas outra característica do subtipo universal é a apresentação de temas variados, portanto, embora seja um tema próximo da singularidade dos infográficos do subtipo singular, o tratamento dado à informação nos infográficos da seção Superrespostas é de temas enciclopédicos: o objetivo não é informar como foi determinada emboscada na Guerra do Iraque, mas sim de como é, de forma universal, uma emboscada aos americanos realizada pelos iraquianos. O tipo jornalístico enciclopédico independente também é o segundo critério para que um infográfico da seção Superrespostas seja considerado do subtipo universal, o que ocorre no infográfico 11. O terceiro critério para classificarmos um infográfico como pertencente ao subtipo universal é a presença, mesmo que encaixado, do subtipo de estrutura analítico exaustivo na sua configuração. Esse subtipo de estrutura do visual não é encontrado no infográfico 11 Insurgência máxima, porém a característica principal desse subtipo, que é a representação exaustiva dos atributos de um portador, é realizada pelo modo verbal através das legendas que acompanham a imagem. Analisamos a integração entre os modos verbais e visuais do infográfico 11, no intuito de criar questões de interpretação, a partir de descritores de leitura, para observar como os procedimentos de leitura utilizados para ler os infográficos, observados no protocolo verbal interferem na sua compreensão.

O infográfico 11 foi a melhor escolha para a coleta de dados, porque representa de modo geral as especificidades do infográfico da revista Superinteressante. Ao dispor uma cena de emboscada representada para o leitor, eleva ao máximo o princípio de informação

disposta simultaneamente: colocar o leitor na cena a ser explicada. Além disso, predomina no infográfico 11 o processo de ação, subtipo de estrutura narrativa transacional bidirecional, embora haja predomínio de ocorrência do subtipo analítico exaustivo nos dez infográficos analisados como vimos, com exceção dos de linha do tempo. Somada a isso, participantes da imagem são explicados com legendas. A urgência em representar todos os atributos de um participante é a mesma, porém as estruturas são diferentes. O transacional bidirecional é caracterizado por vetores que partem de um participante ator para outro que é a meta e vice-versa: desse participante meta, parte outro vetor em direção ao participante ator, que passa a ser meta. Isso na imagem ocorre assim: os vetores partem dos inter-atores insurgentes até os soldados americanos, que são as metas, ao mesmo tempo em que há vetores partindo dos soldados americanos até os insurgentes, que passam a ser metas também, por isso o processo é bidirecional.

O processo de conversão tem como característica principal o participante revezador que é ator de um processo e meta de outro. Primeiro temos um vetor partindo do insurgente até a bomba e outro vetor da bomba ao carro em explosão.

Como circunstância de modo, temos o celular na mão do insurgente de onde parte um vetor em forma ondas. Kress e Van Leeuwen, (2006, p. 71) chamam esse tipo de vetor de amplificado, que sugere frequência. Visualmente, o vetor entre a bomba e o veículo é representado pelo amarelo da explosão debaixo do participante.

Ainda menor, há outro processo encaixado a esse. A estrutura do desenho da bomba é analítica topológica. Há uma relação de representação entre o todo/portador – a bomba – e suas partes/atributos possessivos, nomeadas verbalmente por grupos nominais.

A análise completa do infográfico 11 está no **APÊNDICE III**, na página 185, mas reunimos nesta tabela as conclusões da análise da integração entre verbal e visual, a partir das quais foi possível criar as questões do questionário e analisar as respostas dos participantes.

Relação entre verbal e visual						Integração
Verbal			Característica	Visual	Característica	Objetivo
Texto introdutório	1º parágrafo	Predominância do processo material	Referência a elementos da imagem	Processo de ação transacional bidirecional	Presença de inter-atores em cenário	Dar dinamicidade à imagem estática
	2º parágrafo	Predominância do processo relacional	Presença de ponto de vista sobre o assunto	Posicionamento em desvantagem dos inter-atores americanos	Inter-atores americanos posicionados no centro, sob círculo de inter-atores insurgentes.	Marcar o posicionamento do locutor a respeito do que diz
	3º parágrafo	Uso do processo mental e elemento dêitico.	Reafirma o ponto de vista sobre o assunto	Cenário desvantajoso para os americanos	Posição de vítima dos americanos	Reafirmar o posicionamento do locutor
Legendas	Legenda 1	Processo material e relacional atributivo	Caracteriza participante, dando exemplos com ação	Instrumento de inter-ator	Circunstância de modo de onde parte o vetor	Caracterizar o instrumento/arma
	Legenda 2	Processo relacional identificativo	Identifica participante	Instrumento de inter-ator	Circunstância de modo de onde parte o vetor	Identificar o instrumento/arma
	Legenda 3	Processo material e relacional identificativo	Explica participante com ação do fazer	Instrumento de ator	Circunstância de modo de onde parte o vetor	Explicar, acontecendo, o instrumento
	Legenda 4	Processo material e relacional atributivo	Caracteriza participante, explicando com ação do fazer	Processo transacional de conversão	Revezador que recebe ação de ator e age sobre uma meta ao mesmo tempo	Explicar e caracterizar revezador.
	Legenda 5	Processo material e relacional identificativo	Identifica participante, dando exemplo com ação.	Participante que serve como circunstância locativa	Posicionamento bem ao fundo do cenário	Sugerir o cerco aos americanos
	Legenda 6	Processo material e relacional atributivo	Caracteriza cenário, dando justificativa	Cenário das circunstâncias locativas	Relação entre primeiro plano, centro e fundo	Sugerir o melhor posicionamento dos insurgentes
	Legenda 7	Processo relacional atributivo e identificativo	Identifica e caracteriza participantes	Inter-atores americanos e meta do processo de conversão	Vetores partindo dos inter-atores americanos – tiros – e vetor que partiu do revezador – amarelo da explosão	Sugere a defesa dos inter-atores americanos

Tabela 15 – Integração verbo-visual: Infográfico 11 Insurgência Máxima

[SUPER RESPOSTAS]
 EDIÇÃO EMILIANO URBIM (emiliano.urbim@abril.com.br)

INSURGÊNCIA MÁXIMA

Como são as emboscadas aos americanos no Iraque?

TEXTO: DANILO CEZAR CABRAL | INFOGRAFIA: LUIZ IRIA | ILUSTRAÇÃO: ÉBER EVANGELISTA | DESIGN: ADRIANO SAMBUGARO

Blindados militares americanos atravessam uma rua estreita de uma cidade em ruínas. Os pedestres vão escasseando e de repente uma bomba enterrada é detonada, destruindo o primeiro veículo do comboio. Quando os soldados se dão conta, surgem insurgentes armados de todos os lados e eles ficam cercados. Essa emboscada pode estar acontecendo agora, em algum lugar do Iraque.

Da invasão de 2003 para cá, apesar da segurança ter melhorado, ainda ocorrem muitas emboscadas, onde os explosivos artesanais são as grandes estrelas (ver na tabela ao lado). Essa fragilidade é mais aparente em Mosul, 390 km ao norte de Bagdá. Insurgentes árabes sunitas transformaram a cidade curda em um centro de ataques anti-americanos. O sargento Tim Carter, baseado no local e sobrevivente de 6 emboscadas, diz: "É difícil diferenciar um insurgente de um civil. Um garoto pode cumprimentar você e dali a pouco lhe lançar uma granada".

Nestas páginas, um cenário que explica por que os americanos lutem o fim da guerra.

PRONTO SOCORRO
 Veículos são usados para formar barricadas ou fazer "delivery" de insurgentes. Ambulâncias são os favoritos: elas provocam hesitação nos soldados americanos, que perdem segundos preciosos.

CENÁRIO PERFEITO
 Áreas urbanas são ideais para a preparação de uma emboscada: proporcionam espaços restritos e inúmeros locais onde os atacantes encontram esconderijo e proteção.

CONTRA-ATAQUE
 Regra nº 1 para o veículo americano emboscado: manter-se em movimento. Se não for possível – como neste cenário, em que um Stryker ficou preso e um Humvee foi pelos ares –, a orientação é fugir a pé da "área de abate", abrindo fogo contra os inimigos.

LIGAÇÃO FATAL
 Uma das virtudes que a falta de recursos inspira é a criatividade: o explosivo dos insurgentes é acionado por um celular modificado, que "liga" direto para o detonador. A montagem da bomba pode ser feita com ferramentas comuns, encontradas em qualquer loja de eletrônicos.

PRESENTE-SURPRESA
 O IED (sigla em inglês para aparato explosivo improvisado) é uma bomba caseira geralmente enterrada e usada para danificar veículos e obstruir caminhos. Apesar do improprietário, tem um grande poder de destruição.

MULTIUSO
 O RPG (granada disparada por foguete, na sigla em inglês) é um lançador de explosivos simples e com múltiplas aplicações. Usado para abater de veículos blindados e helicópteros de ataque.

CLÁSSICO SOVIÉTICO
 O AK-47, herança da URSS, é o fuzil de assalto mais usado do planeta, hit entre guerrilhas e milícias por todo o mundo. Baixo custo e robustez são seus principais atributos.

Q IRAQUE ESTÁ BOMBANDO
 ANO A ANO, O NÚMERO DE SOLDADOS AMERICANOS MORTOS POR ALGUM TIPO DE BOMBA CASEIRA IRAQUIANA.

Soldados mortos	Ano
88	2003
198	2004
407	2005
432	2006
492	2007
125	2008*

*ATÉ SETEMBRO

50 | SUPER | NOVEMBRO | 2008

Processo analítico topológico: Há uma relação de representação entre o todo/portador – a bomba – e suas partes/atributos possessivos, nomeadas verbalmente por grupos nominais

Processo de ação transacional bidirecional: os inter-atores atiram uns nos outros.

Processo transacional de conversão: temos um vetor partindo do insurgente até a bomba e outro vetor da bomba ao carro em explosão.

Figura 17 – Infográfico 11: Insurgência Máxima – Fonte Superinteressante (v. 258, p. 50-51)

4.3.2 Descrição do questionário de interpretação

Já sabemos que o processamento da leitura ocorre com a integração de domínios, de modo hipertextual e para cada um desses domínios existem habilidades específicas que o leitor precisa desenvolver para processá-los. Por isso, tem-se buscado definir descritores que orientam essas habilidades. O Sistema Brasileiro de Avaliação da Educação Básica – SAEB – criou vinte descritores básicos para o ensino de Língua Portuguesa. Desses vinte descritores, selecionamos os sete que consideramos habilidades necessárias para se ler um infográfico, a partir dos quais criamos oito questões de interpretação sobre o infográfico 11 Insurgência máxima para ser respondidas pelos sujeitos da pesquisa. Estes são os descritores (BRASIL, 2008):

Tópicos	Descritores
Tópico I. Procedimentos de Leitura	D1 – Localizar informações explícitas em um texto. D4 – Inferir uma informação implícita em um texto. D6 – Identificar o tema de um texto.
Tópico II. Implicações do Suporte, do Gênero e /ou do Enunciador na Compreensão do Texto	D5 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, etc.).
Tópico IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto	D2 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto. D9 – Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto. D11 – Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.

Quadro 16 – Descritores do SAEB – Fonte: INEP

Na sequência, apresentamos as questões e as possíveis respostas, a partir das quais avaliaremos as respostas dos sujeitos como adequada, não adequada e não respondeu.

Questões do questionário de interpretação			
Questões	Descritor	Objetivo	Resposta
<p>1- Segundo o infográfico, a principal arma que mais mata americanos no Iraque é</p> <p>a- AK-47 b- Lança granadas c- Bombas d- Homens bomba</p>	Localizar informações explícitas.	Verificar se o leitor perceber o grande destaque dado pelo infográfico às bombas caseiras usadas nas emboscadas.	Letra c) Bombas
<p>2- Enumere os itens abaixo de 1 a 4 a parte do infográfico que, na sua opinião, melhor explicita o tema dele.</p> <p>(1 para o que mais explicita e 4 para o que menos explicita).</p> <p>() as imagens () o título () o texto introdutório () as legendas</p>	Identificar o tema de um texto.	Observar qual modo – verbal ou visual - do infográfico contribuiu mais para o leitor entender o tema do texto. Servirá para observarmos em cada leitor a afinidade com o verbal e o visual.	Não há resposta correta, mas espera-se que a opção legendas receba nota 4, porque ela se relaciona a participantes e circunstâncias do infográfico e não ao seu tema principal.

<p>3- Produza um texto, contando o infográfico para uma pessoa que não o leu.</p>	<p>Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.</p>	<p>Verificar se o leitor identificou os processos encaixados na imagem. Identificar se houve algum padrão de hierarquia de leitura das partes do infográfico pelos leitores, assim como também perceber como o leitor representa no linguístico as imagens do infográfico. Observar relação de causa e consequência.</p>	<p>Espera-se que o leitor inicie seu texto com o fato mais em evidência no infográfico: o ataque aos americanos, que se defendem, iniciado pela explosão da bomba, chegando aos detalhes da estrutura da bomba e legendas.</p>
<p>4- Cite e explique quais partes da imagem do infográfico sugerem a posição de cercados dos americanos.</p>	<p>Interpretar o posicionamento dos participantes nas imagens.</p>	<p>Verificar se o leitor percebeu a composição centro-margem do infográfico que posiciona os americanos como informação nuclear.</p>	<p>Espera-se que o leitor aponte insurgentes no primeiro plano, o veículo em explosão ao lado, as construções e a ambulância ao fundo como elementos que sugerem o cerco aos americanos, posicionados no centro da imagem.</p>
<p>5- Qual seria sua reação se observasse a cena do infográfico dos seguintes pontos de vista:</p> <p>a) Do veículo americano:</p> <p>b) Da ambulância:</p> <p>c) De um helicóptero da imprensa:</p> <p>d) Ao lado dos iraquianos:</p>	<p>Perceber ponto de vista da enunciação.</p>	<p>Verificar se o leitor identificou o ponto de vista único a partir do qual a cena é mostrada e se ele percebeu que há outros pontos de vista sobre a mesma cena.</p>	<p>De cunho pessoal, não há como se obter uma única e correta resposta, porém espera-se que o leitor, na letra a, veja a cena do ponto de vista dos americanos; na letra b e d, do ponto de vista dos iraquianos e na letra c, de um ponto de vista neutro.</p>

<p>6- A partir da leitura do infográfico, defina quem são:</p> <p>a- as vítimas: b- os insurgentes: c- os invasores: d- os inimigos:</p> <p>Você concorda com essa definição? Por quê?</p>	<p>Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato, Inferir uma informação implícita em um texto e Identificar contradição no texto.</p>	<p>Verificar se o leitor percebeu a opinião do locutor do texto a respeito da cena, após identificar a contradição dele ao chamar os americanos de invasores/vítimas e depois chamar os Iraquianos de insurgentes/inimigos.</p>	<p>Espera-se que o leitor identifique a opinião ambígua do locutor do infográfico – tendendo a favor dos americanos – em meio ao fato apresentado pelo infográfico, relacionando os personagens aos adjetivos usados pelo próprio locutor. Para isso o leitor deve realizar inferências com as informações dadas pelo locutor – verbais e visuais – e com as informações que já possui a respeito do que seja vítima, insurgentes, invasores e inimigos.</p>	
<p>7- Qual é o sentido das palavras e expressões em negrito usadas pelo locutor do infográfico?</p> <p>a)“(…) os explosivos artesanais são as grandes estrelas.”</p>	<p>b) “O fuzil de assalto mais usado do planeta, hit entre guerrilhas e milícias (...)”.</p> <p>c)“(…) a orientação é fugir a pé da ‘área de abate’”.</p> <p>d) “O Iraque está bombando.”</p>	<p>Inferir sentido de palavras e expressões.</p>	<p>Verificar o entendimento do leitor das palavras e expressões usadas no infográfico a respeito do fato apresentado.</p>	<p>Possíveis respostas: letra a: os explosivos artesanais são as principais armas. Letra b: O fuzil de assalto mais usado do planeta, é famoso, tem a preferência das guerrilhas e milícias. Letra c: A orientação é fugir a pé da área de combate, da área de perigo. Letra d: O Iraque está perigoso, está mortal.</p>
<p>8- Considerando-se o que acontece na cena do infográfico e o objetivo dele, responda:</p> <p>As palavras e expressões das frases da questão 07 são adequadas ao assunto tratado no infográfico? Justifique sua resposta.</p>	<p>Explicitar a opinião sobre o tema do texto.</p>	<p>Observar a opinião do leitor a respeito da banalização do infográfico diante de um fato sério como o apresentado nele.</p>	<p>Trata-se de uma resposta opinativa.</p>	

Quadro 17 – Questionário de interpretação

4.3.3 Análise dos dados do questionário de interpretação

Na seção 2.5, quadro 6, página 57, apontamos como critérios para observação do produto da leitura do infográfico no questionário de interpretação os seguintes itens:

Regularidades na leitura do infográfico			
Instrumento de coleta de dados		Verificar	Itens para observação (descritores)
Para observar o produto da leitura	Questionário de interpretação	Construção da coerência	Localizar informações, identificar tema, diferenciar partes principais de secundárias, interpretar o posicionamento dos participantes nas imagens, inferir uma informação implícita, inferir sentido de palavras e expressões, relacionar imagens ao texto escrito.
		Posicionamento enunciativo	Perceber ponto de vista, distinguir um fato da opinião relativa a esse fato, explicitar a opinião sobre o tema do texto.

Quadro 18 – Itens de observação no questionário de interpretação

Para verificarmos a construção da coerência, criamos questões a partir da análise do infográfico 11 Insurgência máxima, seguindo os itens de observação. Esses itens foram retirados dos descritores do SAEB como mostramos acima. O mesmo foi feito para verificar o posicionamento enunciativo.

Os dados serão expostos consoantes as questões na ordem em que elas estão no formulário de questões. Serão apresentadas as questões com seu descritor e objetivo, o número de respostas adequadas entre os participantes, quando necessário for, e respostas dos participantes, como exemplos. Para apresentar alguns dados, serão utilizados gráficos em números absolutos e tabelas. Os participantes dessa coleta de dados serão identificados com a sigla PQ = Participante do Questionário de Interpretação, juntamente com o número de participação que recebeu. O formulário de questões se encontra do **APÊNDICE IV**, na página 201. No fim de cada análise das questões, propomos uma conclusão, fruto do confronto entre as análises do protocolo verbal e desta análise do questionário de interpretação.

QUESTÃO 01

(Descritor: Localizar informações explícitas em um texto).

Objetivo: Verificar se o leitor percebeu o grande destaque dado pelo infográfico às bombas caseiras usadas nas emboscadas.

Resposta: Letra C.

Segundo o infográfico, a principal arma que mais mata americanos no Iraque é

- a- AK-47
- b- Lança granadas
- c- Bombas**
- d- Homens bomba



Gráfico 1 – Respostas questão 01

Apenas um participante respondeu letra a, AK-47. Localizar uma informação explícita no infográfico 11 Insurgência máxima foi uma tarefa fácil para os participantes. Várias informações dão conta de que a bomba caseira é responsável por muitas das mortes dos americanos no Iraque. O quadro O Iraque está bombando, a legenda que explica as bombas caseiras, que faz parte de um processo encaixado do visual no processo maior do infográfico e o texto introdutório. Provavelmente, o participante que respondeu letra a, tenha localizado essa informação na legenda Clássico soviético, em que se encontram as informações do fuzil AK-47, reforçada pela imagem do processo principal: iraquianos insurgentes atiram nos americanos, utilizando o fuzil.

Conclusão: A configuração dos modos verbais e visuais do infográfico pode contribuir para localização de informações pelo leitor.

QUESTÃO 02

(Descritor: Identificar o tema de um texto.)

Objetivo: Observar qual modo – verbal ou visual - do infográfico contribuiu mais para o leitor entender o tema do texto. Servirá para observarmos em cada leitor a afinidade com o verbal e o visual.

Resposta: Não há resposta correta, mas esperava-se que a opção legendas recebesse nota 4, porque ela se relaciona a participantes e circunstâncias do infográfico e não ao seu tema principal.

Enumere os itens abaixo de 1 a 4 a parte do infográfico que, na sua opinião, melhor explicita o tema dele.

(1 para o que mais explicita e 4 para o que menos explicita)

() as imagens () o título () o texto introdutório () as legendas

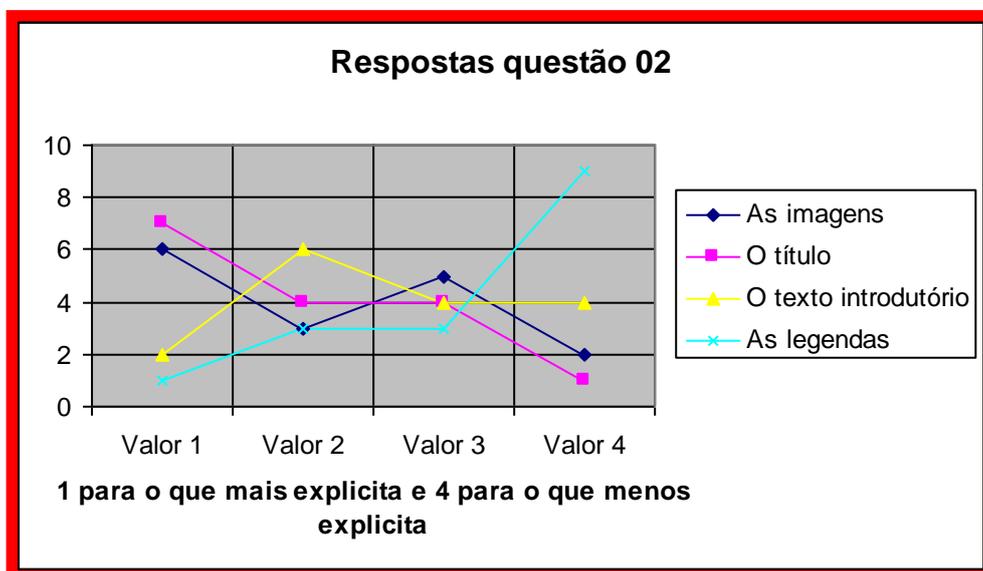


Gráfico 2 – Respostas questão 02

Para maioria dos participantes, o título é a parte do infográfico 11 Insurgência máxima que mais explicita seu tema. Trata-se de um título pergunta, típico da seção Superrespostas e resume bem o assunto do infográfico: como são as emboscadas aos americanos no Iraque? Juntamente com o título, as imagens também foram citadas pelos participantes como uma parte do infográfico que explicita bem seu tema.

Vimos na seção anterior, nos protocolos verbais, que os leitores integraram os modos verbais e visuais. Parece que, pelas respostas à questão 02, essa operação foi feita também no infográfico 11 Insurgência máxima pelos leitores, que apontaram o título e as imagens como explicitadores do tema do texto.

Outra observação que é possível fazer diz respeito à parte pela qual eles iniciaram a leitura do infográfico. Como os participantes do protocolo verbal, os leitores do infográfico 11 Insurgência máxima provavelmente também iniciaram a leitura pelo título e texto introdutório, mesmo que tenham observado primeiramente as imagens, pois, como mostra o gráfico 2, foram as partes mais citadas no valor 1 e 2.

Por fim, como era esperado, as legendas foram as que receberam mais o valor 4. O comportamento das linhas rosa do título e verde das legendas são perpendicularmente contrárias. Como dissemos, as legendas não tratam do tema central, mas de participantes e circunstâncias específicas do infográfico 11.

Conclusão: A integração entre os modos verbais e visuais do infográfico pode contribuir para que o leitor possa entender seu tema central.

QUESTÃO 03

(Descritor: Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.)

Objetivo: Verificar se o leitor identificou os processos encaixados na imagem. Identificar se houve algum padrão de hierarquia de leitura das partes do infográfico pelos leitores, assim como também perceber como o leitor representa no linguístico as imagens do infográfico. Observar relação de causa e consequência.

Resposta: Esperava-se que o leitor iniciasse seu texto com o fato mais em evidência no infográfico: o ataque aos americanos, que se defendem, iniciado pela explosão da bomba, chegando aos detalhes da estrutura da bomba e legendas.

Produza um texto, contando o infográfico para uma pessoa que não o leu.

Todos os participantes fizeram referência ao assunto central do infográfico, que é a emboscada aos americanos pelos iraquianos. Muitos citam as armas usadas nessas emboscadas, além de outros recursos como a ambulância e os prédios em ruínas, outros poucos fazem referência a bomba caseira utilizada para parar o comboio americano, agindo como causa inicial da emboscada.

Mais uma vez o procedimento de iniciar a leitura pelo título e texto introdutório e integrá-los à imagem, não necessariamente nessa ordem, fez com que o entendimento global do texto partisse do processo maior do infográfico – a emboscada aos americanos – até chegar aos processos encaixados – explosão da bomba – e legendas que explicam participantes e circunstâncias – armas, ambulância, prédios. Isso não apenas nos infográficos de informação simultânea, pois acreditamos que, com base na análise dos dados do protocolo verbal, até mesmo nos infográficos de linha do tempo a compreensão global do infográfico aconteça assim, porque, embora esse tipo de infográfico narre gradualmente as partes do assunto tratado, os participantes do protocolo verbal PP1 e PP2 informaram qual era o assunto global do infográfico 9- Che Guevara (cf. **APÊNDICE I, p.147**).

Vejamos resumos das respostas dos participantes como exemplo:

PQ1

A emboscada como causa das mortes dos americanos no Iraque. Descrição do local da emboscada. Citação da bomba como causa inicial da emboscada. Início do ataque dos insurgentes. Situação desesperadora dos americanos.

PQ3

Constantes emboscadas contra os americanos no Iraque. Descrição do ataque: de onde surgem os insurgentes. Citação do arsenal utilizado contra os americanos. Referência ao número de mortes em decorrência das emboscadas.

PQ7

O infográfico mostra como são as emboscadas aos americanos no Iraque. Mostra as armas usadas pelos iraquianos, suas técnicas e táticas. Referência ao gráfico com número de mortes de americanos.

PQ15

O infográfico demonstra como as forças iraquianas atacam militares americanos: através de emboscadas. Elas são a maior causa de morte dos americanos. São causadas por bombas improvisadas e armamento pesado.

Conclusão: o entendimento global do infográfico de informação simultânea parece ser produzido a partir do processo maior em direção aos encaixados (isso pode ser estendido aos infográficos de linha do tempo).

QUESTÃO 04

(Descritor: Interpretar o posicionamento dos participantes nas imagens.)

Objetivo: Verificar se o leitor percebeu a composição centro-margem do infográfico que posiciona os americanos como informação nuclear.

Resposta: Esperava-se que o leitor aponte insurgentes no primeiro plano, o veículo em explosão ao lado, as construções e a ambulância ao fundo como elementos que sugerem o cerco aos americanos, posicionados no centro da imagem.

Cite e explique quais partes da imagem do infográfico sugerem a posição de cercados dos americanos.

Os elementos mais citados foram os insurgentes em primeiro plano e construções e insurgentes posicionados nelas, dez citações, apenas o PP15 não os citou. Embora apenas sete dos dezesseis participantes tenham citado a posição centralizada dos americanos, os outros apontaram elementos que confirmam a posição nuclear que os americanos ocupam no infográfico.

Um fator que pode explicar a maior citação de elementos que contêm insurgentes é a predominância do processo maior - transacional bidirecional: uns atirando nos outros – na compreensão global do infográfico como vimos no resultado da questão 03. Além disso, surpreende a pouca citação do veículo em explosão, pois é mais saliente, está próximo do primeiro plano e faz parte de um processo encaixado no processo maior. Já a pouca referência à ambulância pode ser explicada pela sua posição no background, além de haver pouca iluminação: no jogo de luz e sombra do infográfico, há muita iluminação na parte central e primeiro plano e sombra sobre a ambulância.

Conclusão: A relação centro-margem, encontrada nos infográficos de informação simultânea, maioria na revista Superinteressante, parece favorecer a compreensão das informações posicionadas como nuclear.

No **APÊNDICE V**, na página 203, é possível verificar os elementos que sugerem cerco citados pelos participantes e a frequência com que foram citados.

QUESTÃO 05

(Descritor: Perceber ponto de vista da enunciação)

Objetivo: Verificar se o leitor identificou o ponto de vista único a partir do qual a cena é mostrada e se ele percebeu que há outros pontos de vista sobre a mesma cena.

Resposta: De cunho pessoal, não há como se obter uma única e correta resposta, porém esperava-se que o leitor, na letra a, veja a cena do ponto de vista dos americanos; na letra b e d, do ponto de vista dos iraquianos e na letra c, de um ponto de vista neutro.

Qual seria sua reação se observasse a cena do infográfico dos seguintes pontos de vista:

- a) Do veículo americano:
- b) Da ambulância ao fundo:
- c) De um helicóptero da imprensa:
- d) Ao lado dos iraquianos:

Pelas respostas dos participantes, é possível perceber que eles notaram outros pontos de vista sobre o que acontece no infográfico 11 Insurgência máxima, embora ele seja organizado por centro-margem, com a informação central em posição nuclear. Portanto, o ponto de vista dos americanos como vítimas não é o único a ser percebido na cena, apesar da configuração do infográfico privilegiar isso.

Na análise dos protocolos verbais com os infográficos organizados por centro-margem, foi possível perceber que a informação central é privilegiada em relação à margem, embora os leitores percebessem a importância das informações periférica para compreensão global, como a explicação das legendas por exemplo.

No **APÊNDICE V**, na página 203, reunimos as respostas dos participantes a esta questão.

Conclusão: Infográficos com organização centro-margem podem suscitar outros pontos de vista, além do ponto de vista favorecido pelo posicionamento nuclear da informação central.

QUESTÃO 06

(Descritores: Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato, Inferir uma informação implícita em um texto e Identificar contradição no texto.)

Objetivo: Verificar se o leitor percebeu a opinião do locutor do texto a respeito da cena, após identificar a contradição dele ao chamar os americanos de invasores/vítimas e depois chamar os Iraquianos de insurgentes/inimigos.

Resposta: Esperava-se que o leitor identificasse a opinião ambígua do locutor do infográfico – tendendo a favor dos americanos – em meio ao fato apresentado pelo infográfico, relacionando os personagens aos adjetivos usados pelo próprio locutor. Para isso o leitor devia realizar inferências com as informações dadas pelo locutor – verbais e visuais – e com as informações que já possui a respeito do que seja vítima, insurgentes, invasores e inimigos.

A partir da leitura do infográfico, defina quem são:

- a) as vítimas:
- b) os insurgentes:
- c) os invasores:
- d) os inimigos

Você concorda com essa definição? Por quê?

Pelo nosso modelo de leitura, os participantes integrariam a todo o momento os estímulos dos modos verbais e visuais. Porém, pela sequência das questões do questionário de interpretação, após a questão anterior, eles perceberam, pela posição dos elementos na imagem que há um ponto de vista do infográfico, segundo o qual os americanos são vítimas dos insurgentes iraquianos. No entanto, no texto introdutório, os americanos são mencionados como invasores e os iraquianos como insurgentes. O objetivo da questão 06 é verificar se os participantes observaram esse ponto de vista contraditório. Nas análises dos protocolos verbais, foi possível observar que os leitores confirmaram a característica de orientação ao conhecimento dos infográficos da revista Superinteressante. Com o questionário de interpretação, queremos verificar como os leitores percebem pontos de vista com a configuração dos infográficos para a orientação ao conhecimento, que é uma configuração que busca a imparcialidade. Com exceção dos participantes PQ3, PQ4, PQ5 e PQ11, todos os outros apontaram a definição com base na leitura do infográfico: as vítimas são os soldados americanos, os insurgentes são os iraquianos, os invasores são os americanos e os inimigos são os iraquianos.

O resultado da pergunta complementar: Você concorda com essa definição? Por quê? é este:



Gráfico 3 – Respostas questão 06

Exemplos de respostas de participantes que não concordam:

Exemplo 01 – PQ1

“Não é certo dizer que as vítimas da guerra do Iraque são apenas soldados americanos, ocorre também a morte de milhares de civis iraquianos”.

Exemplo 02 – PQ6

“Não. Por que os americanos começaram a guerra, os iraquianos estão se defendendo. Percebe-se que a revista tenta mostrar os americanos como vítimas”

Exemplo 03 – PQ12

“Não, pois demonstra a situação de uma forma parcial, americanista”.

Exemplo 04 - PQ13

“Não concordo com a definição de vítimas, pois os anti-americanos e alguns civis também morrem nessas emboscadas e nem com a de ‘inimigos’, pois cada parte está defendendo o próprio interesse e de seus superiores”

Exemplo de respostas de participantes que concordam, mas com concessões:

Exemplo 05 – PQ3

“Sim, apesar de serem apresentados como invasores e inimigos, a reportagem aborda as perdas americanas, por isso são apresentados, especificamente nesse infográfico, como vítimas nessa situação”.

Os infográficos de orientação ao conhecimento são organizados para suprimir pontos de vista acerca do assunto de que trata. Embora seja uma questão induzida, a questão 06 demonstrou que o leitor pode perceber eventuais posicionamentos do locutor do infográfico.

Conclusão: Infográficos de orientação ao conhecimento não estão isentos de parcialidade, embora sua configuração busque eliminar pontos de vista.

QUESTÃO 07

(Descritor: Inferir sentido de palavras e expressões.)

Objetivo: Verificar o entendimento do leitor das palavras e expressões usadas no infográfico a respeito do fato apresentado.

Possíveis respostas: **letra a:** os explosivos artesanais são as principais armas. **Letra b:** O fuzil de assalto mais usado do planeta, é famoso, tem a preferência das guerrilhas e milícias. **Letra c:** A orientação é fugir a pé da área de combate, da área de perigo. **Letra d:** O Iraque está perigoso, está mortal.

Qual é o sentido das palavras e expressões em negrito usadas pelo locutor do infográfico?

- a) “(...) os explosivos artesanais são as **grandes estrelas**.”
- b) “O fuzil de assalto mais usado do planeta, **hit** entre guerrilhas e milícias (...)”.
- c) “(...) a orientação é fugir a pé da ‘**área de abate**’”.
- d) “O Iraque está **bombando**.”

Apenas o PQ3 deu uma resposta não adequada para hit e o PQ7 deu uma resposta não adequada para bombando. As demais respostas foram adequadas. O PQ3 respondeu que Hit é “vocabulário usado na rádio para designar músicas populares”. Essa relação não é necessariamente um erro, pois parece que o participante relacionou os explosivos a arma popular, frequentemente usada pelos insurgentes, porém sua resposta não se encerra com esse pensamento. O PQ7 respondeu que bombando na frase da letra d, significaria “estar no ápice das pesquisas”, parece que ele não relacionou o outro sentido atribuído a bombando que seria no sentido de explosões, causando mortes por bombas.

A questão 07 é apenas preparatória para a questão 08.

QUESTÃO 08

(Descritor: Explicitar a opinião sobre o tema do texto.)

Objetivo: observar a opinião do leitor a respeito da banalização do infográfico diante de um fato sério como o apresentado nele.

Respostas: trata-se de uma resposta opinativa, porém esperavam-se divergências nas respostas, pois a linguagem utilizada é típica da revista, porém trata-se de um assunto sério.

Considerando-se o que acontece na cena do infográfico e o objetivo dele, responda:

As palavras e expressões das frases da questão 07 são adequadas ao assunto tratado no infográfico? Justifique sua resposta.

A linguagem utilizada pela revista Superinteressante é semi-formal, em busca de humor e descontração. O participante do protocolo verbal PP6, infográfico 6- Tchou, sujeira!, havia percebido isso nas expressões utilizadas no infográfico lido por ele. Portanto, as expressões utilizadas pelo infográfico 11 Insurgência máxima são adequadas à linguagem da revista. No entanto, o assunto tratado no infográfico é um fato sério. Para 6 participantes, as expressões não são adequadas, dois dos quais com concessões. Já para 9 deles, são adequadas, dois dos quais com concessões. Um participante afirmou que algumas expressões são adequadas outras não, porém não definiu quais.

Vamos a alguns exemplos de justificativas dos participantes:

Exemplos de participantes que concordam com o uso das palavras e expressões:

Exemplo 06 – PQ8

“As palavras e expressões são adequadas para manter o leitor entretido com a reportagem e também para facilitar o entendimento da mesma”.

Exemplo 07 – PQ13

“Sim, pois o público alvo são jovens, então se utilizar expressões conhecidas e utilizadas por eles, terá um efeito de aproximação com o leitor”.

Exemplos de participantes que concordam com o uso das palavras e expressões, mas com concessões:

Exemplo 08 – PQ11

“Sim, pois elas são expressões que, apesar de não ter o tom formal, transmitem a informação desejada”.

Exemplo 09 – PQ16

“Considerando o veículo no qual o infográfico foi publicado, as palavras são adequadas já que explicam de forma descontraída, a um público mais geral, o assunto do qual trata”.

Exemplos de participantes que não concordam com o uso das palavras e expressões utilizadas no infográfico:

Exemplo 10 – PQ2

“Perante a seriedade do assunto não são adequadas. A ironia que causam banaliza a cena”.

Exemplo 11- PQ9

“Não, a revista trata de um assunto sério de maneira ‘pop’ e ‘superficial’. A matéria parece ser escrita por um personagem de ‘Malhação’”. (programa juvenil da emissora Rede Globo de televisão)

Exemplo de participante que não concorda, mas faz concessão à revista:

Exemplo 12 – PQ3

“Eu não as elegeria para ilustrar o tema, acredito que não imprimem ao fato relatado a seriedade que lhe é inerente, mas não sei exatamente se essa abordagem é tida como indispensável pelos organizadores da revista”.

Exemplo de participante que não definiu quais palavras são adequadas e quais não são adequadas:

Exemplo 13 – PQ12

“Não todas. Pois algumas palavras e metáforas não são adequadas a reportagem”.

Na análise do item 3, no protocolo verbal, nas perguntas relativas à relação leitor e produtor, verificamos, nas relações entre os papéis assumidos pelos produtores e leitores do infográfico, que os infográficos da categoria orientação ao conhecimento possuem a função didática entre produtores e leitores, no entanto, os participantes do protocolo verbal apontaram posicionamentos ora implícitos, como no infográfico 4- A missão que vai

bombardear a Lua ou como no infográfico 2- Casa do presidente; ora explícitos como no infográfico 9- Che Guevara; ora relativos à linguagem do infográfico 6- Tchou, sujeira. Apesar disso, todos os participantes do protocolo verbal afirmaram que confiam nas informações dos infográficos, seja por causa da credibilidade da revista, seja por causa da previsibilidade das informações. Enfim, todos os participantes do protocolo verbal aceitaram a linguagem, as informações e os posicionamentos dos infográficos lidos por eles.

O que parece haver de diferente no infográfico 11 Insurgência máxima, em relação aos outros infográficos analisados, é uma disparidade para alguns dos participantes entre o que o infográfico trata, principalmente na imagem, e a linguagem utilizada, sobretudo nas palavras e expressões da questão 07. Isso também entre a aparente imparcialidade do infográfico, na imagem, e seu ponto de vista, percebido, principalmente, no texto verbal. Isto é, houve falhas por parte da produção do infográfico, percebida pelos leitores, na integração das modalidades verbal e visual no tocante ao nível de linguagem e ao posicionamento enunciativo. A imagem sugere uma cena de guerra, portanto um assunto sério, que merece tratamento mais formal. Já o texto verbal utiliza palavras e expressões informais que não condizem com o acontecido na imagem. Concomitantemente, a imagem sugere imparcialidade, graças à configuração do infográfico para a orientação ao conhecimento, porém o texto verbal utiliza palavras ambíguas e contraditórias para se referir a americanos e iraquianos, no que se refere aos seus papéis na emboscada e conseqüentemente na guerra do Iraque.

Conclusão: o leitor parece aceitar posicionamentos do locutor do infográfico, bem como variações nos níveis de linguagem do formal ao informal se eles forem mantidos proporcional e coerentemente nos dois modos: verbal e visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto da necessidade de pesquisas sobre infográficos, sobretudo da perspectiva da linguística do texto e dos gêneros. Possui como objetivos gerais verificar as regularidades e tipificações do infográfico encontrado na revista *Superinteressante* e a partir dessa verificação, verificar quais os procedimentos de leitura são utilizados pelo leitor de infográficos e como esses procedimentos influenciam na compreensão das informações veiculadas pelo infográfico da revista *Superinteressante*. Para isso, propusemos uma tipologia dos infográficos a partir de suas regularidades e tipificações.

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de gênero filiada à perspectiva sociorretórica de gêneros, por sua vez, concatenada com a visão de gêneros de discurso de Bakhtin (2003). Essa metodologia prevê a análise e descrição de elementos do gênero de sua produção até sua recepção, verificando suas motivações de criação, sua textualidade, sua leitura e as relações entre produtor e leitor para propor a existência de um gênero como produto de ações retóricas tipificadas que age sobre as situações e sobre as pessoas.

Buscamos respaldo no jornalismo, esfera em que os infográficos são criados, através dos estudos do NUPEJOC – Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico –, de cujos objetivos em relação à investigação do objeto infográfico compartilhamos, para compreender o processo de produção do infográfico.

Para analisar a textualidade do infográfico, utilizamos os estudos da Gramática do design visual, cujas ideias se filiam à visão de discurso multimodal. Para observar os procedimentos de leitura usamos dois instrumentos de coleta de dados, cada qual para coletar dados da produção e do produto da leitura dos participantes envolvidos na pesquisa. Isso feito sob a visão de leitura como fenômeno complexo, um todo indivisível, realizada a partir de um leitor, que traz consigo o conhecimento de mundo, inserido num contexto sócio-histórico.

Constatamos que há na revista *Superinteressante* a categoria de infográficos de orientação ao conhecimento, cujo objetivo é didático explicar como é ou foi um fato geo-histórico, como é ou funciona um objeto tecnológico ou fenômenos bio-físico-químicos. Essa categoria se divide em dois tipos de infográficos. O primeiro deles, mais utilizado, é o de informação simultânea, caracterizado pela disposição de todas as informações ao mesmo tempo para o

leitor, organizando-as numa disposição centro-margem: a informação nuclear é centralizada e as informações que lhe explicam são dispostas em sua volta. Possui dois subtipos: universal, dedicado a informações de caráter enciclopédico, de temas universais, está presente nas seções de respostas aos leitores e singular, dedicado a temas singularizados, mais datados, presente em seções de divulgação de novidades.

O outro tipo de infográfico, menos frequente, é o de informação ordenada temporalmente – linha do tempo, em que as informações estão dispostas numa sequência narrativa linear, organizando-as numa disposição da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Com relação aos procedimentos de leitura do infográfico, - o processo de leitura - no tocante à relação entre leitor e produtor, constatamos que essa relação é didática, sim, porém posicionamentos do locutor acerca do que diz foram percebidos pelos leitores participantes do protocolo verbal. A confiabilidade nas informações do infográfico é alta, em decorrência da credibilidade da revista em que eles veiculam e da previsibilidade das informações veiculadas neles, isto é, são informações que podem ser comprovadas pelo conhecimento de mundo dos leitores.

No que se refere à relação entre leitor e texto, o leitor integra imagens e texto verbal, o que é fator primordial para que um infográfico informe bem. Dessa relação advém a informação principal do infográfico. Nos infográficos de informação simultânea, a organização centro-margem das informações favorece a saliência da informação principal, posicionada como informação nuclear. No infográfico de linha do tempo isso se dá na relação entre legendas numeradas sequencialmente e imagens que se relacionam a elas. Isso denuncia também a necessidade dos infográficos em evidenciar o objeto a ser explicado. As estruturas do visual predominantes nos infográficos favorecem a saliência das informações. A estrutura mais utilizada pelos infográficos de informação simultânea, analítica exaustiva e suas variações se demonstraram eficazes para organizar as imagens do infográfico para a leitura, porque explica parte por parte – conjoined e componeud – além dessas partes serem acompanhadas por legendas. Partes do infográfico posicionadas em zonas muito periféricas como quadros e mapas tendem a ser negligenciados pelos leitores durante a leitura.

Em infográficos cujas legendas são numeradas – como nos infográficos de linha do tempo e alguns de informação simultânea, predomina a sequência de leitura na ordem proposta pela numeração, muito embora essa sequência não seja requisito necessário para a

compreensão dos infográficos de informação simultânea, sendo possível ler as legendas na ordem determinada pelo leitor, provavelmente pela organização simultânea das informações. Já no infográfico de linha do tempo, a sequência numérica das legendas deve ser seguida durante sua leitura.

Portanto, os leitores do infográfico da categoria de orientação ao conhecimento encontrado na revista Superinteressante realizam os seguintes procedimentos para ler o infográfico:

- 1- Observam primeiramente as imagens.
- 2- Leem o título e texto introdutório.
- 3- Procuram relacionar as informações do título e texto introdutório com as imagens.
- 4- Iniciam a leitura das legendas. Se forem legendas numeradas, eles seguem a numeração, caso contrário não seguem sequência definida.
- 5- Relacionam as legendas à imagem que elas acompanham mesmo se não houver numeração relacionando essas duas partes do infográfico, até mesmo nos infográficos de linha do tempo.
- 6- Compreendem primeiramente os processos maiores do visual para depois passar aos menores.
- 7- Imagens em layouts deslocados para zonas de informação periféricas costumam ser negligenciadas durante a leitura.
- 8- Os leitores percebem o objetivo didático dos infográficos de orientação ao conhecimento, mas também percebem pontos de vista do locutor.

Com relação a como esses procedimentos de leitura do infográfico de orientação ao conhecimento interferem na compreensão das suas informações – o produto da leitura – ao final de cada análise das questões do questionário de interpretação constatamos que:

- 1- A configuração dos modos verbais e visuais do infográfico pode contribuir para localização de informações pelo leitor.
- 2- A integração entre os modos verbais e visuais do infográfico pode contribuir para que o leitor possa entender seu tema central.

- 3- O entendimento global do infográfico de informação simultânea parece ser produzido a partir do processo maior em direção aos encaixados (isso pode ser estendido aos infográfico de linha do tempo).
- 4- A relação centro-margem, encontrada nos infográficos de informação simultânea, maioria na revista Superinteressante, pode favorecer a compreensão das informações posicionadas como nuclear.
- 5- Infográficos com organização centro-margem podem suscitar outros pontos de vista, além do ponto de vista favorecido pelo posicionamento nuclear da informação central.
- 6- Infográficos de orientação ao conhecimento não estão isentos de parcialidade, embora sua configuração busque eliminar pontos de vista.
- 7- O leitor parece aceitar posicionamentos do locutor, bem como variações nos níveis de linguagem do formal ao informal se eles forem mantidos proporcional e coerentemente nos dois modos: verbal e visual.

Embora em alguns momentos transparecesse que os leitores processavam as imagens primeiramente e alternavam entre a leitura do verbal e do visual, constatamos que a compreensão de informações se dava quando ambas as informações verbais e visuais eram processadas, ainda que lida uma após a outra.

Com esses dados, podemos descrever o infográfico como um gênero do discurso, independentemente de ser independente ou complementar de outro gênero, porque, como vimos os infográficos utilizados aqui foram eficientes no seu objetivo de informar. Os elementos do gênero infográfico analisados por nós demonstraram recorrências e tipificações que suscitam situações retóricas marcadas pela relação entre sujeitos de linguagem que utilizam o gênero infográfico para se relacionarem didaticamente. Os leitores de infográficos buscam informações sobre fatos geo-históricos, como é ou funciona um objeto tecnológico ou fenômenos bio-físico-químicos. Esses leitores reconhecem tipificações e recorrências nos infográficos como a integração entre os modos verbais e visuais, o que torna a leitura do infográfico uma situação retórica recorrente, tornando-o um gênero que organiza situações.

Os produtores por sua vez organizam seu discurso também por essas recorrências e tipificações que ele conhece como produtiva para a relação didática que ele deseja criar. Além

disso, vimos que há uma política de criação de infográficos na revista Superinteressante, que cria tipos de infográficos de uma única categoria, o que reforça ainda mais a noção de gênero

Embora não objetivássemos generalizar, acreditamos que com o conjunto de textos analisados e a metodologia utilizada é possível que esta pesquisa traga contribuições teóricas para futuras pesquisas sobre infográficos, não apenas impressos, como também os chamados interativos digital; não apenas para o campo da linguística, mas também para o campo da comunicação.

Como contribuição prática, esperamos ter fornecido dados úteis para o ensino de leitura e produção do gênero infográfico, ou até mesmo para outros textos visuais informativos. Por se tratar de um texto recente, mas muito difundido pela mídia, os livros didáticos e cursos de formação de professores não podem prescindir de preparar seus professores para que trabalhem o infográfico na sala de aula em aulas de leitura e produção de textos.

Nosso trabalho termina com a pretensão de ampliar os estudos sobre textos visuais informativos, multimodais, pelo menos levantando questões para que novas discussões possam surgir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (original de 1979).

BAZERMAN, Charles. Gêneros textuais, tipificação e interação. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. Matriz de Referência de Língua Portuguesa – Saeb/Prova Brasil – Tópicos e descritores. INEP, 2008. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/caracteristicas.htm>>. Acesso em 18 out. 2008.

CABRAL, D. C.; IRIA, L.; EVANGELISTA, E.; SAMBUGARO, A. Insurgência máxima. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 258, p. 50-51, nov. 2008.

CAIROa, Alberto. Interactividad en infografía de prensa. Malofiej. 2008. Disponível em: <http://www.albertocairo.com/imagenes/2008/articulos/articulomalofiej.pdf>. Acesso: 28 ago, 2009.

CAIROb, Alberto. Infografía 2.0: visualización interactiva de información en prensa. Madrid: Alamut, 2008.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH (Orgs.) Gêneros, teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 130-149.

CASTILHO, Ataliba de. Análise multissistêmica da sentença matriz. IN: PAIVA, V.L.M.; NASCIMENTO, M. (org). Sistemas adaptativos complexos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 35-60.

COSCARELLI, Carla Viana. V. Espaços hipertextuais. Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição, jun. 2003, FAE - UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. ISBN: 85-86091 (CD- ROM)

_____; Entre textos e hipertextos. IN: COSCARELLI, C. V. (Org.) Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 65-84.

_____; Leitura em ambiente multimídia e produção de inferências. 1999. 322 f. Tese. (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e letramento. In: KARWOSKI, Acir Mário et al. (orgs.) Gêneros textuais: reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2006

ELMAN, Jeffrey L. On the meaning of words and dinosaur bones: lexical knowledge without a lexicon. IN: Cognitive Science. San Diego. Cognitive Science Society, n. 33, 2009.

_____; An alternative view of the mental lexicon. IN: TRENDS in Cognitive Sciences. San Diego. Elsevier, v. 8, n7, p. 301-306, Jul. 2004.

EVANGELISTA, E.; IRIA L.; TAUHATA S. Che. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 261, p. 49-50, jan. 2009.

FLORES, Onici Claro. Como avaliar a compreensão leitora. IN: Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 42-53, dez 2007. Disponível em <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/123/194> Acesso em 30 jan. 2009.

GARATTONI, Bruno. A missão que vai bombardear a Lua. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 262, p. 24-25, fev. 2009.

GARATTONI, B.; OLIVEIRA, J.; PAIVA, R. A nova malhação. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 263, p. 26-27, março, 2009.

GIANORDOLI, G.; BITTENCOURT, C. O que acontece no corpo de quem disputa uma supermaratona? Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 264, p. 40-41, abril, 2009.

GARATTONI, B.; GIANORDOLI, G.; BITTENCOURT. Narcotráfico dá pouco dinheiro. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 267, p.32-33, jul. 2009.

GASS, S.; MACKEY, A. Cognitive Processes, Capacities, and Strategies-Based Research. IN. Data Elicitation for second and foreign language research. (capítulo 3). 2007.

HALLIDAY, M. A. K., & MATTHIESSEN, C. M. I. M. (2004). An introduction to functional grammar. 3. ed. Edition, London: Arnold.

KRESS, Gunther., & Leeuwen, Theo van. Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

_____. Reading images: the grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006 (original de 1996).

LOBO-SOUZA, Ana Cristina. hipertextualidade: uma abordagem enunciativa de hipertextos. 2009. 154 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LOPES, R.J.; VIDIGAL, J.; IRIA, L.; VERSIGNASSI, A.; VERSIGNASSI, S. Já Era! Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 263, p. 84-89, março, 2009.

MACHIN, David. Introduction to Multimodal Analysis. London: Arnold, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 3. Ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER a, Carolyn. R. Gênero como ação social. IN: Estudos sobre Gênero textual, Agência e Tecnologia. Trad. E Org. Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Recife: Universitária da UFPE. p. 21-44.

MILLER b, Carolyn. R. Comunidade retórica: a base cultural de gênero. IN: Estudos sobre Gênero textual, Agência e Tecnologia. Trad. E Org. Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Recife: Universitária da UFPE. p. 45-58.

OLIVEIRA, Roberval Araújo. Complexidade: conceitos, origens, afiliações e evoluções. IN: PAIVA, V.L.M.; NASCIMENTO, M. (org). Sistemas adaptativos complexos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 13-34.

PAIVA, Francis Arthuso. O gênero textual infográfico: leitura de um gênero textual multimodal por alunos da 1ª série do Ensino Médio. 2008. 78 f. Monografia (Especialização em Leitura e Produção de textos) – Instituto de Educação Continuada, Pontifícia Universidade Católica, 2008.

TEIXEIRA, Tattiana. Infografia como narrativa jornalística: uma discussão acerca de conceitos, práticas e expectativas. Anais do XVIII Encontro da Compôs, jun. 2009, PUC-MG, Belo Horizonte. Disponível em <http://www.compos.org.br>. Acesso em ago. 2009.

_____; A presença da infografia no jornalismo brasileiro: proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso. Revista Fonteyras. Vol 09, nº 02. Unisinos, 2007. pp. 111-120.

_____; O uso do Infográfico na Revista Superinteressante: um breve panorama. IN. SOUZA, C; FERREIRA, R.; BORTOLIERO, Simone (org.). Jornalismo Científico e Educação para as Ciências. Taubaté: Cabral Editora, 2006, pp. 165-180. Disponível em <http://www.nupejoc.cce.ufsc.br/paginas/produ/abjc_2004_livro.pdf. > Acesso em 03 jan. 2008.

RINALDI, Mayara. O uso da infografia no jornalismo científico brasileiro: estudo da revista Superinteressante. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, em 2007. Disponível em <http://www.nupejoc.cce.ufsc.br/paginas/produ/artigo.htm>. Acesso em abril, 2008.

SANT'ANA, T.; RAINHO, M.; SARMENTO, J. IRIA, L. Como é a casa do presidente? Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 266, p. 42-43, jun. 2009.

TOMITCH, Lêda Maria Braga. Desvelando o processo de compreensão leitora: protocolos verbais na pesquisa em leitura. IN: Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 42-53, dez 2007. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/244/197>> Acesso em 30 jun. 2008.

URBIM, E.; GIANORDOLI, G.; NESTI, F. Guia rodoviário dos oceanos. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 266, p. 38-39, jun. 2009

URBIM, Emiliano. Perdidos no espaço. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 267, p.46-47, jul. 2009.

VERONEZI, L.; IRIA, L. Tchau, sujeira. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 265, p. 22-23, maio, 2009

APÊNDICE I

Itens de avaliação e respostas dos protocolos verbais

Itens de avaliação do protocolo verbal das relações entre produtor e leitor

Item 1 - Opinião do leitor sobre o design

	Perguntas		Resumo explicativo
	Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?	O que tornou a leitura do infográfico fácil ou difícil? Por quê?	
Participantes	Respostas		
PP1 Infográfico Che	- Não leu.	(Fácil) “É deixa eu ver, eu acho que a maneira como ta disposta as informações no texto e eu acho que a ilustração ajudou sim a entender o texto”.	A disposição das informações. As ilustrações.
PP2 Infográfico Che	- Sim, sem frequência.	(Fácil) “O conhecimento prévio do assunto. As imagens só tornam a leitura mais dinâmica, mais agradável.”	O conhecimento prévio do assunto. As imagens tornam a leitura mais dinâmica e agradável.
PP3 Infográfico Super Maratona	- Sim, frequentemente.	(Fácil) “Bom, eu acho que primeiro eu li a introdução, então eu já sabia mais ou menos o que ia tratar da atividade física, no caso de uma maratona, dessa corrida, corrida maluca e aí, depois só mesmo pra, nas imagens, só tive curiosidade de saber o que ele tinha falado na introdução: das dificuldades que se encontram e tal que é o que ele ta tratando nas imagens”.	Antecipação do assunto na introdução. As imagens ilustram o que diz a introdução.
PP4 Infográfico Casa do Presidente	- Sim, de vez em quando.	(Fácil) “Eu podia associar, (fazendo gestos que lembrava junção) toda hora que eu lia eu já procurava aqui”.	Associação entre imagem e texto escrito.

P5 Infográfico Bombardeio da Lua	- Sim, frequentemente.	(Fácil) “Eu acho que o vocabulário tá muito, não tá muito complicado, as siglas também eles explicam, mesmo que seja em inglês eu entendo, então eu não tive dificuldade, o vocabulário não tava muito exigente não. Ajudam, as imagens ajudam a visualizar o que tá escrito aqui, quando você lê, você fica um pouco, aí na hora que você vai enxergar como que vai ser o... (fogete), ajudam”.	Vocabulário simples. As imagens ilustram como será o que está escrito.
PP6 Infográfico Tchau, Sujeira	- Sim, com pouca frequência.	(Fácil) “Ajudou (o zoom) é como isso representa uma cidade, e cada coisa falando aqui ó tem um zoom pra representar o que tá explicando no texto. Tudo conectado, vai explicando,. O zoom”.	Conexão entre o texto verbal e as imagens. As ampliações do compounded.

Item 2 - Eficiência dos tipos de infográfico.

Participantes	Pergunta	Resumo explicativo
	Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?	
	Respostas	
PP1 - Infográfico Che	(não) “Eu acho que sim, com as informações que tão aqui dá pra entender o que fala o texto, sim”.	O infográfico demonstra independência de outros textos.
PP2 - Infográfico Che	“Não”	
PP3 - Infográfico Super Maratona	“Não, pra entender não, só se eu quiser saber mais, porque de maneira geral o texto tá bom”.	
PP4 - Infográfico Casa do Presidente	“Não só as que tão aqui” (já bastam)	

PP5 - Infográfico Bombardeio da Lua	“Não”.	O infográfico demonstra independência de outros textos.
PP6 - Infográfico Tchou, Sujeira	“Não, não, tudo que parece que vai causar dificuldade de entendimento eles colocam um aviso antes, uma informação”.	

Item 3 - Relação entre os papéis assumidos.

Participantes	Perguntas			Resumo explicativo
	Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?	Você confia nas informações desse infográfico? Por quê?	O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?	
	Respostas			
PP1 - Infográfico Che	“Olha eu acho que além de contar a história, assim, como aconteceu quando ele colocou essas imagens com os textos relacionados, acho que ele queria causar uma impressão mesmo no leitor. O que aconteceu assim. Você vê que tem várias pessoas machucadas. Acho que ele queria, o texto não fala muito que as pessoas ficaram machucadas, mas se você olhar as imagens você vê que aconteceu isso, sem ele te informar isso deu pra perceber. Ele mostrou, contou a história de uma maneira diferente, não só escreveu. Acho que sim, acho que conseguiram” (alcançar o objetivo)	A pergunta não foi feita.	“Eu acho que ele só expõe a história. Eu não percebi não. Eu acho que ele queria só relatar o acontecido. Eu acho que ele queria causar, assim o leitor tivesse a sua impressão sobre o assunto, acho que ele queria isso: que o leitor percebesse, no caso aqui, o que tava acontecendo e assim, ele mesmo tomasse uma opinião, mostrou o assunto e acho que ele pediu o leitor pra refletir sobre o que tava acontecendo. Foi o que eu entendi”.	A relação entre produtor e leitor é didática, sem a pretensão de expor ou impor um ponto de vista daquele sobre este.

<p>PP2 Infográfico Che</p>	<p>“Ah! Passar informações de uma forma mais dinâmica, mais interativa. (Conseguiram alcançar esse objetivo) Acho que sim.”</p>	<p>“Confio. Eu não lembro muito bem como se deu a Revolução Cubana, mas acho que foi mais ou menos isso, falta alguns detalhes, mas acho que foi isso”.</p>	<p>“É, só um ponto de vista. A Revolução Cubana, tipo idealizando a revolução Cubana. Idealiza. Porque eles não mostram a parte do ditador, não mostram o porquê da revolução”</p>	<p>A relação entre produtor e leitor é didática, porém expõe apenas um ponto de vista sobre a revolução cubana.</p>
<p>PP3 Infográfico Super Maratona</p>	<p>“Acho que mostrar pra uma pessoa que não conhece a maratona, pra quem não tem informação específica ou pra uma pessoa que não conhece, não sabe como é o que acontece, dá uma ideia geral do que um atleta precisa pra passar por uma maratona, o que uma pessoa que percorre uma maratona faz, né, normalmente tem dificuldade, treinamento, assim, é, o que uma pessoa é capaz de fazer mesmo. Acho que sim”. (alcançaram esse objetivo)</p>	<p>“Bom, como eu não tenho nenhuma referência anterior, até o momento eu iria confiar, a menos que eu precisasse pesquisar mesmo, ter uma informação eu me deparasse com uma fonte mais confiável”.</p>	<p>“Eu acho que talvez ele tenha deixado assim um pouco, como eu posso dizer, um pouco de surpresa assim, é admiração por uma pessoa que consegue vencer tudo isso, porque ele aborda muito essas partes, todas as partes que tendem a dificultar que você consiga fazer uma maratona, então é, pra uma pessoa que consegue dar a volta ao mundo e por exemplo passar por tudo isso, por essas dificuldades, então eu acho que transparece um pouco de admiração mesmo. Quem consegue fazer isso, é muito boa”.</p>	<p>A relação entre produtor e leitor é didática, mas o locutor deixa transparecer admiração pelo que apresenta.</p>
<p>PP4 Infográfico Casa do Presidente</p>	<p>“Não sei. Talvez meio que falar que mora muito bem, sabe essas coisas assim, meio que até pra quem lê: ‘nossa tudo isso pra quê, não precisa disso tudo’. Talvez é isso. Eu não sei né? Conseguiram”(alcançar esse objetivo)</p>	<p>“Ué, confio, porque talvez, é uma revista que tem grande circulação. A revista tem credibilidade com todo mundo”.</p>	<p>“Então, acho que sim, né, porque se ele tá mostrando que tem muita coisa assim, talvez até que, vive muito bem, tem vida boa demais, esse é o ponto de vista”.</p>	<p>O infográfico expõe um ponto de vista acerca do que diz: o exagero na casa do presidente.</p>

<p>PP5 - Infográfico Bombardeio da Lua</p>	<p>“O objetivo? Não sei, divulgar informação mesmo, informar. Acho que sim (alcançar o objetivo), porque eu pelo menos entendi, nunca tinha ouvido falar, nisso aí, já li como”.</p>	<p>“Eu confio, se tiver errado (rs). Por causa da fonte.” (É leitora da revista)</p>	<p>“Deve ter, mas eu não consegui achar não. Porque todos os textos têm um ponto de vista, mesmo tentando ser o máximo de objetivo possível você acaba colocando alguma coisa”.</p>	<p>A relação entre produtor e leitor é didática, embora possa haver um ponto de vista implícito.</p>
<p>PP6 - Infográfico Tchou, Sujeira</p>	<p>“Ele queria passar a mensagem de... passar essa informação de que já tá tendo uma novas técnicas já pra diminuir o nível de poluição, informar. Conseguem” (o objetivo).</p>	<p>“Confio, ah porque tá tudo tão bem explicado, que parece que nada foge do que eu conheço previamente”.</p>	<p>“É, às vezes, por exemplo, aqui (aponta para a legenda da roupa antifedor) “e você não fica fedendo” isso é como se fosse um comentário do autor, né? Por exemplo, esse aqui, (aponta para a legenda do aspirador de poluição) “seriam suficientes para limpar a avenida paulista” tipo ele usou uma coisa pra gente entender melhor, “e sem ficar gritando pela rua” (legenda de coleta robótica) com se fosse meio humor”.</p>	<p>A relação entre produtor e leitor é didática, no entanto há posicionamentos explícitos do locutor no intuito de gerar humor.</p>

Itens de avaliação do protocolo verbal das relações entre leitor e texto

Item 1 - Relevância de informações.

<p>Participantes</p>	<p>Pergunta</p>	<p>Resumo explicativo</p>
	<p>De que trata o infográfico?</p>	
	<p>Respostas</p>	

PP1 Infográfico Che	<p>“Ele fala do, de Fidel, né, comandava sua batalha que foi dominar essa região aqui (apontando pro infográfico) e como eu entendi, quando ele chegou aqui nessa guerra, ele mandou esse Cienfuegos tomar a cidade e o outro dominar a Santa Clara e acabaram que eles ganharam a dominação da região. Foi isso que eu entendi”.</p>	<p>A informação relevante foi o processo de tomada de cidades que culminou no domínio geral da região. Essas tomadas de cidades são destacadas pelas imagens.</p>
PP2 Infográfico Che	<p>“Che Guevara. A Revolução Cubana. Ele e o Fidel Castro e o Fulgêncio Batista? (consultando o infográfico) não, o Cienfuegos, a tomada de cidades, como começou o movimento da revolução e como terminou, não como terminou, não, mas como se deu a Revolução Cubana”.</p>	<p>A informação relevante foi o processo de tomada de cidades que culminou no domínio geral da região. Essas tomadas de cidades são destacadas pelas imagens.</p>
PP3 Infográfico Super Maratona	<p>“Ele trata do limite do corpo humano, é no caso limite que é testado nessa corrida, nessa maratona, assim, no geral, assim resumindo bem seria isso, o limite do corpo humano, o que tende o ser humano a fazer pra, o que o ser humano precisa pra vencer esses limites, essas etapas” (apontando para as etapas da supermaratona representada no infográfico).</p>	<p>A informação relevante foi a característica de dificuldades da supermaratona: suas três etapas destacadas pelas imagens subordinadas.</p>
PP4 Infográfico Casa do Presidente	<p>“Fala como que é o palácio da alvorada, por dentro”. (apontando para a imagem)</p>	<p>A informação relevante foram as características do palácio da alvorada. Informação destacada pela imagem.</p>
PP5 Infográfico Bombardeio da Lua	<p>“O assunto é saber se existe água na Lua. É o principal, o objetivo do foguete. Saber se existe água na Lua. Que a NASA vai buscar um meio de descobrir se existe água na Lua, aí como a parte escura da Lua, não vai ter como usar robô, porque não tem energia solar, então vai ter que bombardear mesmo pra ver se vai, ver da terra”.</p>	<p>A informação relevante foi o objetivo da NASA de encontrar água na Lua. Citação do foguete representado na imagem.</p>
PP6 Infográfico Tchou, Sujeira	<p>“Ele fala sobre métodos que já tão sendo usados ou vão ser usados numa cidade pra diminuir o nível de poluição sonora, poluição do ar, todo tipo de poluição. Explica os métodos”.</p>	<p>A informação relevante são as novas tecnologias de limpeza urbana explicados pelo infográfico.</p>

Item 2 – Saliência das informações

Participantes	Perguntas		Resumo explicativo
	Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?	Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?	
Respostas			
PP1 Infográfico Che	“As ilustrações, o texto e a maneira como o texto tá disposto assim, por exemplo, aqui ó, (legenda 1) a imagem ta relacionada com o texto assim, por exemplo, aqui (legenda 1) ta falando de uma coisa e tem a imagem relacionada com esse texto, então você acaba, parece que é um caminho assim (aponta para o caminho da sequência entre as legendas), que você segue até o final da história e você vai vendo a imagem e o que ta acontecendo ao mesmo tempo”.	“Imagem? Foi a guerra aqui (apontando para a imagem central de explosão) essa imagem da guerra, que eu acho que é o assunto principal do texto, foi uma dominação, é foi essa imagem assim de luta de guerra, tal, que me chamou atenção. É, porque você abre o texto, você abre a página, e vê que o texto vai falar de alguma coisa assim de guerra, você não sabe o que é, mas você vê que é alguma coisa assim que informa de alguma maneira”.	Destaque para as imagens relacionadas com suas respectivas legendas. A cor amarela forte da explosão se destaca.
PP2 Infográfico Che	“As gravuras que tem cor mais presente como as do fogo (apontando para as cores amarelas de explosão na página). Atração mesmo, as cores vibrantes”.	“As cores vibrantes”	Destaque para imagens de cores fortes, sobretudo o amarelo da explosão.
PP3 Infográfico Super Maratona	“Foi mais o assunto, que trouxe, me fez lembrar de matérias que eu li, filme, e assim, tipo, a imagem mesmo, uma sequência de imagens que dá uma ilustração pro início do texto. Da imagem assim, mais o comportamento do corpo humano, né, em relação à atividade física, foi a primeira coisa que eu reparei”.	“Bom, eu acho que primeiro eu li a introdução, então eu já sabia mais ou menos o que ia tratar da atividade física, no caso de uma maratona, dessa corrida, corrida maluca e aí, depois só mesmo pra, nas imagens, só tive curiosidade de saber o que ele tinha falado na introdução: das dificuldades que se encontram e tal que é o que ele ta tratando nas imagens”	Destaque para as informações da introdução, relacionadas com as imagens.

<p>PP4 Infográfico Casa do Presidente</p>	<p>- “Ah, o desenho, né, é a primeira coisa que você olha. Porque é a parte que mais chama atenção. Tá mais centralizado, quando abre a página você vê isso, depois você vai ler pra ver do que se trata”.</p>	<p>“Primeiro o que é mais incomum, o auditório, essas coisas mais incomum, que não tem em casa normal”.</p> <p>E o fato de ta dividido assim chamou mais atenção? (conjoneid)</p> <p>“Chamou né, porque, mais fácil de visualizar”</p>		<p>Destaque para a imagem, que se posiciona no centro. Na imagem central, destacam-se as imagens menos comuns em uma casa.</p>
<p>PP5 Infográfico Bombardeio da Lua</p>	<p>- “Com certeza foi a, o espaço (apontando para toda a imagem), a figura.</p> <p>Foi, na verdade foi tudo (delimitando com a mão a imagem do foguete), o conjunto mesmo. Foi a primeira coisa, antes de ler o título, eu já imaginei o assunto pela imagem.</p> <p>É foi mais pro meio. É mais central mesmo”</p>	<p>“Foi o foguete separado. Sei lá, porque é grande, no meio. Todas essas coisas do espaço geralmente chamam atenção”.</p>		<p>Destaque para a imagem central, sobretudo o foguete.</p>
<p>PP6 Infográfico Tchau, Sujeira</p>	<p>- “Ué, o que me chamou a atenção foi a imagem assim, que ela fala um texto pequeno aqui (texto introdutório) falando sobre o que é, e depois mostra a imagem pra você entender melhor. Ah porque é assim, quando você se depara com uma coisa mais fácil de você entender, ai prefiro entender pela imagem”.</p>	<p>“Que eu observei primeiro? Foi essa parte aqui, do carro (apontando para o carro). E depois eu vi essa aqui (apontando para o filtro de ar, mais ao centro da imagem do infográfico) esse zoom aqui”.</p>	<p>“As maiores primeiro: Tem mais um aqui (apontando para a imagem da legenda que trata da roupa antifedor, abaixo no infográfico) como se fosse dentro do ônibus e desse caminhão aqui (apontando para o caminhão de lixo à direita da imagem do infográfico”.</p>	<p>Destaque para a imagem central maior e suas ampliações – compoued – chamadas de zooms pelo participante.</p>

Itens 3 e 4 – Percurso de leitura – Hipertextualidade e Processos do visual

Participante	Perguntas					Resumo explicativo
	Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final?	Infográfico o Che Guevara: Você seguiu os números nas legendas	Infográfico Supermaraton a Alguma etapa da supermaratona é colocada como mais importante do que as outras?	Infográfico o Casa do presidente Você seguiu a numeração das legendas?	Infográfico A missão que vai bombardear a Lua Se o foguete fosse explicado com todas as partes juntas seria mais fácil ou mais difícil de entender?	
	Respostas					
PP1 Infográfico Che	“Foi aqui no 1 (legenda 1), eu segui a (aponta para a numeração sequencial dos números das legendas). Comecei aqui (legenda 1) depois 2, 3, 4, 5, 6, 7 8, 9, 10 e (virando a página 11)”	“Isso”				Seguiu a numeração linear sugerida no infográfico, o que era esperado para o infográfico linho do tempo.

<p>PP2 Infográfico Che</p>	<p>“Comecei pelo título, depois fui seguindo pelos números “(das legendas)</p>	<p>“Segui.”</p>		<p>Seguiu a numeração linear sugerida no infográfico, o que era esperado para o infográfico linha do tempo.</p>
<p>PP3 Infográfico Super Maratona</p>	<p>“Por aqui, (apontando para o início do infográfico, abaixo do texto introdutório). Eu fiz essa sequência (o início do infográfico abaixo do texto introdutório) como se fosse uma linha de pensamento. Continuei aqui embaixo (legendas da parte da natação), numa sequência normal de leitura, pra baixo da esquerda para a direita. Aí eu passei para o ciclismo, do ciclismo eu passei pra aqui em cima (informações na parte superior da 2ª página do infográfico) depois eu terminei na corrida. Li, sequência normal, li primeiro.”</p>		<p>“Como mais importante, não, deu pra ver que elas têm diferenças, né, Por exemplo, no ciclismo ela fala que ela é uma etapa que apesar de ser muito longa não aquece, mas assim eu não acho que nenhuma foi mais importante mesmo, só as diferenças mesmo de exigência de cada etapa”.</p>	<p>Seguiu uma sequência típica, da esquerda para a direita e de baixo para cima, mesmo em um infográfico organizado na estrutura conceitual classificacional Os participantes subordinados se mantiveram no mesmo nível de hierarquia.</p>

<p>PP4 - Infográfico Casa do Presidente</p>	<p>Pelo começo (apontando para o texto introdutório)</p> <p>Eu fui lendo (apontando para o texto introdutório) e aí quando falava de algum detalhe eu procurava aqui (na imagem central, casa do presidente, do infográfico) depois eu fui lendo (apontando para as legendas abaixo da figura central)</p>		<p>“Sim”</p>		<p>Criou uma sequência multilinear, alternando entre a leitura do texto introdutório e a imagem, quando encontrava relação entre ambas. Seguiu a numeração das legendas ao lê-las.</p>
<p>PP5 - Infográfico Bombardeio da Lua</p>	<p>“Eu comecei pelo título. Comecei aqui (texto introdutório abaixo do título) depois eu li as...” (apontando para as legendas em ordem de numeração).</p>		<p>“Eu acho que seria mais difícil, né, assim você tem a noção... Porque geralmente os foguetes se dividem no espaço”.</p>	<p>Seguiu uma sequência típica da esquerda para a direita, além de seguir a sequência numérica das legendas. Aprovou o uso do conjoined.</p>	
<p>PP6 - Infográfico Tchou, Sujeira</p>	<p>“Eu comecei por aqui (texto introdutório) e depois fui lendo aqui (as legendas). (Ele indicou a sequência esquerda/direita e do alto para baixo na leitura das legendas, que não possuem numeração)”</p>		<p>Seguiu uma sequência típica da esquerda para a direita, inclusive para ler as legendas, que não possuem numeração.</p>		

Item 5 – Legibilidade do design

Participantes	Perguntas			Resumo explicativo
	Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?	Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?	Infográfico Che Guevara: Você parou em cada legenda para ler o texto?	
Respostas				
PP1 Infográfico Che	“Eu acho que ia ser mais difícil, porque o texto tem uma sequência de dados e de informações. É como se fosse uma história assim, foi o que eu entendi. Eu acho que ia ser mais difícil sim de entender”.	“Não. Acho que deu pra entender, sim. É deu pra entender”.	“Fui na sequência mesmo”. (Parou)	Não apresentou objeções na leitura. Considera necessária a leitura na sequência proposta pelo infográfico. Lê por estágios, ao parar em cada legenda.
PP2 Infográfico Che	“O entendimento ia ficar um pouco defasado, depois que você lesse tudo, você ia pegar a história pela metade e não ia ter um entendimento linear”.	“Não. Tranquilo”.	“Cada legenda eu observava”.	Não apresentou objeções na leitura. Considera necessária a leitura na sequência proposta pelo infográfico. Lê por estágios, ao parar em cada legenda.

<p>PP3 Infográfico Super Maratona</p>	<p>- “Eu creio que sim, porque eu não li essa sequência de imagens (sequência de natação, bicicleta e corrida, abaixo na página) mesmo, li essa parte (informações na parte superior da 2ª página do infográfico) antes de corrida, no meio aqui e assim é, a interpretação foi a mesma. Não ia fazer diferença, a informação dá pra ligar uma coisa com a outra”.</p>	<p>“Não tá bem explicado assim, tem nada que precise, pelo menos na sequência que eu li, não tive dúvidas não, deu pra entender a intenção mesmo”.</p>	<p>Não apresentou objeções na leitura. Considera possível outros percursos de leitura, além do produzido por ele.</p>
<p>PP4 Infográfico Casa do Presidente</p>	<p>- “Acredito que sim, sei lá, mais ou menos cada parte fala de um lugar, então não é sequencial, eu achei , se quiser ler primeiro isso aqui (apontando para as legendas abaixo da figura central), aqui fala mais dos cômodos, aqui fala das características da casa, essas coisas assim. Não precisa ler em ordem”.</p>	<p>“Acho que não. A única coisa que eu não achei foi o campo de futebol, só isso”.</p>	<p>Deveria haver paralelismo entre as informações do texto introdutório e as imagens, pois não encontrou o campo de futebol, por exemplo, citado na introdução. Considera possível outros percursos de leitura.</p>
<p>PP5 Infográfico Bombardeio da Lua</p>	<p>- “Sim, se eu começasse, tivesse lido isso aqui primeiro (legendas) é sim. Porque eu ia ler uma coisa do final depois eu, quando eu lesse o começo (gesticulando) ia fazer uma lógica”.</p>	<p>“Não, acho, eu entendi tudo”.</p>	<p>Não apresentou objeções na leitura. Considera possível outros percursos de leitura.</p>
<p>PP6 Infográfico Tchou, Sujeira</p>	<p>- “Não eu acho que essa parte aqui (texto introdutório) eu teria que ter lido antes né? Pra entender do que se trata. E depois aqui (legendas) a ordem tanto faz”.</p>	<p>“Que eu não entendi, não. Não é um vocabulário difícil e foi bem conectado aqui, tudo pra facilitar a leitura”.</p>	<p>Considera necessário iniciar a leitura pelo texto introdutório, mas é possível outros percursos na leitura das</p>

			legendas. Sem objeções na leitura.
--	--	--	---

Item 6 - Percepção da integração entre os modos

Participantes	Pergunta		Resumo explicativo
	Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações? E sem o texto escrito?		
	Respostas		
PP1 Infográfico Che	-	(sem as imagens) “Mais difícil”. (sem texto escrito) “Olha, ia dá pra entender que fala de, assim, não ia dá pra entender era da guerra de Cuba, não ia dá pra entender isso, de quem se tratava não Ia dá pra entender, mas acho que ia dá pra saber, sim mais ou menos de que ia se tratar. Sim pode colocar que sim”.	Hesita ao afirmar que o texto escrito é dispensável. Transparece ser necessário ambos, verbal e visual.
PP2 Infográfico Che	-	(sem as imagens) “As imagens ajudam.” (sem texto escrito) “Não ia dar nada. Ia ser uma única cena.”	Aponta a necessidade do texto verbal juntamente da imagem.
PP3 Infográfico Super Maratona	-	(sem as imagens) “Seria mais difícil. Eu achei muito mais fácil visualizar qualquer texto assim, um assunto que você trata com a imagem fica mais fácil de você fazer conexões”. (sem texto escrito) “Daria, assim sem o texto (introdução)”? (Pesquisador: Sem nenhum texto escrito.) “Não, aí eu acho que ficaria um pouco difícil, porque você não tem muita noção do que ele ta querendo representar com a imagem, pode ser várias coisas”.	Aponta a necessidade do texto verbal junto à imagem, que é indispensável. Reconhece que modo visual representa informações diferentes das do modo verbal: “você não tem muita noção do que ele ta querendo representar com a imagem”
PP4 Infográfico Casa do Presidente	-	(sem as imagens) “Mais difícil, né, até você montar tudo” (fazendo gestos sobre a cabeça, indicando que se monta tudo na cabeça). (sem texto escrito) “Ia ser mais, é mais fácil só ver a imagem do que só ler o texto, só que é melhor os dois juntos”.	Reconhece a necessidade de haver ambos os modos: verbal e visual.

<p>PP5 Infográfico Bombardeio da Lua</p>	<p>- (sem as imagens) “Mais difícil”.</p> <p>(sem texto escrito) “Mais difícil”.</p> <p>(Pesquisador: Então resumindo, você acha que precisa dos dois?)</p> <p>“Acho que precisa dos dois. Porque a imagem ajuda a visualizar, porque geralmente quando a gente lê alguma coisa sem a imagem a gente cria uma imagem na nossa cabeça (gesticulando sobre a cabeça), e às vezes não é a coisa certa. Igual livro e filme”.</p>	<p>Reconhece a necessidade de haver ambos os modos: verbal e visual. E aponta a vocação da imagem de representar de modo diferente do verbal.</p>
<p>PP6 Infográfico Tchau, Sujeira</p>	<p>- (sem as imagens) “Ia ser mais difícil. Ia ser mais trabalhoso você imaginar uma coisa, sendo que já tem aqui pronto, só você olhar, né?”</p> <p>(sem texto escrito) “Aí eu não ia entender nada”.</p> <p>(Pesquisador: Então resumindo, você acha que precisa dos dois?)</p> <p>“É, tem as duas, uma completa a outra.”</p>	<p>Reconhece a necessidade de haver integração entre ambos os modos: verbal e visual.</p>

APÊNDICE II

Transcrição na íntegra dos protocolos verbais

Participante 1

Infográfico 9- Che Guevara

Duração da leitura: 4 min 50s

Localização da página: rápida e sem dificuldades.

Descrição da leitura:

Assim que abriu a página, iniciou a leitura do texto escrito. Não observou as imagens. Leu o título e subtítulo primeiro. Iniciou a leitura da legenda 1, apontando com o dedo indicador onde estava lendo. Fez um comentário da primeira legenda. Fez um comentário sobre a segunda legenda. Parou de apontar com o dedo. Continua lendo as legendas na ordem. Não se ateu à leitura do mapa de Cuba na primeira página abaixo. Passa para a segunda página do infográfico. Faz o movimento com a cabeça. Continua seguindo a ordem das legendas. Volta a apontar com os dedos. Terminou a segunda página. Virou para a terceira página. Leu a última legenda. Perguntei se desejava olhar mais alguma coisa. Ela escaneia a segunda página. Lê mais algumas partes da segunda página. Diz que terminou.

Respostas às perguntas:

Participante: Tá falando que eles foram pra guerrilha, com poucos homens e agora tem bastante pessoas. No caso desse Ernesto aqui, ele foi pra essa mata pra guerrear contra os cubanos no caso?

Pesquisador: É isso que você entendeu?

Participante: É isso que eu entendi.
(Terminou a leitura)

Pesquisador: Pergunta 1

Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?

Participante 1: Já assim, eu estudei sobre Fidel Castro, quando eu tava na escola, no ensino médio, e sobre o Che Guevara eu aprendi um pouco quando fiz vestibular.

Pesquisador:

E o texto dessa maneira, com imagens?

Participante 1:

Não, não nunca tinha lido não.

Pesquisador:

É difícil?

Participante 1:

Não, acho legal assim, dá pra acompanhar o raciocínio, é ilustrativo.

Pesquisador:

Esse texto se chama infográfico

Pesquisador: Pergunta 2

Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?

Participante 1:

As ilustrações, o texto e a maneira como o texto ta disposto assim, por exemplo, aqui ó, (legenda 1) a imagem ta relacionada com o texto assim, por exemplo, aqui (legenda 1) ta falando de uma coisa e tem a imagem relacionada com esse texto, então você acaba, parece que é um caminho assim (aponta para o caminho da sequência entre as legendas), que você segue até o final da história e você vai vendo a imagem e o que ta acontecendo ao mesmo tempo.

Pesquisador: Pergunta 3

Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura?

Participante 1:

Foi aqui no 1 (legenda 1), eu segui a (ela aponta para a numeração sequencial dos números das legendas).

Pesquisador:

Você seguiu qual parte? Você aponta pra mim?

Participante 1:

Comecei aqui (legenda 1) depois 2, 3, 4, 5, 6, 7 8, 9, 10 e (virando a página 11)

Pesquisador: Pergunta 4

Você seguiu os números nas legendas?

Participante 1:

Isso

Pesquisador: Pergunta 5

Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?

Participante 1:

Eu acho que ia ser mais difícil, porque o texto tem uma sequência de dados e de informações. É como se fosse uma história assim, foi o que eu entendi. Eu acho que ia ser mais difícil sim de entender.

Pesquisador: Pergunta 6

Você parou em cada legenda para ler o texto?

Participante 1:

Fui na sequência mesmo. (Parou)

Pesquisador: Pergunta 7

Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?

Participante 1:

Imagem? Foi a guerra aqui (apontando para a imagem central de explosão) essa imagem da guerra, que eu acho que é o assunto principal do texto, foi uma dominação, é foi essa imagem assim de luta de guerra, tal, que me chamou atenção.

Pesquisador:

A imagem mais central, né?

Participante 1:

É, porque você abre o texto, você abre a página, e vê que o texto vai falar de alguma coisa assim de guerra, você não sabe o que é, mas você vê que é alguma coisa assim que informa de alguma maneira.

Pesquisador: Pergunta 8

Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?

Participante 1:

Não. Acho que deu pra entender, sim. É deu pra entender.

Pesquisador: Pergunta 9

O que tornou a leitura do infográfico fácil? Por quê?

Participante 1:

É deixa eu ver, eu acho que a maneira como ta disposta as informações no texto e eu acho que a ilustração ajudou sim a entender o texto.

Pesquisador: Pergunta 10

Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?

Participante 1:

Eu acho que sim, com as informações que tão aqui dá pra entender o que fala o texto, sim.

Pesquisador: Pergunta 11

De que trata o infográfico?

Participante 1:

Ele fala do, de Fidel, né, comandava sua batalha que foi dominar essa região aqui (apontando pro infográfico) e como eu entendi, quando ele chegou aqui nessa guerra, ele mandou esse Cienfuegos tomar a cidade e o outro dominar a Santa Clara e acabaram que eles ganharam a dominação da região. Foi isso que eu entendi.

Pesquisador: Pergunta 12

Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações?

Participante 1:

Mais difícil.

Pesquisador:

E sem o texto escrito?

Participante 1

Olha, ia dá pra entender que fala de, assim, não ia dá pra entender era da guerra de Cuba, não ia dá pra entender isso, de quem se tratava não ia dá pra entender, mas acho que ia dá pra saber, sim mais ou menos de que ia se tratar. Sim pode colocar que sim.

Pesquisador: Pergunta 13

Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?

Participante 1

Olha eu acho que além de contar a história, assim, como aconteceu quando ele colocou essas imagens com os textos relacionados, acho que ele queria causar uma impressão mesmo no leitor. O que aconteceu assim. Você vê que tem várias pessoas machucadas. Acho que ele queria, o texto não fala muito que as pessoas ficaram machucadas, mas se você olhar as imagens você vê que aconteceu isso, sem ele te informar isso deu pra perceber. Ele mostrou, contou a história de uma maneira diferente, não só escreveu. Acho que sim, acho que conseguiram (alcançar o objetivo)

Pesquisador: Pergunta 14

O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?

Participante 1

Eu acho que ele só expõe a história. Eu não percebi não. Eu acho que ele queria só relatar o acontecido. Eu acho que ele queria causar, assim o leitor tivesse a sua impressão sobre o assunto, acho que ele queria isso: que o leitor percebesse, no caso aqui, o que tava acontecendo e assim, ele mesmo tomasse uma opinião, mostrou o assunto e acho que ele pediu o leitor pra refletir sobre o que tava acontecendo. Foi o que eu entendi.

Pesquisador:

Mais alguma coisa que você queira comentar sobre o texto?

Participante 1

Achei interessante também esse mapa aqui (mapa de Cuba posicionado no lado esquerdo e abaixo na primeira página do infográfico) que ele colocou pra mostrar assim onde que ocorreu exatamente.

Pesquisador:

O fato de ele vir nessa parte da página, ter essa divisão, você estranho ou acha que é normal? Não vai atrapalhar a leitura, não?

Participante 1

Não acho que não ia atrapalhar, não, porque aqui (no mapa referido na resposta anterior) ele deu uma visão global da onde que fica ao lugar e aqui (restante do infográfico) ele focou mais assim. Não, acho que ta ok. Gostei desse texto.

Participante 2
Infográfico 9- Che Guevara

Duração da leitura: 3 min 20s
Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura:

Esperou meu comando. Escaneou a página e começou a leitura pelo título e subtítulo. Iniciou-a em voz alta. Interrompi-o e disse que poderia ler em silêncio. Ele fez isso. Passou para a legenda 1. Pelos movimentos dos olhos, seguiu a leitura das legendas em ordem numérica. Não se ateu à leitura do mapa de Cuba na primeira página abaixo. Passou para a segunda página. Continua lendo as legendas na ordem numérica. Movimenta a cabeça, buscando a próxima legenda depois da 6, provavelmente porque ela não continua abaixo, como até então, a legenda 7 está acima dessa vez. Passa à legenda 8, 9 e 10 no fim da página. Não vira a página e não a lê portanto, não o avisei.

Respostas às perguntas:

Pesquisador: Pergunta 1

Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?

Participante 2:

Já, mas sem frequência, conheço.

Pesquisador:

Esse texto se chama infográfico.

Pesquisador: Pergunta 2

Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?

Participante 2:

As gravuras.

Pesquisador:

Quais?

Participante 2:

As gravuras que tem cor mais presente como as do fogo (apontando para as cores amarelas de explosão na página)

Pesquisador:

Por que você acha que foi assim?

Participante 2:

Atração mesmo, as cores vibrantes.

Pesquisador: Pergunta 3

Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final?

Participante 2

Comecei pelo título, depois fui seguindo pelos números (das legendas)

Pesquisador: Pergunta 4

Para confirmar, você seguiu os números nas legendas?

Participante 2:

Segui.

Pesquisador: Pergunta 5

Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?

Participante 2:

O entendimento ia ficar um pouco defasado, depois que você lesse tudo, você ia pegar a história pela metade e não ia ter um entendimento linear.

Pesquisador:

Você ia ter que juntar tudo depois.

Participante 2:

Sim.

Pesquisador:

Linear assim é mais fácil?

Participante 2:

Com certeza!

Pesquisador: Pergunta 6

Você parou em cada legenda para ler o texto?

Participante 2:

Cada legenda eu observava.

Pesquisador: Pergunta 7

Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?

Participante 2:

As cores vibrantes (como já havia respondido antes).

Pesquisador: Pergunta 8

Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?

Participante 2:

Não. Tranquilo.

Pesquisador: Pergunta 9

O que tornou a leitura do infográfico fácil?

Participante 2:

O conhecimento prévio do assunto.

Pesquisador:

O jeito das informações estarem no texto facilitou também?

Participante 2:

As imagens só tornam a leitura mais dinâmica, mais agradável

Pesquisador: Pergunta 10

Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?

Participante 2:

Não.

Pesquisador: Pergunta 11

De que trata o infográfico?

Participante 2:

Che Guevara. A Revolução Cubana. Ele e o Fidel Castro e o Fulgêncio Batista? (consultando o infográfico) não, o Cienfuegos, a tomada de cidades, como começou o movimento da revolução e como terminou, não como terminou, não, mas como se deu a Revolução Cubana. (virou a página)

Pesquisador: Pergunta 12

Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações?

Participante 2:

As imagens ajudam.

Pesquisador:

E sem o texto escrito?

Participante 2

Não ia dar nada. Ia ser uma única cena.

Pesquisador: Pergunta 13

Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico?

Participante 2

Ah! Passar informações de uma forma mais dinâmica, mais interativa.

Pesquisador:

Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?

Participante 2

Acho que sim.

Pesquisador:

Você preferiria ler um texto assim ou só escrito?

Participante 2

Assim.

Pesquisador: Pergunta 14

Você confia nas informações desse infográfico? Por quê?

Participante 2

Confio. Eu não lembro muito bem como se deu a Revolução Cubana, mas acho que foi mais ou menos isso, falta alguns detalhes, mas acho que foi isso.

Pesquisador:

Pra quem não conhece nada sobre a Revolução Cubana, ele aprenderia muito com esse texto?

Participante 2

Ia aprender o básico.

Pesquisador:

O objetivo deles seria isso então?

Participante 2

Aprender o básico.

Pesquisador: Pergunta 15

O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?

Participante 2

Não sei porque a revista tem dois pontos de vista porque dizem que Cienfuegos foi morto por Fidel Castro e se estivesse aqui poderia causar uma contradição.

Pesquisador:

Ela apresenta só um ponto de vista?

Participante 2

É, só um ponto de vista. A Revolução Cubana, tipo idealizando a revolução Cubana. Idealiza. Porque eles não mostram a parte do ditador, não mostram o porquê da revolução

Pesquisador:

Então algumas informações faltam?

Participante 2

Faltam.

O pesquisador lhe explica que o infográfico é uma introdução a uma reportagem maior que conta os dois pontos de vista sobre Che Guevara.

Participante 2

Pra quem tem preguiça de ler isso aqui é melhor. Eu tenho preguiça de ler.

Pesquisador:

Para o leitor iniciar a reportagem seria melhor com infográfico?

Participante 2

Chamar atenção, né? Pra ter interesse sobre saber mais o que aconteceu.

Pesquisador:

Gostou do texto?

Participante 2

Gostei, queria ler a reportagem toda.

Participante 3**Infográfico 1- Super Maratona**

Duração da leitura: 4 min 26

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura:

Inicia a leitura pelo título e texto introdutório. Não observa a página inteira. Inicia a leitura do infográfico, a parte das imagens, na primeira página, mas não a segue horizontalmente, passando para a segunda página, lendo a parte de cima “Uma verdadeira maratona”. As legendas da primeira página são lidas da esquerda para a direita. Parece ter lido toda a parte que fala sobre Ciclismo antes de mudar de página. Antes de passar para a segunda página, pergunta se é para ler as duas páginas. Digo que sim. Volta a escanear a primeira página. Observa horizontalmente a parte inferior do infográfico, movimentando a cabeça da esquerda para a direita e vice-versa. Termina a leitura, fazendo comentários e conexões entre um filme que assistiu sobre manipulação genética e atividades físicas que faz.

Respostas às perguntas:**Pesquisador: Pergunta 1**

Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?

Participante 3

Já. Já li alguns textos assim parecidos na estrutura, não exatamente nesse tema, mas na estrutura que tem, né, diagrama, imagens; pode dizer que sim (lê com frequência) internet, revista, jornal.

Pesquisador: Pergunta 2

Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?

Participante 3:

Foi mais o assunto, que trouxe, me fez lembrar de matérias que eu li, filme, e assim, tipo, a imagem mesmo, uma sequência de imagens que dá uma ilustração pro início do texto.

Pesquisador:

Por que você acha que foi assim, as imagens chamarem mais a atenção?

Participante 3:

Da imagem assim, mais o comportamento do corpo humano, né, em relação à atividade física, foi a primeira coisa que eu reparei.

Pesquisador: Pergunta 3

Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura?

Participante 3:

Por aqui, (apontando para o início do infográfico, abaixo do texto introdutório).

Pesquisador:

Depois passou para qual parte até chegar ao final?

Participante 3

Eu fiz essa sequência (o início do infográfico abaixo do texto introdutório) como se fosse uma linha de pensamento. Continuei aqui embaixo (legendas da parte da natação), numa sequência normal de leitura, pra baixo da esquerda para a direita. Aí eu passei para o ciclismo, do ciclismo eu passei pra aqui em cima (informações na parte superior da 2ª página do infográfico) depois eu terminei na corrida.

Pesquisador:

E esse texto aqui? (Texto introdutório)

Participante 3

Li, sequência normal, li primeiro.

Pesquisador: Pergunta 4

Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?

Participante 3

Eu creio que sim, porque eu não li essa sequência de imagens (sequência de natação, bicicleta e corrida, abaixo na página) mesmo, li essa parte (informações na parte superior da 2ª página do infográfico) antes de corrida, no meio aqui e assim é, a interpretação foi a mesma. Não ia fazer diferença, a informação dá pra ligar uma coisa com a outra.

Pesquisador:

Se você tivesse lido essa parte toda primeiro (infográfico sem texto introdutório) e depois o essa parte aqui (texto introdutório) ia atrapalhar?

Participante 3

No final das contas, eu acho que não, mas é lendo essa (texto introdutório) dá pra adiantar mais ou menos o que eu vou encontrar nas figuras, né? De exemplificação, agora se eu tivesse

visto as figuras primeiro, não ia alterar muito a interpretação do assunto. Não ia fazer muita diferença.

Pesquisador:

As mesmas informações que têm aqui (texto introdutório), estão aqui (infográfico sem texto introdutório)?

Participante 3

Não exatamente, mas na verdade é como se isso aqui (sequência de natação, bicicleta e corrida, abaixo na página) fosse mais um detalhamento mesmo, um aprofundamento, como se fosse uma introdução geral assim sobre o tema, o que é, o que vai tratar mesmo a matéria.

Pesquisador: Pergunta 5

Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?

Participante 3

O que chama mais atenção foi a imagem do ciclismo, mas eu não sei se é por causa da cor, que eu sou muito assim, puxo muito pro azul, rosa assim.

Pesquisador:

Você acha que por ela tá no centro?

Participante 3

Pode ser, pode ser também, tentando ver a matéria como um todo, acho que tem a tendência de olhar mais pro meio.

Pesquisador: Pergunta 6

Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?

Participante 3

Não tá bem explicado assim, tem nada que precise, pelo menos na sequência que eu li, não tive dúvidas não, deu pra entender a intenção mesmo.

Pesquisador:

Você achou fácil então?

Participante 3

Achei!

Pesquisador: Pergunta 7

O que tornou a leitura do infográfico fácil? Por quê?

Participante 3

Bom, eu acho que primeiro eu li a introdução, então eu já sabia mais ou menos o que ia tratar da atividade física, no caso de uma maratona, dessa corrida, corrida maluca e aí, depois só mesmo pra, nas imagens, só tive curiosidade de saber o que ele tinha falado na introdução: das dificuldades que se encontram e tal que é o que ele tá tratando nas imagens.

Pesquisador:

Essas pequeninas aqui, você chegou a observar? (Imagens abaixo das imagens maiores de natação, bicicleta e corrida tratando das calorias perdidas)

Participante 3

Cheguei, mas eu vi assim, só de uma forma geral, eu entendi que seria aquele, o que o atleta deveria precisar, né, pra poder vencer essa etapa, em termo de alimentação, mas não tive muito interesse assim, não é uma coisa que eu vá fazer, então.

Pesquisador: Pergunta 8

Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?

Participante 3

Não, pra entender não, só se eu quiser saber mais, porque de maneira geral o texto tá bom.

Pesquisador: Pergunta 9

De que trata o infográfico?

Participante 3

Ele trata do limite do corpo humano, é no caso limite que é testado nessa corrida, nessa maratona, assim, no geral, assim resumindo bem seria isso, o limite do corpo humano, o que tende o ser humano a fazer pra, o que o ser humano precisa pra vencer esses limites, essas etapas (apontando para as etapas da supermaratona representada no infográfico).

Pesquisador: Pergunta 10

Alguma etapa da supermaratona é colocada como mais importante do que as outras?

Participante 3

Como mais importante, não, deu pra ver que elas tem diferenças, né, Por exemplo, no ciclismo ela fala que ela é uma etapa que apesar de ser muito longa não aquece, mas assim eu não acho que nenhuma foi mais importante mesmo, só as diferenças mesmo de exigência de cada etapa.

Pesquisador: Pergunta 11

Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações?

Participante 3

Seria mais difícil. Eu achei muito mais fácil visualizar qualquer texto assim, um assunto que você trata com a imagem fica mais fácil de você fazer conexões.

Pesquisador:

E sem o texto escrito, daria pra entender?

Participante 3

Daria, assim sem o texto (introdução)?

Pesquisador:

Sem nenhum texto escrito.

Participante 3

Não, aí eu acho que ficaria um pouco difícil, porque você não tem muita noção do que ele tá querendo representar com a imagem, pode ser várias coisas.

Pesquisador: Pergunta 12

Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?

Participante 3

Acho que mostrar pra uma pessoa que não conhece a maratona, pra quem não tem informação específica ou pra uma pessoa que não conhece, não sabe como é o que acontece, dá uma ideia geral do que um atleta precisa pra passar por uma maratona, o que uma pessoa que percorre uma maratona faz, né, normalmente tem dificuldade, treinamento, assim, é, o que uma pessoa é capaz de fazer mesmo. Acho que sim. (alcançaram esse objetivo)

Pesquisador: Pergunta 13

Você confia nas informações desse infográfico? Por quê?

Participante 3

Bom, como eu não tenho nenhuma referência anterior, até o momento eu vou confiar, a menos que eu precisasse pesquisar mesmo, ter uma informação eu me deparasse com uma fonte mais confiável.

Pesquisador: Pergunta 14

O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?

Participante 3

Eu acho que talvez ele tenha deixado assim um pouco, como eu posso dizer, um pouco de surpresa assim, é admiração por uma pessoa que consegue vencer tudo isso, porque ele aborda muito essas partes, todas as partes que tendem a dificultar que você consiga fazer uma maratona, então é, pra uma pessoa que consegue dar a volta ao mundo e por exemplo passar por tudo isso, por essas dificuldades, então eu acho que transparece um pouco de admiração mesmo. Quem consegue fazer isso, é muito boa.

Pesquisador

O título é uma pergunta: o que acontece com o corpo de quem disputa uma supermaratona? Você acha que ele responde e ainda coloca essa pontinha de admiração?

Participante 3

Sim, é isso. Na verdade assim, é, ele poderia colocar algumas coisa que uma pessoa que faz uma maratona fortalece o corpo, ela tem um raciocínio rápido, em termo assim de ela ter alguma dificuldade inesperada, aí eu acho que não aborda muito assim, no caso o que acontece assim no corpo, mas mesmo na parte assim as dificuldades que tende a prejudicar e não outros pontos.

Participante 4
Infográfico 3 Casa do Presidente

Duração da leitura: 05 min 27 s
Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura:

Assim que abre a página, olha para o título, volta-se para a imagem central. Pergunta se é para ler tudo, respondo que sim e que observar antes. Escaneia toda a página, começa pelo centro e passa para a parte de baixo, no movimento da esquerda para a direita, volta-se para a parte superior. Pergunta sobre que tipo de comentários precisaria fazer. Digo que sobre o texto, mas que não seriam obrigatórios. Volta-se para o texto introdutório. Inicia a leitura. Faz movimentos com a cabeça do texto introdutório que está lendo, na esquerda, para a direita em direção à imagem central, faz isso dez vezes entre olhadas rápidas e mais demoradas, quando buscava informações na imagem, provavelmente sobre o que leu no texto introdutório. Terminado o texto introdutório, inicia a leitura das legendas na parte inferior da revista. Passa para as legendas da segunda página, também posicionadas abaixo. Volta a escanear a imagem central. Volta a ler as legendas da segunda página. Lê todas. Observa ligeiramente na parte superior da segunda página as imagens e legenda “Arte executiva”. Olha mais atentamente para essa parte.

Respostas às perguntas:

Pesquisador: Pergunta 1

Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?

Participante 4

Já, quando vai apresentar detalhes, tipo um hotel de algum lugar, uma pousada. De vez em quando.

Pesquisador:

Chamamos esse texto de infográfico.

Pesquisador: Pergunta 2

Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?

Participante 4

Ah, o desenho, né, é a primeira coisa que você olha. Porque é a parte que mais chama atenção. Tá mais centralizado, quando abre a página você vê isso, depois você vai ler pra ver do que se trata.

Pesquisador: Pergunta 3

Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final?

Participante 4

Pelo começo (apontando para o texto introdutório)

Pesquisador:

Depois passou para qual parte até chegar ao final?

Participante 4

Eu fui lendo (apontando para o texto introdutório) e aí quando falava de algum detalhe eu procurava aqui (na imagem central, casa do presidente, do infográfico) depois eu fui lendo (apontando para as legendas abaixo da figura central)

Pesquisador: Pergunta 4

Você seguiu a numeração das legendas?

Participante 4

Sim.

Pesquisador: Pergunta 5

Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?

Participante 4

Acredito que sim, sei lá, mais ou menos cada parte fala de um lugar, então não é sequencial, eu achei, se quiser ler primeiro isso aqui (apontando para as legendas abaixo da figura central), aqui fala mais dos cômodos, aqui fala das características da casa, essas coisas assim. Não precisa ler em ordem.

Pesquisador: Pergunta 6

Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?

Participante 4

Primeiro o que é mais incomum, o auditório, essas coisas mais incomum, que não tem em casa normal.

Pesquisador:

E o fato de ta dividido assim chamou mais atenção? (conjoneid)

Participante 4

Chamou né, porque, mais fácil de visualizar

Pesquisador: Pergunta 7

Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?

Participante 4

Acho que não. A única coisa que eu não achei foi o campo de futebol, só isso.

Pesquisador:

O texto fala em campo de futebol?

Participante 4

Fala.

Pesquisador:

Não mostra, né?

Participante 4

Não.

Pesquisador:

Então nem todas as coisas que falam aqui está na figura?

Participante 4

Não.

Pesquisador:

Você achou a leitura fácil?

Participante 4

Achei (fácil) não tem dificuldade. Eu tenho dificuldade até pra entender, mas esse texto foi fácil, com a imagem junto

Pesquisador: Pergunta 8

O que tornou a leitura do infográfico fácil? Por quê?

Participante 4

Eu podia associar, (fazendo gestos que lembrava junção) toda hora que eu lia eu já procurava aqui.

Pesquisador: Pergunta 9

Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?

Participante 4

Não só as que tão aqui (já bastam)

Pesquisador: Pergunta 10

De que trata o infográfico?

Participante 4

Fala como que é o palácio da alvorada, por dentro. (apontando para a imagem)

Pesquisador:

O título é uma pergunta Como é a casa do Presidente? Você acha que o texto responde?

Participante 4

A casa dele mesmo falou que aqui só (apontando a parte superior do conjoined, último andar do palácio), que é onde fica ele, os hóspedes e tal, a família.

Pesquisador:

As outras partes são o quê?

Participante 4

Recepção do povo, auditório.

Pesquisador: Pergunta 11

Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações?

Participante 4

Mais difícil, né, até você montar tudo (fazendo gestos sobre a cabeça, indicando que se monta tudo na cabeça).

Pesquisador:

E sem o texto escrito?

Participante 4

La ser mais, é mais fácil só ver a imagem do que só ler o texto, só que é melhor os dois juntos.

Pesquisador: Pergunta 12

Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?

Participante 4

Não sei. Talvez meio que falar que mora muito bem, sabe essas coisas assim, meio que até pra quem lê: “nossa tudo isso pra que, não precisa disso tudo, talvez é isso. Eu não sei né? Conseguiram (alcançar esse objetivo)

Pesquisador: Pergunta 13

Você confia nas informações desse infográfico? Por quê?

Participante 4

Ué, confio, porque talvez, é uma revista que tem grande circulação. A revista tem credibilidade com todo mundo.

Pesquisador: Pergunta 14

O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?

Participante 4

Então, acho que sim, né, porque se ele ta mostrando que tem muita coisa assim, talvez até que, vive muito bem, tem vida boa de mais, esse é o ponto de vista.

Pesquisador:

Essas partes do texto, (periféricos) você leu depois?

Participante 4

Essa aqui até que não. (parte no canto superior direito da segunda página do infográfico “Arte executiva”).

Pesquisador:

Você não leu?

Participante 4

Não.

Pesquisador:

Você acha que é a posição em que ele se encontra na página? Talvez não chamou tanta atenção?

Participante 4

É talvez, não tava menos claro.

Participante 5

Infográfico 4 Bombardeio da Lua

Duração da leitura: 2 min 46s

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura:

Observa toda a página. Inicia a leitura apelo título e texto introdutório. Olha rapidamente para a imagem. Volta a ler o texto introdutório. Inicia a leitura das legendas, da primeira, á esquerda em direção à direita, observa imagem central. Continua lendo as legendas e observando a imagem central. Às vezes por muito tempo, às vezes rapidamente. Lê a última legenda na parte superior da segunda página.

Respostas às perguntas:

Pesquisador: Pergunta 1

Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?

Participante 5

Já, bastante. (leitora com certa frequência, pois recebe a revista esporadicamente em casa).

Pesquisador: Pergunta 2

Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?

Participante 5

Com certeza foi a, o espaço (apontando para toda a imagem), a figura.

Pesquisador:

Qual figura? Aponta pra mim.

Participante 5

Foi, na verdade foi tudo (delimitando com a mão a imagem do foguete), o conjunto mesmo. Foi a primeira coisa, antes de ler o título, eu já imaginei o assunto pela imagem.

Pesquisador:

Você apontou mais para o meio.

Participante 5

É foi mais pro meio.

Pesquisador:

Você acha que é porque é mais central?

Participante 5

É mais central mesmo.

Pesquisador: Pergunta 3

Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final?

Participante 5

Eu comecei pelo título. Comecei aqui (texto introdutório abaixo do título) depois eu li as (apontando para as legendas em ordem de numeração).

Pesquisador: Pergunta 4

Se o foguete fosse explicado com todas as partes juntas seria mais fácil ou mais difícil de entender?

Participante 5

Eu acho que seria mais difícil, né, assim você tem a noção... detalhes. Porque geralmente os foguetes se dividem no espaço.

Pesquisador: Pergunta 5

Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?

Participante 5

Sim, se eu começasse, tivesse lido isso aqui primeiro (legendas) é sim. Porque eu ia ler uma coisa do final depois eu, quando eu lesse o começo (gesticulando) ia fazer uma lógica.

Pesquisador: Pergunta 6

Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?

Participante 5

Foi o foguete separado. Sei lá, porque é grande, no meio. Todas essas coisas do espaço geralmente chamam atenção.

Pesquisador: Pergunta 7

Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?

Participante 5

Não, acho, eu entendi tudo.

Pesquisador:

Então você achou fácil ou difícil a leitura? Por quê?

Participante 5

Fácil. Eu acho que o vocabulário tá muito, não tá muito complicado, as siglas também eles explicam, mesmo que seja em inglês eu entendo, então eu não tive dificuldade, o vocabulário não tava muito exigente não.

Pesquisador: Pergunta 8

(O que tornou a leitura do infográfico fácil ou difícil? Por quê? – Foi feita logo antes) As imagens ajudam a ler esse texto?

Participante 5

Ajudam, as imagens ajudam a visualizar o que tá escrito aqui, quando você lê, você fica um pouco, aí na hora que você vai enxergar como que vai ser o... (foguete), ajudam.

Pesquisador: Pergunta 9

Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?

Participante 5

Não.

Pesquisador: Pergunta 10

De que trata o infográfico?

Participante 5

O assunto é saber se existe água na Lua. É o principal, o objetivo do foguete. Saber se existe água na Lua.

Pesquisador:

O texto conta o que disso?

Participante 5

Que a NASA vai buscar um meio de descobrir se existe água na Lua, aí como a parte escura da Lua, não vai ter como usar robô, porque não tem energia solar, então vai ter que bombardear mesmo pra ver se vai, ver da terra.

Pesquisador:

Essa informação de não ter energia solar, você lembra em qual parte do texto ela tá?

Participante 5

Tá aqui (apontando para o meio do texto introdutório).

Pesquisador:

E o foguete serve para quê nessa missão?

Participante 5

O foguete na Lua, bombardear a Lua lá 9000 Km, pra poder fazer uma fumaça, se tiver uma parte branca na fumaça é porque tem água.

Pesquisador: Pergunta 11

Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações?

Participante 5

Mais difícil.

Pesquisador:

E sem o texto escrito?

Participante 5

Mais difícil.

Pesquisador:

Então resumindo, você acha que precisa dos dois?

Participante 5

Acho que precisa dos dois. Porque a imagem ajuda a visualizar, porque geralmente quando a gente lê alguma coisa sem a imagem a gente cria uma imagem na nossa cabeça (gesticulando sobre a cabeça), e às vezes não é a coisa certa. Igual livro e filme.

Pesquisador:

E se fosse sem esse texto aqui (texto introdutório) só fosse essa parte (o infográfico com as imagens)? Por quê?

Participante 5

Aí ia faltar informação. Porque aqui fala do foguete, mas praticamente não explica porque não pode usar outro método.

Pesquisador:

Aqui (o infográfico com as imagens) só explica como o foguete funciona.

Participante 5

Só como o foguete funciona.

Pesquisador: Pergunta 12

Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?

Participante 5

O objetivo? Não sei, divulgar informação mesmo, informar. Acho que sim (alcançar o objetivo), porque eu pelo menos entendi, nunca tinha ouvido falar, nisso aí, já li como.

Pesquisador: Pergunta 13

Você confia nas informações desse infográfico? Por quê?

Participante 5

Eu confio, se tiver errado (rs). Por causa da fonte. (É leitora da revista)

Pesquisador: Pergunta 14

O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?

Participante 5

Deve ter, mas eu não consegui achar não. Porque todos os textos têm um ponto de vista, mesmo tentando ser o máximo de objetivo possível você acaba colocando alguma coisa.

Pesquisador:

E nesse texto ele tentou ser o máximo objetivo?

Participante 5

Tentou.

Pesquisador:

Essa imagem que tá aqui no canto (Superior direito da segunda página) você a observou por último ou não chamou tanta atenção?

Participante 5

Por último que eu li, na ordem (das legendas).

Pesquisador:

Você acha que é por causa da posição?

Participante 5

Por causa da posição e por causa da numeração também (das legendas), por último.

Pesquisador:

Mais alguma coisa que você queira dizer?

Participante 5

Eu tenho facilidade de guardar as coisas depois que eu leio.

Pesquisador:

Esse título A missão que vai bombardear a Lua tem muito a ver com o texto ou é mais para chamar atenção?

Participante 5

Acho que é mais pra chamar atenção, porque na verdade o objetivo da reportagem é falar da água na Lua e não falar que vai, se você olhar isso aqui (título) você acha que eles vão destruir a Lua, bombardear a Lua?

Pesquisador:

Aí talvez seria o ponto de vista do autor? Se ele escrevesse o texto falando que a missão poderia estragar a Lua, aí seria um ponto de vista.

Participante 5

Com certeza! Seria um ponto de vista.

Participante 6

Infográfico 5 Tchou, Sujeira

Duração da leitura: 5 min 30s

Localização da página: rápida e sem dificuldades

Descrição da leitura:

Observa rapidamente toda a página. Inicia a leitura pelo título e texto introdutório. Dá rápidas olhadas para a imagem central. Passa à leitura das legendas. Primeiro a do chiclete grudável e Ruas silenciosas logo abaixo o texto introdutório. Lê as legendas abaixo na página. Passa para a segunda página e lê as legendas da parte de cima. Passa para as legendas abaixo na página

Respostas às perguntas:

Pesquisador: Pergunta 1

Você já leu textos parecidos com este? Com que frequência?

Participante 6

Já li, já li uns Superinteressante. Não, costume (de ler) não, eu já li algumas vezes.

Pesquisador:

Na internet, em jornal textos com imagens?

Participante 6

Já li, quando eu era pequeno eu lia outra revista.

Pesquisador: Pergunta 2

Ao se deparar com o infográfico, o que lhe chamou mais atenção? Por que você acha que foi assim?

Participante 6

Ué, o que me chamou a atenção foi a imagem assim, que ela fala um texto pequeno aqui (texto introdutório) falando sobre o que é, e depois mostra a imagem pra você entender melhor. Ah porque é assim, quando você se depara com uma coisa mais fácil de você entender, aí prefiro entender pela imagem.

Pesquisador:

Você acha mais fácil entender pela imagem?

Participante 6

É.

Pesquisador: Pergunta 3

Por qual parte do infográfico você iniciou a leitura? Depois passou para qual parte até chegar ao final?

Eu comecei por aqui (texto introdutório) e depois fui lendo aqui (as legendas). (Ele indicou a sequência esquerda/direita e do alto para baixo na leitura das legendas, que não possuem numeração)

Pesquisador: Pergunta 4

Se você começasse por outra parte, seria possível entender o texto do mesmo modo? Por quê?

Participante 6

Não eu acho que essa parte aqui (texto introdutório) eu teria que ter lido antes né? Pra entender do que se trata. E depois aqui (legendas) a ordem tanto faz.

Pesquisador:

Mas a primeira parte que você viu mesmo foi a imagem, não foi isso que você disse?

Participante 6

Foi .

Pesquisador: Pergunta 5

Qual parte da imagem você observou primeiro? Por quê?

Participante 6

Que eu observei primeiro? Foi essa parte aqui, do carro (apontando para o carro). E depois eu vi essa aqui (apontando para o filtro de ar, mais ao centro da imagem do infográfico) esse zoom aqui.

Pesquisador:

Tem outros zooms aí?

Participante 6

Tem mais um aqui (apontando para a imagem da legenda que trata da roupa antifedor, abaixo no infográfico) como se fosse dentro do ônibus e desse caminhão aqui (apontando para o caminhão de lixo à direita da imagem do infográfico).

Pesquisador:

Você não estranhou isso aí não, esse zoom? Não foi diferente, esquisito ver esses zooms? Não atrapalhou?

Participante 6

Não.

Pesquisador:

Sai daqui a mesma imagem (sai da imagem central) ampliada, parece que é só pra isso?

Participante 6

É só pra isso.

Pesquisador:

E ajudou?

Participante 6

Ajudou é como isso representa uma cidade, e cada coisa falando aqui ó tem um zoom pra representar o que tá explicando no texto.

Pesquisador:

E se não fosse assim, não tivesse zoom? Ia ser mais fácil mais difícil (ler)?

Participante 6

Não, ia ser mais difícil, mas não ia ser impossível.

Pesquisador: Pergunta 6

Você observou primeiro as imagens maiores ou as ampliadas? **(Já foi respondida)**

Pesquisador: Pergunta 7

Houve alguma parte do infográfico que você não entendeu? Por quê?

Participante 6

Que eu não entendi, não. Não é um vocabulário difícil e foi bem conectado aqui, tudo pra facilitar a leitura.

Pesquisador:

O que você chama de conectado?

Participante 6

Ah! Já tem tudo aqui (texto introdutório) me explicando onde já tem, como funciona aí você vai lendo assim tipo por tópico, fica mais fácil.

Pesquisador:

E a imagem também não tem nada difícil nela?

Participante 6

Não.

Pesquisador:

O diferente dela é o zoom, você disse que o zoom foi tranquilo..

Participante 6

Até ajudou né? No caso dessa janela aqui (janela dos prédios autolimpantes de onde sai a explicação de como ele funciona) nunca que eu ia conseguir ver, né?

Pesquisador: Pergunta 8

(O que tornou a leitura do infográfico fácil ou difícil? Por quê? Respondida anteriormente).
Confirmando: Então você achou fácil a leitura do infográfico?

Participante 6

Achei fácil.

Pesquisador: Pergunta 9

Você precisaria ler outro texto para entender as informações presentes nesse infográfico?

Participante 6

Não, não, tudo que parece que vai causar dificuldade de entendimento eles colocam um aviso antes, uma informação.

Pesquisador: Pergunta 10

De que trata o infográfico?

Participante 6

Ele fala sobre métodos que já são sendo usados ou vão ser usados numa cidade pra diminuir o nível de poluição sonora, poluição do ar, todo tipo de poluição. Explica os métodos.

Pesquisador:

Gostou do texto?

Participante 6

Gostei. Achei bem interessante.

Pesquisador: Pergunta 11

Sem as imagens seria mais fácil ou mais difícil de entender as informações?

Participante 6

Ia ser mais difícil. Ia ser mais trabalhoso você imaginar uma coisa, sendo que já tem aqui pronto, só você olhar, né?

Pesquisador:

E sem o texto escrito?

Participante 6

Aí eu não ia entender nada.

Pesquisador:

Resumindo você pode falar que o texto é bom porque tem o texto escrito e as imagens?

Participante 6

É, tem as duas, uma completa a outra.

Pesquisador: Pergunta 12

Qual foi o objetivo dos autores ao produzir esse infográfico? Você acredita que eles conseguiram alcançá-lo?

Participante 6

Ele queria passar a mensagem de... passar essa informação de que já tá tendo uma novas técnicas já pra diminuir o nível de poluição, informar. Conseguem (o objetivo).

Pesquisador: Pergunta 13

Você confia nas informações desse infográfico? Por quê?

Participante 6

Confio, ah porque tá tudo tão bem explicado, que parece que nada foge do que eu conheço previamente.

Pesquisador:

Qual dessas tecnologias você acha mais interessante?

Participante 6

Eu achei essa do chiclete aqui (apontando para a legenda que explica o chiclete que não gruda). Achei mais interessante assim, porque não gruda na calçada, não gruda no sapato, não gruda em lugar nenhum.

Pesquisador: Pergunta 14

O infográfico expressa algum ponto de vista acerca do assunto tratado? Por que você acha que isso acontece?

Participante 6

É, às vezes, por exemplo, aqui (aponta para a legenda da roupa antifedor) “e você não fica fedendo” isso é como se fosse um comentário do autor, né?

Pesquisador:

Você lembra se tem outras aí?

Participante 6

Por exemplo, esse aqui, (aponta para a legenda do aspirador de poluição) “seriam suficientes para limpar a avenida paulista” tipo ele usou uma coisa pra gente entender melhor, “e sem ficar gritando pela rua” (legenda de coleta robótica) com se fosse meio humor

Pesquisador:

Por que você acha que ele faz assim?

Participante 6

Ah! Fica uma leitura mais, uma leitura melhor, mais agradável, né? Colocar um pouco de humor no texto.

Pesquisador:

Mais o que torna agradável a leitura desse texto?

Participante 6

Tá tudo explicado, você não tem que se esforçar demais pra entender a coisa. A imagem ajuda demais.

Pesquisador:

Você não estranhou o layout da página?

Participante 6

Não.

Pesquisador:

A imagem estar meio de lado? A posição das legendas?

Participante 6

Não interfere, porque não são assuntos que tem que dar uma continuidade, cada um é cada um.

APÊNDICE III

Análise da integração entre os modos verbais e visuais do infográfico 11 – Insurgência Máxima

Analisamos a metafunção ideacional do modo verbal do infográfico Insurgência máxima, seu texto introdutório e as legendas. Acreditamos que a análise dessa metafunção, cuja função é representar o mundo, suas ações, estados, abstrações, consciência, basta para que possamos integrar o modo verbal como o visual.

Metafunção ideacional – o verbal

Texto introdutório

Blindados militares americanos atravessam uma rua estreita de uma cidade em ruínas. Os pedestres vão escasseando e de repente uma bomba enterrada é detonada, destruindo o primeiro veículo do comboio. Quando os soldados se dão conta, surgem insurgentes armados de todos os lados e eles ficam cercados. Essa emboscada pode estar acontecendo agora, em algum lugar do Iraque.

Da invasão de 2003 para cá, apesar da segurança ter melhorado, ainda ocorrem muitas emboscadas, onde os explosivos artesanais são as grandes estrelas (ver na tabela ao lado). Essa fragilidade é mais aparente em Mosul, 390 km ao norte de Bagdá. Insurgentes árabes sunitas transformaram a cidade curda em um centro de atentados anti-americanos. O sargento Tim Carter, baseado no local e sobrevivente de 6 emboscadas, diz: “É difícil diferenciar um insurgente de um civil. Um garoto pode cumprimentar você e dali a pouco lhe lançar uma granada”.

Nestas páginas, um cenário que explica por que os americanos querem o fim da guerra. 5

1º Parágrafo

Blindados militares americanos	atravessam	uma rua estreita	de uma cidade	em ruínas.
Ator	Processo Material	Meta	Escopo	Circunstância de Qualidade

Os pedestres	vão escasseando
Ator	Processo Material

e	de repente	uma bomba enterrada	é detonada,
conectivo	Circunstância de tempo	Ator do grupo verbal a seguir: “destruindo”	Processo material passivo

destruindo	o primeiro veículo do comboio.
Processo material	meta

Quando	os soldados	se	dão conta,
Conectivo	ator	Meta	Processo material

surgem	insurgentes armados	de todos os lados
Processo material	ator	Circunstância de localidade

e	eles	ficam	cercados
conectivo	Portador	Processo relacional atributivo	atributo
		Circunstancial	

Essa emboscada	pode estar acontecendo	agora,	em algum lugar do Iraque
Ator	Processo material	Circunstância de tempo	Circunstância de localidade

O primeiro parágrafo é constituído praticamente pelo processo material, que representa o fazer e o acontecer, possui ideia de ação, muito próximo do processo narrativo do visual. Aliás, esta será a primeira aproximação que faremos entre o visual e o verbal: o primeiro parágrafo é uma tentativa de dar dinamicidade à figura do infográfico.

Ao analisarmos os grupos verbais dos processos, perceberemos que estão no presente. Os grupos nominais dos atores nomeiam eventos que acontecem na cena do infográfico como *Blindados militares, os soldados, uma bomba enterrada, insurgentes armados*. O ator da última oração é um grupo nominal cujo núcleo é a coisa representada pelo substantivo *emboscada*. Esse núcleo é introduzido por um dêitico específico *Essa*. Elementos como os

dêiticos possuem a função de situar o leitor no espaço-tempo, neste caso indicar que a ação narrada anteriormente é considerada uma emboscada. As circunstâncias apontam para a ambientação do espaço-tempo, situando o leitor, o que já é feito na figura.

Apontar o primeiro parágrafo como uma tentativa de criar a noção de movimento na figura do infográfico é o argumento que encontramos para justificar a contrariedade do princípio segundo o qual o texto verbal não traz as mesmas informações do visual em textos em que os modos ocorrem juntos. Como afirmamos antes, esses dois modos possuem suas vantagens e limitações. O visual é mais propenso a imagens estáticas, já o verbal possui condições de representar movimento.

2º parágrafo

Da invasão de 2003 para cá,
Circunstância de tempo

apesar de	a segurança	ter melhorado,
Conectivo	Ator	Processo material

ainda	ocorrem	muitas emboscadas,
Conectivo	Processo material	Ator

onde	os explosivos artesanais	são	as grandes estrelas
Conectivo	Característica/identificado	Processo relacional identificativo intensivo	Valor/identificador

Essa fragilidade	é	mais aparente	em Mosul,
Portador	Processo relacional atributivo intensivo	Atributo qualidade	Circunstância de localidade

390 Km ao norte de Bagdá.
Circunstância de distância

Insurgentes árabes sunitas	transformaram	a cidade curda	em um centro de atentados antiamericanos.
Ator	Processo material	Meta	Atributo de resultado

O sargento Tim Carter, baseado no local e sobrevivente de 6 emboscadas,	diz:
Dizente	Processo verbal

É	difícil	diferenciar um insurgente de um civil.
Processo relacional identificativo intensivo	Valor/identificador	Característica/identificado

Um garoto	pode cumprimentar	you
Ator desta e da próxima oração	Processo material	meta

e	dali a pouco	lhe	lançar	uma granada.
Conectivo	Circunstância de tempo	recipiente	Processo material	meta

O segundo parágrafo apresenta um ponto de vista a respeito do fato narrado no primeiro. Há o uso do processo relacional, que atribui e identifica. Na oração “onde os explosivos artesanais são as grandes estrelas” temos o processo relacional identificativo intensivo. Esse processo possui dois participantes Característica/valor e identificado/identificador. Neste caso, temos o grupo nominal *os explosivos* como característica/identificado e o grupo nominal *as grandes estrelas* como valor/identificador. Há relação de equivalência entre eles. A anteposição do epíteto *grandes* ao núcleo *estrelas* deixa-o interpessoal, como uma avaliação pessoal do locutor, ainda mais reforçada pelo uso do dêitico específico o artigo *as*. (Halliday, 2004, p. 319)

Outra oração também utiliza o processo relacional, porém, atributivo. Em “Essa fragilidade é mais aparente em Mosul” Essa fragilidade é portador e mais aparente é atributo. O grupo nominal Essa fragilidade possui um determinante específico, que no discurso retoma o fato anterior, introduzindo um núcleo que tem como origem um epíteto – fragilidade- frágil – epítetos nessa posição têm função de pós-dêitico, ou seja, também ajuda o leitor a se situar

no espaço-tempo. Há uso de outro epíteto no grupo nominal atributo *mais aparente*. O epíteto *aparente* é intensificado com o *mais*. Quando se usa um epíteto como núcleo do participante atributo, este é classificado como de qualidade. Isso denota avaliação do locutor sobre o que diz.

Ambas as orações são relacionais. Possuem estruturas idênticas: dois participantes formados por grupos nominais e um grupo verbal formado por verbo de ligação. No entanto, é possível diferenciá-las entre relacionais atributivas e identificativas seguindo o princípio da reversibilidade (Halliday, 2004, p. 215), de acordo com o qual nas orações do processo relacional identificativo podemos inverter os participantes, o que não é possível no processo relacional atributivo. Não é comum ouvir: “Mais aparente em Mosul é essa fragilidade”. Gramaticalmente está correta, contudo temos que frisar o princípio da gramática sistêmico-funcional de estudar a língua em uso, corrente, que aceita “onde as grandes estrelas são os explosivos artesanais” ou “onde os explosivos artesanais são as grandes estrelas” ambas do processo identificativo.

Apesar dessa diferença, as duas são intensivas, pois se centram no que o portador é como atributo ou valor dele.

Trabalhamos essas duas orações não apenas para demonstrar como esse parágrafo é do sendo e não do fazendo e acontecendo como no processo material, além de ser mais opinativo em relação ao outro, mas também para exemplificar como é o processo relacional, predominante no modo verbal do infográfico, como veremos ao analisarmos as legendas.

Outro processo que aparece neste parágrafo é o verbal para introduzir uma citação. Nas considerações, veremos mais sobre o posicionamento do locutor do infográfico.

3º Parágrafo

Nestas páginas	um cenário que	explica
Circunstância de lugar	Ator	Processo material

por que	os americanos	querem	o fim da guerra.
conectivo	Experienciador	Processo mental desiderativo	fenômeno

O parágrafo final termina com uma circunstância de lugar funcionando como dêitico, fazendo referência à imagem do infográfico e um processo mental, o processo do sentir. Os participantes são o experienciador e o fenômeno. É desiderativo porque o grupo verbal formado pelo verbo querer é usado com o argumento de desejo.

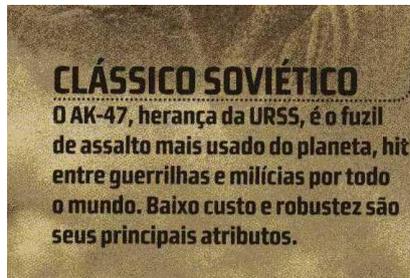
Legenda 1



O RPG (granada disparada por foguete, na sigla em inglês)	é	um lançador de explosivos simples e com múltiplas aplicações.
Portador desta oração e ator da seguinte	Processo relacional atributivo intensivo	Atributo

(é) Usado	para abater de veículos blindados a helicópteros de ataque.
Processo material passivo	escopo

Legenda 2



O AK-47, herança da URSS,	é	o fuzil de assalto mais usado do planeta, hit entre guerrilhas e milícias por todo o mundo.
---------------------------	---	---

Característica/identificado	Processo relacional identificativo intensivo	Valor/identificador
-----------------------------	--	---------------------

Baixo custo e robustez	são	seus principais atributos.
Valor/identificador	Processo relacional identificativo intensivo	Característica/identificado

Legenda 3



Uma das virtudes	que	a falta de recursos	inspira	é	a criatividade:
Característica/identificador	meta	Ator	Processo material	Processo relacional identificativo intensivo com equivalência entre os participantes	Valor/identificado

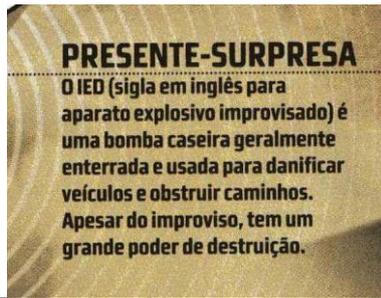
o explosivo dos insurgentes	é acionado	por um celular modificado
meta	Processo material passivo	Ator

que	“liga” direto	para o detonador.
Ator	Processo material	meta

A montagem da bomba	pode ser feita	com ferramentas comum,
meta	Processo material passivo	Circunstância de meio e meta da oração seguinte

(são) encontradas	em qualquer loja de eletrônicos.
Processo material passivo	Circunstância de localidade

Legenda 4



O IED (sigla em inglês para aparato explosivo improvisado)	é	uma bomba caseira	geralmente enterrada
Portador	Processo relacional atributivo intensivo	Atributo e meta dos 2 processos passivos a seguir e ator dos 2 últimos, ativos e ainda portador do atributo de posse.	Processo material passivo

e	usada	para	danificar	veículos	e	obstruir	caminhos.
conectivo	Processo material passivo	Conectivo	Processo material ativo	meta	conectivo	Processo material ativo	meta

Apesar do imprevisto,	tem	um grande poder de destruição
Circunstância de concessão	Processo relacional atributivo possessivo	Atributo de posse

Legenda 5



Veículos	são usados	para	formar	barricadas
Meta	Processo material passivo	conectivo	Processo material ativo	Meta

ou	fazer	“delivery” de insurgentes.
Conectivo	Processo material ativo	meta

Ambulâncias		são		os favoritos:
Característica/identificado		Processo relacional identificativo intensivo		Valor/identificador
elas	provocam	hesitação	nos soldados americanos,	
Ator	Processo material	Meta	escopo	

que	perdem	segundos preciosos.
Ator	Processo material	meta

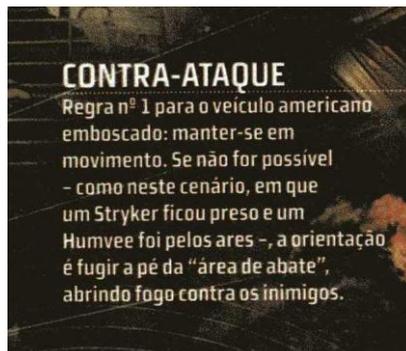
Legenda 6



Áreas urbanas	são	ideais para a preparação de uma emboscada:	proporcionam	espaços restritos e inúmeros locais
Portador e ator do processo material seguinte	Processo relacional atributivo intensivo	Atributo de qualidade	Processo material	meta

onde	os atacantes	encontram	esconderijo e proteção.
Conectivo	Ator	Processo material	meta

Legenda 7



Regra nº 1 para o veículo americano emboscado:	manter	se	em movimento
Ator	Processo material	meta	Escopo
Portador da oração seguinte			

Se	não for	possível, -
conectivo	Processo relacional atributivo circunstancial	Atributo de circunstância

como neste cenário, em que	um Styker	ficou	preso
Circunstância de comparação	Portador	Processo relacional atributivo circunstancial	Atributo de circunstância

e	um Humvee	foi	pelos ares -,
Conectivo	Portador	Processo Relacional atributivo intensivo	atributo

a orientação	é	fugir a pé	da área de abate,
Característica/identificado	Processo relacional identificativo intensivo	Valor/identificador	Circunstância de local

abrindo fogo contra os inimigos.
Circunstância de modo

Nas legendas, vemos o uso predominante de orações do processo relacional, que serve para caracterizar e identificar, são concebidos pelo sendo, representando mais o estático. Há também o uso de orações do processo material, entretanto, elas cumprem a função de descrever, exemplificando, o que é uma limitação para o processo relacional, considerado estático. Essa relação entre material e relacional é comentada por Halliday (2004, p. 216).

Além do mais, ao analisarmos a imagem do infográfico, veremos que as legendas são processos encaixados em elementos do visual. Defenderemos que as legendas são processos encaixados nas circunstâncias de meio e local da imagem do infográfico.

Metafunção ideacional – o visual

Na imagem do infográfico, temos como processo maior uma ação transacional bidirecional. O processo é de ação porque há vetores partindo dos participantes, que possuem papel duplo – atores e metas ao mesmo tempo –. Por causa desse duplo papel, nesse processo, os participantes são chamados de inter-atores. Por haver atores e metas o processo é classificado como transacional.

Os inter-atores desse processo na imagem são os chamados insurgentes pelo infográfico e os soldados americanos. Essa relação entre primeiro plano, centro e fundo define a posição dos participantes no cenário, ajudando a defini-los como participantes. Como vemos os primeiros atiram nos segundos e vice-versa. Os vetores partem dos inter-atores insurgentes até os soldados americanos, que são as metas, ao mesmo tempo em que há vetores partindo dos soldados americanos até os insurgentes, que passam a ser metas também, por isso o processo é bidirecional.

As circunstâncias de meio são os instrumentos usados pelos participantes no processo de ação, ou seja, o instrumento de onde parte o vetor. No infográfico, esses instrumentos são as armas utilizadas pelos insurgentes e americanos. É delas que partem os vetores. Aliás, os vetores são potencialmente definidos pelas linhas de fogo amareladas que partem das armas.

Como circunstância locativas, entendemos o posicionamento de um participante em relação a outro, a criação do cenário. Na imagem, temos como circunstância de local o cenário de combate em uma rua. O inter-atores insurgentes estão posicionados no primeiro plano e ao centro os soldados americanos e no fundo outros participantes. Essa relação entre primeiro plano, centro e fundo define a posição de atacantes dos insurgentes e vítimas dos americanos, que, no entanto, se defendem.

No fundo, localizados no alto dos escombros de um prédio, temos outros participantes, que funcionam como circunstâncias e não atores. Embora estejam, alguns, projetando vetores, eles estão numa posição que reforça a ideia de cerco ou emboscada, como utilizado no infográfico, aos americanos. Isso ocorre com a ambulância, também posicionada ao fundo. O veículo em explosão, meta de outro processo encaixado neste como veremos depois, é um participante localizado a frente do veículo central e muito a frente da ambulância. Essa posição também indica a posição “sem saída” dos americanos na emboscada. Isso também

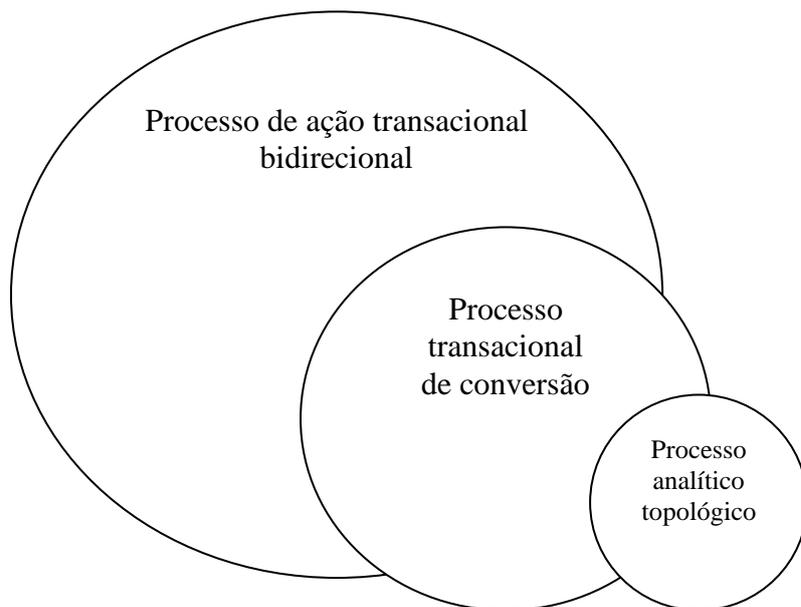
demonstra que, embora o processo bidirecional seja simultâneo, não é proporcional. A posição dos inter-atores americanos sugere desvantagem, apesar de também serem atores.

Essas circunstâncias locativas também definem qual é o processo maior nessa estrutura que Kress e Van Leeuwen, (2006, p. 109) chamam de estrutura multidimensional, isto é, processos encaixados em outros processos.

No canto direito do infográfico, no primeiro plano, temos um outro processo encaixado no processo que apresentamos acima. Trata-se de um processo de conversão, formado por um ator – insurgente que segura um celular –, um revezador – a bomba – e a meta – veículo em explosão –. O processo de conversão tem como característica principal o participante revezador que é ator de um processo e meta de outro. Primeiro temos um vetor partindo do insurgente até a bomba e outro vetor da bomba ao carro em explosão.

Como circunstância de modo, temos o celular na mão do insurgente de onde parte um vetor em forma ondas. Kress e Van Leeuwen, (2006, p. 71) chamam esse tipo de vetor de amplificado, que sugere frequência. Visualmente, o vetor entre a bomba e o veículo é representado pelo amarelo da explosão debaixo do participante.

Ainda menor, há outro processo encaixado a esse. A estrutura do desenho da bomba é analítica topológica. Há uma relação de representação entre o todo/portador – a bomba – e suas partes/atributos possessivos, nomeadas verbalmente por grupos nominais. A estrutura multidimensional da imagem do infográfico é representada no esquema abaixo:



Estrutura multidimensional do infográfico 11: Insurgência máxima

Metafunção interpessoal – a interação no visual

Nossa análise abordará a metafunção interpessoal da imagem presente no infográfico “Insurgência máxima”. Utilizaremos os critérios apresentados acima, a fim de verificar como foi estabelecida duas das três relações entre os participantes:

- 1- Relações entre participantes interactantes e representados.
- 2- Relações entre participantes interactantes.

A tabela abaixo procura expor a configuração dos elementos de interação no infográfico Insurgência máxima na relação entre Participantes Interactantes e Representados. Para análise das Relações entre Participantes Interactantes – produtor e leitor/expectador –, é preciso relacionar estes critérios da tabela, por isso teremos que fazer uma multianálise.

Relações entre P. I. e P. R. no infográfico Insurgência máxima				
Elemento de interação	Tipo		Presença	Representação
Contato	Oferta		X	Abstinência de olhar ao expectador
	Demanda		—	Olhar ao expectador
Distância	Íntima		—	Pouca distância
	Social		—	Média distância
	Pública		X	Muita distância
Atitude	Imagem	Subjetiva	X	Visão única do P.R.
		Objetiva	—	Visão variada do P.R.
	Envolvimento		X	Ângulo frontal
	Distanciamento		—	Ângulo oblíquo
	Poder do P.I.		—	Ângulo alto
	Equidade		X	Ângulo no nível dos olhos
	Poder do P. R.		—	Ângulo baixo
Modalidade	Marcadores de modalidade		Nível	Nível de modalidade
	Cores	Saturação	Média	Alta
		Diferenciação	Média	Alta
		Modulação	Média	Alta
	Contextualização		Sim	Alta
	Representação		Completa	Alta
	Profundidade		Sim	Alta
	Iluminação		Sim	Alta
Brilho		Variado	Alta	
Orientação do código	Meio social de avaliação		Orientação	Características
	Tecnológico		—	Abstinência de cores
	Sensorio		—	Abuso de cores
	Abstrato		—	Arte abstrata
	Naturalístico		X	Padrão fotográfico

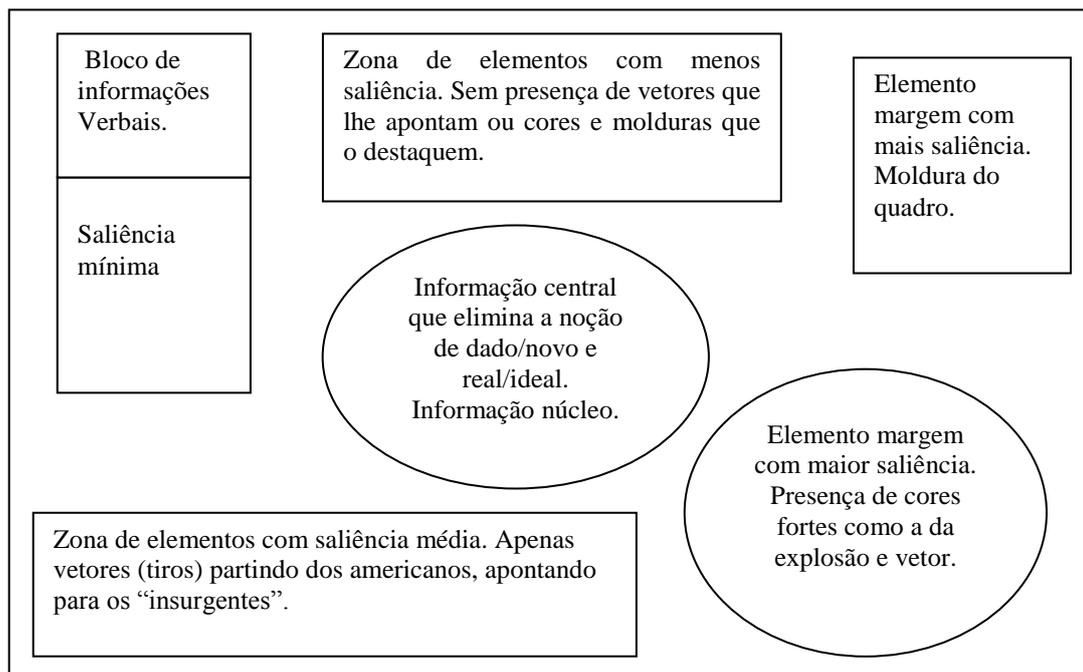
Relações entre P. I. e P. R. no infográfico Insurgência máxima

A partir da leitura da tabela, observamos uma configuração de modos semióticos que busca a imparcialidade do produtor a respeito do que diz. Os participantes representados estão, em relação aos participantes interactantes, em posição de oferta, a uma distância pública, em posição de equidade de poder e em posição frontal. A orientação ao código é naturalístico, próximo ao padrão fotográfico, por isso a configuração dos marcadores de modalidade apresenta um nível alto. O leitor/expectador é direcionado a uma cena em ação, para ver como é e como se faz “uma emboscada aos americanos no Iraque”. Portanto, a relação entre os participantes interactantes é didática. Aliás, essa é a função dos infográficos, sobretudo os didáticos.

Não obstante essa configuração sugerir uma busca por imparcialidade, apenas informar como são as emboscadas aos americanos no Iraque, a imagem do infográfico é subjetiva. O expectador é posicionado em um ponto de vista a partir do qual é possível obter apenas uma visão dos participantes representados. Embora todos esses participantes estejam em posição de oferta em relação aos participantes interactantes, aqueles chamados de insurgentes pelo infográfico estão sob o ponto de vista de atacantes, e os americanos, sob o ponto de vista de vítimas que se defendem. Obviamente, essa seria a única opção de representação possível para responder a pergunta título, afinal, os insurgentes iraquianos são os atores da emboscada e os americanos são os alvos. Porém, ao considerarmos todo o infográfico, principalmente o texto introdutório, encontraremos uma posição ambígua do enunciador em relação ao conflito representado no infográfico Insurgência máxima.

Metafunção textual – a composição no visual

As zonas de informações do infográfico Insurgência máxima são centradas pelo modo centro-margem. O bloco de elementos centrais traz a informação núcleo, neste caso o pelotão americano sob ataque, juntamente com o veículo militar. Essa posição central do elemento já lhe garante saliência em comparação com os elementos da margem. Por causa disso, as relações de dado/novo e real/ideal não estão presentes no infográfico. Os elementos das margens ganham status de elementos dependentes do elemento central. No esquema abaixo, ilustramos isso:



Configuração das zonas de informação no Infográfico 11: Insurgência Máxima

Há elementos nas margens que possuem mais saliência do que outros, seja pelo uso de cores fortes, molduras de quadros definindo zonas de informações, seja por vetores que lhes são apontados. Há ainda pequenos blocos de informações verbais – legendas – espalhados pelo infográfico, relacionadas aos elementos visuais.

Em relação ao frame, para os padrões de imagem naturalística, há um máximo de desconexão dos elementos, ou seja, a separação entre os elementos é potencialmente definida, principalmente pelo posicionamento dos participantes representados, assim como pela projeção de vetores.

Essa composição centro-margem pode gerar caminhos de leitura hipertextuais, à escolha do leitor. Como a relação dado/novo foi eliminada, juntamente com a baixa saliência do bloco de informações verbais, que ocuparia a posição de dado caso ela houvesse, o elemento que deve orientar a leitura será o elemento centro. Partindo desse ponto, o leitor pode seguir para os elementos das margens, provavelmente àqueles cujas saliências sejam maiores. Após escanear esses elementos, leria o bloco de informações verbais.

APÊNDICE IV

Questionário de interpretação para o participante sobre o infográfico 11

Obrigado por participar desta pesquisa! Sua participação é muito importante para nós, por favor, responda a todas as questões e com letra legível.

Nome: _____

INSTRUÇÃO: Com base na leitura do material entregue por nós, responda às questões de 1 a 8.

QUESTÃO 01

Segundo o infográfico, a principal arma que mais mata americanos no Iraque é

- a) AK-47
- b) Lança granadas
- c) Bombas
- d) Homens bomba

QUESTÃO 02

Enumere os itens abaixo de 1 a 4 a parte do infográfico que, na sua opinião, melhor explicita o tema dele. (1 para o que mais explicita e 4 para o que menos explicita)

() as imagens () o título () o texto introdutório () as legendas

QUESTÃO 03

Produza um texto, contando o infográfico para uma pessoa que não o leu.

QUESTÃO 04

Cite e explique quais partes da imagem do infográfico sugerem a posição de cercados dos americanos?

QUESTÃO 05

Qual seria sua reação se observasse a cena do infográfico dos seguintes pontos de vista:

- a) Do veículo americano

- b) Da ambulância ao fundo:

c) De um helicóptero da imprensa:

d) Ao lado dos iraquianos:

QUESTÃO 06

A partir da leitura do infográfico, defina quem são

a- as vítimas:

b- os insurgentes:

c- os invasores:

d- os inimigos:

Você concorda com essa definição? Por quê?

QUESTÃO 07

Qual é o sentido das palavras e expressões em negrito usadas pelo locutor do infográfico?

a) “(...) os explosivos artesanais são as **grandes estrelas**.”

b) “O fuzil de assalto mais usado do planeta, **hit** entre guerrilhas e milícias (...)”.

c) “(...) a orientação é fugir a pé da ‘**área de abate**’”.

d) “O Iraque está **bombando**.”

QUESTÃO 08

Considerando-se o que acontece na cena do infográfico e o objetivo dele, responda:

As palavras e expressões das frases da questão 07 são adequadas ao assunto tratado no infográfico? Justifique sua resposta.

APÊNDICE V

Respostas às questões 04 e 05 do Questionário de Interpretação

Citação de elementos por participante Questão 04						
Participantes	Elementos que sugerem o cerco aos americanos					
	Insurgentes primeiro plano	Veículo explosão lado.	em ao	Construções insurgentes posicionados nelas.	e Ambulância	Posição central dos americanos
PQ1	X	X		X		
PQ2				X		X
PQ3	X			X	X	X
PQ4	X			X	X	
PQ5				X		
PQ6				X	X	
PQ7				X		X
PQ8	X	X		X		X
PQ9				X		X
PQ10	X	X		X		
PQ11	X	X		X		
PQ12	X	X		X		
PQ13	X			X	X	X
PQ14				X		
PQ15	X					
PQ16	X			X		X

Citação de elementos por participante

Pontos de vista sobre a cena do infográfico Questão 05				
Participantes	Posicionamento			
	Do veículo americano	Da ambulância ao fundo	De um helicóptero da imprensa	Ao lado dos iraquianos
PQ1	A reação de surpresa	Reação de desespero	Reação de constrangimento	Reação de medo
PQ2	Revolta	Desânimo por não encontrar utilidade	Buscar escrever a notícia da semana	Vingança
PQ3	Eu preferiria não estar ali	Quando ela começasse a receber o contra-ataque americano, eu fugiria	Estaria surpreso e curioso, permaneceria no lugar se não visse grandes riscos	Me Sentiria em posição privilegiada
PQ4	Reagiria atirando em qualquer coisa que respire	Ficaria escondido e após certa segurança atacaria o inimigo	Reagiria com um telespectador torcendo pra que todos morram	Atiraria sem dó e piedade nos americanos, com muita vontade.
PQ5	Possivelmente pavor por imaginar tal cena	Semelhante a resposta anterior	Semelhante a primeira	Surpresa
PQ6	Ficaria desesperado e tentaria fugir	Me esconder e tentar fugir	Ficaria impressionado	Os americanos estão ferrados
PQ7	Estaria em pânico	Ficaria bastante assustado	Eu ficaria impressionado com a cena	Eu me sentiria forte para enfrentar a guerra
PQ8	Fudeu!	Tenho que sair logo daqui	Aquilo pode dar uma boa matéria	Não deixa o americano fugir. Mata!
PQ9	Tentaria sobreviver	Tentaria fugir	Tentaria narrar a cena de forma sensacionalista	Mataria o máximo de americano
PQ10	Espanto, medo	Desespero	Susto, empolgação	Raiva, desespero
PQ11	Seguiria a regra nº 1 para veículo americano em emboscada (manter-se em movimento)	Correr e atirar	Filmaria ou fotografaria a cena	Atiraria nos americanos
PQ12	Correria	Fugia	Admirava a paisagem	Atiraria
PQ13	Procurar um local para me proteger e combater o inimigo	Utilizaria do elemento surpresa e causaria o máximo de danos possíveis	Filmar tudo	Buscar acertar o maior número de americanos
PQ14	Tentaria fugir	Tentar resgatar alguns feridos	Sairia do local imediatamente	Fugiria

PQ15	Reação de sobrevivência, por estar sendo atacado	Preparando-se para atacar os americanos	Observando o ataque e documentando	Rezando para não morrer
PQ16	Me sentiria intimidado pelos insurgentes	Me sentiria avantajado em relação aos americanos, mas sem visão de todo o ambiente da emboscada	Observaria toda a situação com uma certa neutralidade	Me sentiria avantajado em relação aos americanos.

Pontos de vista sobre a cena do infográfico 11